

Minha Terra

APOIO



COORDENAÇÃO TÉCNICA



INICIATIVA



educarede
Um programa da Fundação Telefônica

INICIATIVA
FUNDAÇÃO TELEFÔNICA
Sérgio Mindlin
Andrea Bueno Buoro
João Mendes Neto

REALIZAÇÃO
CENPEC – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA

COORDENAÇÃO DO PROJETO
Priscila Gonsales
Mílada Tonarelli Gonçalves

COORDENAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
Liliana Sousa e Silva

APOIO DE PRODUÇÃO
Clarissa Santaliestra
Elaine Salha
Mônica Schroeder
Priscila Evaristo

LEITURA CRÍTICA
Ana Regina Carrara

COMUNIDADE VIRTUAL MINHA TERRA
Claudemir Edson Viana (coordenação)
Mary Grace Martins (mediação pedagógica)
Airton Dantas (formação presencial)

EDITORAS
Renata Borges
Noelma Brocanelli

ASSISTENTES EDITORIAIS
Carolyni Brito
Viviane Akemi Uemura

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E CAPA
Alfredo Carracedo Castillo

PREPARAÇÃO DE TEXTOS
Luciana Tonelli

REVISÃO DE TEXTOS
Lúcia Nascimento

Copyright © 2008 by Fundação Telefônica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Minha Terra / coordenação técnica CENPEC . – São Paulo: Peirópolis, 2008.
Iniciativa: Telefônica.
ISBN 978-85-60195-04-6 (Fundação Telefônica)
ISBN 978-85-7596-136-0 (Editora Peirópolis)

1. Internet (Rede de computadores) na educação
2. Minha Terra (Comunidade virtual)
3. Textos – Coletâneas I. CENPEC.

08-01028

CDD-370.2854678

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Educação e Internet 370.2854678
2. Internet e aprendizagem: Educação 370.2854678

Editora Fundação Peirópolis Ltda.
Rua Girassol, 128 – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP
Tel.: (5511) 3816-0699
Fax: (5511) 3816-6718
www.editorapeiroppolis.com.br

Fundação Telefônica
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.188 – Conjuntos 33 e 34
Pinheiros – 01451-001 – São Paulo – SP
Tel.: (5511) 3035-1955 – Fax: (5511) 3035-1950
E-mail: fundacao@telefonica.org.br
www.fundacaotelefonica.org.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
CARTA AO LEITOR	5
ENTRE FONTES E PONTES: BEM-VINDOS À COMUNIDADE “MINHA TERRA”	7
UM OLHAR PARA A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA	14
CULTURA E EDUCAÇÃO	17

FESTEJOS E FESTANÇAS 21

Festejos e celebrações no Brasil	23
--	----

VIVER E PRODUZIR 43

Diversidade das formas de trabalho no Brasil	45
--	----

QUEM QUER BRINCAR? 69

O mundo das crianças	71
----------------------------	----

Ô DE CASA! 91

Uma visita à história da moradia brasileira	93
---	----

CULTURA E NOVAS TECNOLOGIAS	115
-----------------------------------	-----

Apresentação

Em todos os países em que atua, o Grupo Telefônica realiza ações concretas para contribuir com o desenvolvimento local e com a melhoria nas perspectivas de futuro de seus cidadãos. É nesse sentido que são executados seus programas de investimento social e cultural. No Brasil, essas ações são conduzidas pela Fundação Telefônica, cuja missão está focada na qualificação da educação pública e na defesa dos direitos das crianças e jovens, preferencialmente por meio da aplicação das tecnologias de comunicação e de informação.

Há seis anos implantado no Brasil, o Portal EducaRede, principal programa da Fundação na área de educação, tem realizado diversas ações para promover a melhoria da educação pública no país. São muitos os desafios. Entre os principais, está o enraizamento da escola em sua comunidade, o que passa, necessariamente, pela apropriação, por parte de professores e de estudantes, da cultura local. O projeto Minha Terra, realizado durante o segundo semestre de 2007, é parte desse programa e reúne experiências de docentes e de alunos que comprovam a importância e o potencial de contribuição efetiva que a inclusão digital oferece à educação e à valorização da identidade cultural.

Esta é a aposta da Telefônica: inovação tecnológica como ferramenta para a educação de qualidade, para a valorização da cultura e para a formação de cidadãos aptos à participação na sociedade. O projeto Minha Terra é um dos resultados concretos do trabalho que vem sendo feito pela Fundação Telefônica e seus parceiros, que tenho a satisfação de compartilhar com você neste livro.

*Antonio Carlos Valente
Presidente do Grupo Telefônica no Brasil*

Carta ao leitor

Com a publicação Minha Terra, a Fundação Telefônica compartilha com a sociedade os resultados de um projeto que aproximou estudantes e professores de todo o Brasil, numa atividade de colaboração proporcionada pelo uso da tecnologia. É com satisfação que apresentamos esta seleção de produções das 1.242 escolas participantes, acompanhadas por textos reflexivos especialmente elaborados para instigar o leitor a pensar sobre essa nova inter-relação: educação, cultura e internet.

Com apoio da Lei de Incentivo à Cultura, o Minha Terra foi desenvolvido a partir do portal EducaRede dessa Fundação, utilizando um ambiente colaborativo com o objetivo de desenvolver projetos de valorização da identidade e da cultura local a partir do olhar dos próprios habitantes. As equipes escolares tornaram-se protagonistas em atividades de pesquisa, de comunicação, de produção e de publicação de conteúdo cultural multimídia para a internet.

O Programa EducaRede é uma iniciativa internacional da Fundação Telefônica presente, nos dias atuais na Argentina, no Brasil, no Chile, na Colômbia, na Espanha e no Peru. No Brasil, a Fundação Telefônica mantém parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) na gestão executivo-pedagógica e com a Fundação Carlos Alberto Vanzolini na coordenação tecnológica. Essa iniciativa tem por missão contribuir para a melhoria da qualidade da educação pública brasileira. Há seis anos, essa parceria promove o uso pedagógico da internet, atua na capacitação de educadores e realiza projetos de intervenção na escola junto com governos locais. Nesse âmbito, uma das principais ações do EducaRede são os projetos de aprendizagem em rede nas Comunidades Virtuais.

Na Comunidade Virtual Minha Terra, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer e de valorizar aspectos da diversidade cultural brasileira, estreitar um canal de comunicação com a comunidade local, além de trocar experiências com colegas das mais diversas regiões, ampliando sua rede de relações. Além disso, promoveu também o desenvolvimento de aprendizagens relativas ao letramento digital: pesquisar na internet, comunicar-se em meio digital e publicar, e tornar-se autor no ambiente virtual.

Na atual sociedade da informação e do conhecimento, o investimento em educação ganha destaque quando assume o compromisso de integrar a dimensão cultural no processo pedagógico e quando propicia oferta igualitária de oportunidades a todos os cidadãos. Ao sistematizar a experiência do Minha Terra, a Fundação Telefônica deseja tornar pública na forma de um produto cultural uma seleção de produções de alunos e professores, obtida graças a uma proposta baseada na busca pela ampliação do acesso dos jovens às novas tecnologias para que sejam capazes de lidar com as múltiplas demandas da sociedade atual.

Boa leitura!

Sérgio Mindlin
Diretor Presidente da Fundação Telefônica

Usuário

Usuário:
Senha:
Entrar

- Esqueci minha senha
- Cadastro no EducaRede
- Fale com o EducaRede
- Quero me inscrever

Ferramentas

- Home da comunidade
- Bate-Papo
- Blog
- Fale com o gestor
- Fórum
- Galeria
- Mochila do Repórter
- Chefe de Redação
- Gestões
- Participantes

Canais

- Comunidades
- Internet na Escola
- Recursos Educativos
- Revista EducaRede
- Serviços



Comunidade Virtual ER - Minha Terra

Participa da Comunidade Virtual

Sobre o Minha Terra

Publicação da reportagem

Já publicou sua pesquisa?



Quer participar da seleção para o **livro**? Publique sua pesquisa até o **dia 31** deste mês! Consulte também nossas na mochila do repórter. Prorrogamos o prazo para publicação de reportagens e imagens até o **dia 18 de novembro** para participarem da que constará do **CD Interativo!**

Inscrições



A inscrição é de cada integrante da equipe de reportagem

Veja as orientações!

Repórteres



Você é aluno?
Clique aqui

Equipes em ação

Quem quer brincar?



Conheça a brincadeira do passa anel, divulgada pelos alunos de Banabuiu-CE

Atividades



Tutorial do projeto
Clique aqui

Chefe de Redação



Você é professor?
Clique aqui

Sobre o Bate-papo de 03/10

Conheça os dois bate-papos já ocorridos



Para conhecer como foram os dois bate-papos de 03/10, acessar em Bate-papo no menu à esquerda, e escolher quer ler.

Conheça as 3 Fases do projeto

- Fase 1 - Monte sua equipe**
Inscrição, apresentação das equipes e planejamento
- Fase 2 - Reportagem em ação**
Pesquisas, entrevistas, registro das atividades e interação
- Fase 3 - Direto à Redação**
Publicação dos textos e imagens nas Galerias dos temas

Divulgue sua produção

Quem quer brincar?



O universo da infância

Brincadeiras, jogos, canções, lendas, memórias

Ô de casa



O universo doméstico

A rotina, os afazeres, as festas e suas histórias

Entre fontes e pontes:

Bem-vindos à comunidade “Minha Terra”

Tririririri, trururururu, tmtom, tmtom, trrrrrrrrr... Assim começa a composição de Lenine e Lula Queiroga, “A Ponte”, que abre o CD *O dia em que faremos contato* (1997): com o ruído da já velha conexão discada da Internet, anunciando a revolução digital que tomou o planeta a partir da década de 90. Interessante no trabalho desses artistas é que, seguindo as picadas abertas por modernistas e tropicalistas, eles mantêm as antenas conectadas nas transformações do mundo contemporâneo – no caso, as pontes virtuais entre povos e culturas proporcionadas pela tecnologia digital – e os pés bem plantados na tradição – a fonte cultural, que lhes dá o alimento para imprimir na modernidade a marca de suas origens pernambucanas.

Pois o exercício de beber da fonte e construir pontes, longe de ser privilégio da arte, é hoje um dos motores para a revitalização cultural de comunidades distantes dos grandes centros urbanos, até então costumeiros emissores de informação e de sentido. A partir do momento em que as populações de cidades menores dominam a tecnologia digital e se apropriam de recursos disponíveis na web, materializam-se no mundo virtual mostrando faces, conceitos, opiniões, valores, objetivos, lutas, criações. Contam histórias e registram memórias.

O contexto brasileiro conta com o predicado da diversidade, característica que pode ser cotidianamente observada – e, por que não – admirada nos mais variados costumes culturais dos próprios habitantes de uma cidade, como as manifestações de índios e quilombolas, de movimentos populares e grupos de jovens de periferia, de comunidades religiosas, de descendentes de imigrantes, de grupos defensores de causas diversas, só para dar alguns exemplos. Trata-se de um grande movimento para democratizar a comunicação, em contraposição ao monopólio exercido pelas grandes redes de TV, que não raramente retratam povos e falas de forma estereotipada e sempre com um olhar de fora de suas comunidades.

Para que a diversidade de pensamentos e formas de ser e de viver do Brasil faça parte do que hoje é chamado de “cibercultura”, ou seja, uma grande rede de conexão capaz de aproximar os mundos mais longínquos, é preciso que o processo de inclusão digital de pessoas e comunidades se fortaleça. Nesse sentido, o Programa EducaRede desenvolve ações e projetos de inclusão digital especialmente no espaço da escola pública, promovendo e apoiando iniciativas governamentais que visam promover o letramento digital de alunos e professores.

Projeto Coisas Boas: inspiração

O projeto “Minha Terra” foi inspirado em experiências anteriores do Programa EducaRede, concebidas com o objetivo de disseminar o uso pedagógico da Internet junto à rede pública de ensino. Em 2005 foi realizado o projeto “Coisas boas da minha terra”, voltado para alunos e professores da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo. Organizados em grupos e apoiados pelos professores, os alunos fizeram um levantamento de aspectos que consideravam interessantes em seu bairro ou cidade, para em seguida divulgá-los na comunidade virtual e compartilhá-los com colegas de outras localidades. Os participantes realizaram pesquisas tanto no espaço da comunidade, entre bibliotecas municipais e centros de cultura, como por meio da Internet, exercitando as ferramentas de pesquisa disponíveis na rede. Experimentaram também as ferramentas de publicação.

Os resultados positivos da primeira edição do “Coisas boas” levaram à continuação durante o ano de 2006, agregando à proposta uma temática de intervenção social. Passou a ser denominado “Coisas boas para minha terra” e sugeria aos participantes, alunos de 474 escolas estaduais paulistas, que escolhessem aspectos de seu bairro ou cidade com os quais pudessem colaborar como cidadãos. A idéia era que eles elaborassem planos de intervenção e os colocassem em prática, o que fez surgir ações de recuperação de córregos poluídos e praças abandonadas, apoio a instituições de atendimento à população de baixa renda, promoção de eventos de valorização da cultura local, entre outras.

O Programa EducaRede tem como missão contribuir com a melhoria da qualidade da educação, baseado na convicção de que o uso educacional da Internet favorece o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. O portal EducaRede (www.educarede.org.br) apresenta aos educadores as potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para o exercício de suas atividades, além de sugerir metodologias para sua utilização e propor experiências práticas no plano da pesquisa, do estímulo à produção de textos e materiais audiovisuais, da formação de comunidades virtuais, favorecendo a criação compartilhada de conteúdos.

Todas essas possibilidades foram reunidas no projeto colaborativo de aprendizagem “Minha Terra”, objeto deste livro e de CD-Rom interativo, que reúne produções das escolas participantes. Como iniciativa de letramento digital, o “Minha Terra” constituiu uma experiência inédita no país, tanto por sua abrangência quanto pela proposta que norteou suas ações: formar uma comunidade virtual de alunos do ensino básico (ou seja, do primeiro ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio, contemplando crianças e adolescentes de 7 a 17 anos), de escolas das cinco regiões brasileiras. Motivados por uma dinâmica de equipe de jornalismo, os participantes foram convidados a representar papéis de repórteres e chefes de redação, no intuito de aprender a utilizar os recursos de pesquisa e comunicação da Internet, para em seguida exercitar uma postura ativa e autoral a partir das ferramentas de publicação e edição disponíveis, inserindo textos, fotografias e vídeos sobre suas respectivas regiões na comunidade “Minha Terra”

Para balizar as produções, o EducaRede escolheu o eixo temático “Pluralidade cultural e cultura local”, agregando ao objetivo de letramento digital a valorização da identidade cultural do país, por meio da redescoberta e da relevância de seus costumes. Em suas rotas de pesquisa de campo, crianças e jovens puderam entrar em contato com a realidade local e beber das fontes que regem suas raízes culturais. No exercício de produção de conteúdo a partir do que foi pesquisado, construíram pontes com outros núcleos do projeto, o que resultou em encontros, descobertas e trocas de informações. Enfrentaram, enfim, um dos desafios próprios dessa

época: inserir-se no espaço da cultura digital como emissores de conteúdo e partilhar esse conteúdo com outros emissores, em diálogo constante com a alteridade.

Assim, a comunidade “Minha Terra” passa a enriquecer o conteúdo disponível na web, ao apresentar informações sobre a cultura brasileira a partir de uma “garimpagem” realizada pelo olhar curioso de 3.414 participantes de 1.242 escolas, a maioria pública, de 23 estados brasileiros. Nessa experiência de construção coletiva, as tramas da vida no espaço real expressam-se nas teias do hipertexto. Cada grupo participante teceu um pouco dessa rede e deixou seus nós, em um processo de letramento digital de mãos dadas com a afirmação da diversidade cultural brasileira. Parte do resultado encontra-se neste livro, editado com o objetivo de registrar e refletir sobre a experiência, além de motivar o leitor a buscar mais, visitando a comunidade virtual Minha Terra, no Portal EducaRede.

“Minha Terra” e seus conceitos

Ao elaborar o projeto “Minha Terra”, o EducaRede decidiu levar uma experiência bem sucedida de uso da Internet na escola para todos os estados brasileiros, baseada em três pilares: protagonismo juvenil, valorização da cultura local e letramento digital, sendo este último o motor de todos os outros. Enquanto o protagonismo juvenil coloca em evidência os atores do processo – os próprios alunos – e a proposta de valorizar a cultura local determina o conteúdo a ser produzido, o letramento digital capacita os participantes para o trabalho com as novas tecnologias da comunicação, que constituem ao mesmo tempo competências e habilidades fundamentais para a inserção do sujeito no mundo contemporâneo.

O conceito de protagonismo, hoje bastante presente no vocabulário dos agentes sociais, coloca os alunos no centro do processo. Em vez de simplesmente receber informações, eles são convidados a atuar como investigadores da sua história e da sua realidade, para depois organizar o material apurado e publicá-lo na comunidade virtual do “Minha Terra”. Esse conceito está baseado em teorias educacionais, como as do educador Paulo Freire, segundo as quais o aluno não é um ser passivo no processo educativo. Freire destaca o fato de que todos são sujeitos, frutos de processos sociais e históricos e, portanto, portadores de conhecimentos adquiridos em suas comunidades de origem, a começar pela própria família. Para o educador, responsável pela introdução de propostas revolucionárias no campo da educação, esses conhecimentos devem ser considerados pelo professor no processo educativo.

Uma rápida navegação pela comunidade mostra como boa parcela dos alunos e professores participantes apropriaram-se das ferramentas e fizeram valer a sua expressão. Ao utilizarem os recursos interativos disponíveis no site – blog da redação, galeria, bate-papo (chat) e fale com o gestor –, puderam exercitar a comunicação virtual, em diálogos que nada têm de frios ou distantes, características muitas vezes atribuídas à comunicação via Internet.

O blog da redação, espaço criado para o registro dos bastidores do projeto, traz um pouco do processo de trabalho da comunidade, além de constituir um ambiente para o participante tirar dúvidas, dividir experiências, divulgar publicações e comentar trabalhos postados. Esse “diário de bordo” é uma expressão interessante da dinâmica do projeto “Minha Terra”, já que, em uma breve navegação, dá para sentir o clima do ambiente:

caloroso, animado, movimentado, vivo. Ali encontramos postagens de diversas equipes, muitas com nomes divertidos como “Só farrapos”, de Sapucaia do Sul (RS), “Olhos de carcará”, de São José do Egito (PE), “Povo, meu povo”, de Rio Branco (AC), e “Caiu na rede é peixe”, de Quixadá (CE).

Exemplos de interatividade e de aprendizagem colaborativa estão ali registrados, além da satisfação em participar da iniciativa: “Obrigada por terem tido essa idéia maravilhosa, eu só tenho a agradecer”, diz um aluno em uma das mensagens. Ao lado dos estudantes, professores destacaram o empenho dos alunos e ressaltaram a contribuição do projeto para suas atividades docentes: “Frente a tantas adversidades de ordem social, ambiental, estrutural e tecnológica, eles (os alunos) puderam colaborar/cooperar e construir saberes”, escreveu um professor.

As relações entre alunos, professores e gestores da comunidade foram construídas de maneira cordial e igualitária, de forma que todos tivessem as mesmas oportunidades de participação.

“Minha Terra”, um grande laboratório

Para divulgar a iniciativa nas escolas e conseguir adesões, a equipe do EducaRede buscou apoio do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed) para entrar em contato com as Secretarias de Estado da Educação de todo o Brasil e, por meio delas, com os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs), que atuam diretamente com as escolas.

Houve uma adesão surpreendente: em um período de apenas quatro meses, a comunidade virtual de aprendizagem “Minha Terra” tomou forma, agregando 3.400 alunos de 490 escolas de todo o Brasil. Dentre os estados com muitos grupos de escolas participantes, merecem destaque Acre, Amapá, Roraima e Tocantins, na região Norte; Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste; Pernambuco, na região Nordeste; e Rio Grande do Sul, na região Sul do Brasil.

Em algumas situações, o projeto “Minha Terra” superou limitações das escolas participantes, como o caso de uma comunidade rural quilombola do Estado de Pernambuco. Como a escola não tem Internet, o grupo de alunos e a professora que o coordenou saíam do quilombo e percorriam sete quilômetros até a cidade mais próxima, para acessar a Internet. Graças a esse esforço, puderam publicar a história do quilombo, fruto de uma pesquisa minuciosa para resgatar suas raízes culturais.

A divulgação massiva do “Minha Terra” em todos os estados do país não foi a única forma de estimular alunos e professores a participarem da experiência da comunidade virtual. A motivação pode ser atribuída também à metodologia, que propôs uma analogia com o funcionamento de uma agência de jornalismo, dando um caráter dinâmico ao processo de trabalho pedagógico.

Repórteres mirins espalhados pelo Brasil

Seguindo a proposta de redação jornalística, grupos de alunos reunidos em equipes de reportagem saíram a campo para fazer a “cobertura” do tema escolhido. Uma vez apurados fatos e dados, editaram esse material nos laboratórios de informática das escolas. As equipes variavam de três a seis integrantes e cada aluno assumiu

uma função diferente dentro da estrutura proposta, tendo no professor responsável pelo grupo o seu chefe de reportagem.

Para orientar a atuação de cada um, o EducaRede municiou os participantes com textos de apoio, disponíveis em seções especialmente criadas para o projeto, como “Chefe de redação” e “Mochila do repórter”. Cada professor, como chefe de redação, tinha por objetivo criar condições para a emergência da criatividade e da iniciativa de seus alunos-repórteres, além de mediar as idéias em circulação na comunidade virtual e acompanhar a produção, contribuindo com a revisão do conteúdo produzido. Os textos destinados aos professores buscaram contribuir na articulação dos conteúdos curriculares com as atividades propostas pelo “Minha Terra”, que privilegiaram uma abordagem interdisciplinar.

Já os alunos recebiam esclarecimentos sobre as fases do projeto, a diferença entre notícia e reportagem e a postura do entrevistador. Na primeira fase, eles deveriam apresentar a equipe, publicando os nomes dos integrantes, acompanhados de suas funções e da fotografia do grupo. A segunda fase, chamada “Repórteres em ação”, proporcionou aos participantes a experiência que move todo jornalista: mergulhar no tema da sua reportagem por meio de pesquisas e entrevistas. A terceira fase foi o momento de mostrar resultados: a publicação dos textos e imagens nas galerias dedicadas a cada tema.

Com o objetivo de inspirar as equipes na seleção de assuntos a serem pesquisados, foram definidos quatro temas dentro do grande eixo “Pluralidade cultural e cultura local”: “Quem quer brincar”, criado para estimular a pesquisa sobre o universo da infância e suas brincadeiras; “Ô de casa”, porta de entrada para o lar – tanto a casa propriamente dita, quanto a vida no espaço doméstico; “Festejos e festas”, destinado à abordagem das tradições festivas religiosas e laicas; e “Viver e produzir”, que enfoca o mundo do trabalho.

Todos são temas que buscam levar a cultura da comunidade para dentro da escola, de forma a conectar esses dois universos. Afinal, a escola já nasce inserida na comunidade, mas acaba muitas vezes atuando de forma isolada. Além disso, os temas escolhidos pela equipe do “Minha Terra” proporcionam a integração entre saberes, articulando-se com conteúdos e experiências curriculares de forma a enriquecer, e não a ser mais uma proposta que corre paralela à escola.

A galeria do tema “Quem quer brincar?” encontra-se povoada por jogos, canções de brincar, ditos, parlendas e muitas brincadeiras típicas de cada região. Os textos publicados estão sempre situados nos lugares onde a infância se desenrola, como a praça, a escola, o quintal e a rua. Uma integrante de uma escola da cidade de Banabuiú (CE) contou como é a brincadeira chamada “Piu Piu, quem mexeu saiu”, uma diversão da criançada cearense praticada nas escolas: “As crianças ficam em roda e giram cantando: ‘Piu Piu, quem mexeu saiu, lá na rua 24, a mulher matou um pato com o bico do sapato, o sapato derreteu e a mulher morreu, a culpada não fui eu, foi aquela que se mexeu’. Todos se soltam e aquele ou aquela que se mexer, sai da roda. E assim sucessivamente, até ficar um vencedor da brincadeira.”

A galeria que contempla o tema “Ô de casa” é o espaço em que encontramos receitas culinárias, relatos sobre a criação de animais e reportagens sobre outros afazeres domésticos, além da abordagem da arquitetura propriamente dita. Os textos postados incluem uma enorme variedade de assuntos, como as pesquisas sobre

a origem da polenta na culinária italiana, feita por uma equipe de Mondai (SC), sobre os hábitos alimentares em Juazeiro do Norte, na região do Cariri cearense, intitulada “Comida também é cultura”; e a divulgação de receitas com frutos do cerrado, feita por aluna de Gurupi, Tocantins.

A galeria destinada à publicação do tema “Viver e produzir” reúne reportagens sobre diversas atividades produtivas do campo e da cidade, e também sobre a cultura que as envolve. Os estudantes demonstraram interesse pelas atividades do trabalho de uma forma geral, gerando um conjunto variado que reúne, por exemplo, textos sobre a reciclagem em Tianguá, no Ceará; a produção de sal em Pinhal, Rio Grande do Sul; e as contradições entre desenvolvimento econômico e meio ambiente em Chapadão do Sul, uma jovem cidade de Mato Grosso do Sul.

Completando os espaços onde se desenrola a vida humana, a equipe dedicada à abordagem do tema “Festivos e Festanças” produziu um mapa das celebrações, religiosas ou não, que movimentam muitas cidades brasileiras. As reportagens vão desde a divulgação de festas divertidas, como a “Festa do abacaxi” e a “Festa da banana”, até reportagens reflexivas, como a que abordou a segregação racial na festa tianguaense, tocando em um fato muito comum no Brasil inteiro até pouco tempo atrás: a existência de clubes voltados só para a elite branca.

A comunidade virtual “Minha Terra” teve suas ferramentas ampliadas durante o percurso. Surgiu assim a “Rádio Minha Terra: cultura brasileira contada por você”, cujo conteúdo pode ser produzido também pelos próprios alunos, por meio da gravação de falas ou do envio de textos para serem lidos pelos locutores. Foram criados dois personagens-locutores, o professor Roberto Salvador, natural da Bahia, e o aluno Cláudio, do Rio Grande do Sul. Juntos, eles misturaram sotaques de forma lúdica, em programas que buscam estimular os participantes da comunidade.

Com isso, abriram novas janelas entre as possibilidades já existentes: além de exercitar a produção de textos, o aluno exercitou também a produção de imagens, as habilidades verbais de comunicação pelo rádio e a linguagem hipertextual.

É importante destacar a influência do projeto no espaço escolar, ao menos em um de seus espaços – o laboratório de informática, onde se instalaram as “agências de notícias” formadas pelos grupos participantes do “Minha Terra”.

Para que isso acontecesse, o projeto contou com o apoio das escolas, que abriram seus laboratórios mesmo fora dos horários de aula. Essa movimentação veio contribuir para a dinamização do ambiente escolar, estimulando professores e alunos a se envolverem em uma experiência de construção compartilhada do conhecimento e reforçando o papel da escola como espaço de aprendizagem, convivência e fortalecimento de identidades culturais.

“Minha Terra”, uma grande rede

O balanço das atividades da comunidade “Minha Terra” apresenta pontos positivos em vários aspectos, sendo o mais evidente o desenvolvimento de aprendizagens necessárias para uma atuação na sociedade atual como pesquisadores, comunicadores e produtores de conteúdo no meio digital. O estímulo para desenvolver um olhar atento sobre o seu próprio espaço possibilitou uma re-conexão com as referências culturais básicas

de cada um, muitas vezes esquecidas ou mesmo desconhecidas pelos mais jovens, devido aos estímulos que chegam via meios de comunicação de massa, e que tendem à homogeneização cultural.

Essa re-conexão redundou na valorização das culturas regionais do Brasil, contribuindo para o fortalecimento da sensação de “pertencimento” e auto-estima. Este olhar atento sobre sua própria comunidade, sua cultura, suas tradições e costumes, aliado à satisfação expressa pelos participantes com o fato de se tornarem produtores de informação, foram considerados pelos gestores do projeto um grande resultado, superando as expectativas de todos.

Em São Bernardo do Campo (SP), a professora que se engajou na idéia envolveu um grupo de alunos de 10 anos, em média, moradores de um terreno invadido. Nessa condição, esses alunos não têm sequer um endereço real para inserir em seu cadastro. Tiveram que colocar o endereço da escola em que estudam – essa, dotada de um excelente laboratório de informática. A comunidade escolar deu todo apoio à professora que tomou a iniciativa. O letramento digital dos alunos teve uma grande amplitude, tomando uma dimensão social, uma vez que eles se sentiram parte de uma comunidade maior, apesar da situação de exclusão em que vivem.

Escolas situadas em periferias de Brasília também marcaram presença no projeto “Minha Terra”. Ao navegar pela galeria das equipes, encontram-se dois núcleos que representam muito bem a sua região, cada um à sua maneira: em Brazlândia surgiu a “Tropa Braz – a elite de Brazlândia”, nome que faz referência ao filme *Tropa de Elite*. E em Ceilândia surgiu a equipe “Vida boa”, que se apresenta dizendo o seguinte: “Somos de uma escola da periferia de Brasília, na cidade de Ceilândia. É uma área com muitas carências, mas é o nosso lar e esperamos contribuir para mostrar o que temos de melhor, e assim demonstrar nosso valor”.

A comunidade virtual “Minha Terra” contribuiu também para a desmistificação da tecnologia no ambiente da escola. Esse processo, que já vem sendo trabalhado pelos NETs há uma década ou mais, dependendo do estado, teve no projeto “Minha Terra” um aliado. Nesse sentido, suas atividades contribuíram para o surgimento de uma outra postura em relação à tecnologia, contrária àquela que a coloca como algo especial, que exige domínio profundo para conseguir utilizar.

Ao todo, a comunidade colaborativa de aprendizagem “Minha Terra” contabilizou aproximadamente 6.000 produções em termos de reportagens, imagens, apresentações e mensagens. Assim, materializou-se como uma grande rede – não só de exercício da comunicação virtual, mas também de trocas afetivas, de resgate da auto-estima dos envolvidos, de agregação e estímulo ao aprendizado compartilhado. Uma grande rede de produção de conhecimento produzida por jovens brasileiros, inserindo o dado local no contexto global. Voltando ao nosso ponto de partida, lembramos a frase do poeta paraibano Bráulio Tavares, parceiro de Lenine, publicada no CD “O dia em que faremos contato”: “a corrente elétrica da cultura é sempre em mão-dupla: tudo que vai, vem; tudo que toca é tocado também.”

Equipe Educarede

Um olhar para a diversidade cultural brasileira

Sobre diversidade cultural

O termo diversidade cultural, segundo a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco¹, refere-se à “multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades”². Com validade jurídica internacional e ratificada pelo Brasil, a Convenção entrou em vigor em 18 de março de 2007 e constitui um importante estímulo e orientação às políticas nacionais e regionais de proteção e fomento à pluralidade das manifestações culturais.

A Convenção reconhece que “a diversidade das expressões culturais, incluindo as expressões culturais tradicionais, é um fator importante, que possibilita aos indivíduos e aos povos expressarem e compartilharem com outros as suas idéias e valores”.

A proteção e a promoção da diversidade cultural abrangem aspectos fundamentais que regem as relações entre os indivíduos, definindo formas de sociabilidade – como o respeito e a convivência – entre os vários grupos sociais, portadores de identidades, valores e significados distintos.

A globalização, segundo a Convenção, por meio das tecnologias de comunicação e informação, possibilita a ampliada difusão e interação entre culturas. No entanto, constitui também um desafio para a diversidade cultural, especialmente no que diz respeito ao acesso a esses meios de comunicação.

O princípio da equanimidade na representação cultural dos povos pressupõe o reconhecimento da igual dignidade e o respeito por todas as culturas, incluindo as minorias e os povos indígenas. A diversidade cultural

1. A Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais foi adotada na 33ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), realizada em Paris, em outubro de 2005.

2. As citações extraídas da Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais encontram-se disponíveis em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001497/149742POR.pdf>. Acesso em 16/10/2007.

constitui um patrimônio comum da humanidade e sua preservação significa a ampliação das possibilidades de vida e de escolhas.

Transmitida de geração em geração, a cultura é um processo dinâmico e, ao longo do tempo, adquire formas e expressões diversas por meio de intercâmbios, fusões, inovação e criatividade.

A diversidade cultural é o principal patrimônio da humanidade. Reconhecer que todos os grupos humanos são produtores de cultura e que, assim como cada grupo tem aspectos próprios que são específicos, cada um também apresenta outros aspectos que compartilham com outros grupos, é aceitar a diversidade cultural e possibilitar o verdadeiro diálogo entre os povos.

A diversidade e o patrimônio cultural brasileiro

A história da formação da sociedade brasileira e a própria extensão do território refletem uma pluralidade de ritos, símbolos, saberes e modos de vida bastante variados, resultado da incorporação e da combinação de tradições e aportes lingüístico-culturais das diferentes populações que formaram o país, sejam os múltiplos povos indígenas ou ainda os africanos, europeus e asiáticos. Entre esses povos, cabe ressaltar as diferentes matrizes étnicas a que pertenciam, com características próprias e distintas que não constituem um conjunto monolítico e único.

O termo patrimônio significa “origem paterna” e, portanto, remete a algo que se recebe como herança dos ancestrais. Segundo a Constituição brasileira, o patrimônio cultural nacional é constituído pelos bens materiais e imateriais, “tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”³.

Esses bens materiais e imateriais que configuram o nosso patrimônio não se resumem apenas aos objetos históricos e artísticos e às edificações (patrimônio cultural material), mas também aos modos específicos de criar e fazer, – transmitidos de geração em geração – como as formas de viver, os rituais religiosos, as danças e as celebrações, o artesanato, as histórias e as lendas transmitidas oralmente etc. Esse “saber-fazer”, denominado de patrimônio cultural imaterial, é recriado e modificado pelos grupos em função de sua interação com o ambiente e também com outros grupos sociais, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

No Brasil, apenas a partir da década de 1910 ocorreu um movimento de valorização dos conhecimentos tradicionais, dos saberes, das manifestações artísticas, da cultura oral e de outros tantos legados do passado que contribuem para promover o respeito à diversidade cultural.

Já nos primeiros anos do século XVI, os colonizadores portugueses desqualificaram muitos dos saberes, valores e tradições dos povos indígenas com que fizeram contato. Muitos dos seus complexos e ancestrais rituais, especialmente os religiosos – considerados pelos colonizadores como supersticiosos, inferiores, primitivos etc. –, foram suprimidos radicalmente em necessidade da conversão ao catolicismo.

3. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 21/10/2007.

O grande contingente de africanos que aportou no Brasil, originários de várias nações e etnias vindos especialmente da costa ocidental da África, apresentavam códigos culturais muito diversos entre si. Assim como os povos indígenas nativos da América, essa multiplicidade de saberes e formas de vida também foi reduzida, desqualificada, negada pelas autoridades portuguesas.

Mas tanto as práticas culturais indígenas quanto as de origem africana sobreviveram e se transformaram ao longo dos primeiros séculos da história brasileira. Embora menosprezados pelas elites dirigentes, esses saberes permaneceram marcando o cotidiano de populações rurais e urbanas, bem como dos povos indígenas que evitavam o confronto com a marcha colonizadora.

Apesar disso, os conhecimentos tradicionais das culturas indígenas e africanas foram considerados atrasados e não civilizados até as primeiras décadas do século XX, pois as instituições da sociedade brasileira foram baseadas no modelo eurocêntrico, impondo como dominantes os valores e as práticas de origem européia. Além disso, a opção governamental pelo afrancesamento das cidades e dos costumes também desqualificou a origem portuguesa do país, tida também como fator de atraso, que impedia o progresso.

O pesquisador e escritor Mário de Andrade, nos anos 1920, empreendeu longas viagens pelo país em busca de referências culturais que identificassem os diferentes modos de ser e de agir do povo brasileiro, iniciando um processo de valorização dos legados culturais do passado brasileiro, subjugados até então pela elite intelectual dominante.

Mário e os modernistas iniciaram o movimento de “descobrir o Brasil”, reconhecendo que as práticas e os conhecimentos dos costumes locais, a oralidade e as manifestações populares constituem expressões fundamentais que possibilitam a compreensão do país.

A trajetória do processo de valorização do patrimônio e da diversidade cultural brasileira ao longo do último século segue na orientação de que é necessário reconhecer e dar maior visibilidade às expressões ligadas às diversas etnias e povos, às culturas populares e às culturas regionais e locais.

Respeitar, reconhecer e refletir sobre nossa diversidade e nosso patrimônio é assumir um compromisso com as gerações futuras, possibilitando a transformação do país em uma sociedade mais democrática.

Referência bibliográfica

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Ana Regina Carrara

Bacharel em História, coordenadora da área de Educação e Cultura do Cenpec
(Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária).

Cultura e educação

O ser humano é um ser cultural. Ao contrário dos outros animais, ele não é capaz de viver somente guiado por seus instintos. Mesmo o alimentar-se, instinto básico para a sua sobrevivência, se dá de maneiras culturalizadas: alguns alimentos só devem ser consumidos cozidos, outros podem ser comidos crus; dependendo da cultura, certos alimentos são considerados tabu: a carne de vaca, na Índia; a carne de porco entre os israelitas; a bebida alcoólica entre os muçulmanos, por exemplo. Na maior parte das culturas ocidentais não se comem cachorros ou gatos, tradicionalmente animais de estimação.

O modo de se vestir, de se comportar socialmente, de organizar as tarefas do cotidiano, o modo de construir as cidades, tudo depende da cultura em que cada um vive.

A língua que usamos para nos comunicar é um produto cultural. Ao mesmo tempo que nos permite pensar a realidade a partir das palavras e regras de construção que estabelece, comunicar informações, expressar sentimentos, ela também limita o nosso conhecimento do mundo e de nós mesmos, uma vez que fornece o quadro dentro do qual exercitamos a atividade de pensar. Povos cuja língua não permite exprimir o tempo passado nem o futuro constroem uma noção de temporalidade completamente diferente da nossa. Por exemplo, os índios Navajo, habitantes do sudoeste dos Estados Unidos, não entendem o que seja uma promessa, pois ela se refere a alguma coisa que acontecerá no futuro. Só o que acontece no presente, no aqui e agora, tem realidade para eles.

A cultura tem por função dar unidade a um certo grupo de pessoas que divide os mesmos usos e costumes, os mesmos valores, e tornar a vida segura e contínua para a sociedade humana.

Entretanto, o fato de agir como um elemento de união dos grupos não pode ser levado ao extremo, isto é, não pode excluir outros grupos e, muito menos, criar intolerância com outros modos de vida, de ser, de pensar e de crer. Pertencer a uma determinada cultura não justifica ter preconceitos em relação a outras.

Na verdade, quando falamos de grupos humanos, falamos de culturas, no plural. Até dentro de um único país, que usa a mesma língua, tem a mesma história, encontramos diversidade geográfica e de recursos naturais, diversidade étnica na composição da população e, acima de tudo, diversidade de necessidades que geram culturas diferentes.

Considerando-se a cultura, em um primeiro momento, nesse sentido muito amplo, antropológico, já podemos avaliar a importância da educação para o aprendizado do legado cultural da humanidade.

O primeiro aprendizado da cultura se dá no seio da família, com a qual aprendemos os modos de viver, as regras, os valores, as formas de nos relacionar com os outros seres humanos, com os animais e com a natureza. Aprendemos a andar, comer, falar, a ser afetivos a partir de uma determinada cultura. E, com isso, vamos nos tornando humanos.

A escola vai ser outra instância educativa fundamental para o aprendizado, pois prioriza certos conteúdos culturais e sistematiza-os de modo que possam ser vivenciados e apreendidos. Matemática, história, geografia, ciências, artes, língua portuguesa, tudo é transformado em conteúdo a ser aprendido a fim de que se possa obter o certificado de conclusão de curso. O objetivo principal desse tipo de educação é evitar que a cada momento sejamos obrigados a “reinventar a roda” e propiciar que, tendo conhecimento do que já foi feito e pensado por nossos antepassados, possamos usá-lo, adaptando às situações e necessidades da vida contemporânea.

Entretanto, a transmissão do legado cultural da humanidade, embora de grande importância, não é a única função da educação, uma vez que a cultura, para se manter viva, precisa ser constantemente transformada e reinventada. Por isso, é imprescindível que a educação contemple o desenvolvimento de habilidades lógicas, críticas, criativas, artísticas, sociais, afetivas. As habilidades bem desenvolvidas levam à conquista da autonomia do sujeito, isto é, da capacidade de pensar por si próprio, de escolher seus próprios valores, dentre aqueles que lhe foram dados pela família e pela sua cultura; de agir de acordo com esses valores escolhidos e com sua consciência.

O desenvolvimento das habilidades pressupõe que se criem oportunidades para o seu exercício contínuo: o exercício do pensamento lógico na análise não só de problemas abstratos, mas também de aspectos concretos da realidade do próprio aluno e da escola; da crítica bem fundamentada em teorias e conceitos; da criatividade na solução de problemas cotidianos e escolares; do conhecimento das linguagens artísticas e seu modo de articulação para a criação de obras de arte; habilidades de relacionamento com colegas e com adultos que o cercam tanto no ambiente escolar como fora dele, o que inclui o reconhecimento do outro e de si mesmo e o uso do diálogo; habilidades afetivas de reconhecer as próprias emoções e saber expressá-las adequadamente.

O cultivo do pensamento divergente, isto é, aquele que propõe muitas respostas alternativas para cada pergunta ou problema, é o caminho para se educar pessoas criativas e flexíveis, indivíduos que serão capazes de analisar qualquer aspecto da realidade a partir de múltiplos pontos de vista.

Todas essas habilidades são importantes para a construção de atitudes, ou seja, de modos de agir na vida pessoal, social e pública, regidas pelo respeito, pela tolerância, pela solidariedade com os outros e com as outras culturas.

Até aqui, discutimos a cultura no seu sentido geral e antropológico. Há, entretanto, um outro sentido restrito da palavra cultura, que está mais ligado às artes, não importando se são artes populares ou eruditas. Quando se fala, por exemplo, em jornalismo cultural, o termo está sendo empregado nesse sentido restrito: é a parte do jornalismo dedicada à crítica de cinema, teatro, artes visuais, música, literatura, história em quadrinhos etc.

A educação também tem uma tarefa muito importante nessa área que não deve ser delegada somente ao professor de artes e de literatura, mas a todo o corpo docente, uma vez que a arte amplia nossa percepção da realidade, fazendo-nos pensar não somente no que é, mas também no que poderia ser.

A arte é um aspecto da cultura que não tem utilidade imediata. Ver um filme, ir ao circo, ler um livro ou ouvir música não tem nenhuma consequência prática em nossas vidas. Essas atividades, entretanto, podem abrir as portas de múltiplos mundos possíveis, trazendo-nos a compreensão de aspectos da vida, dos relacionamentos, da realidade que não havíamos percebido antes.

Por isso, a arte é uma forma de conhecimento do mundo, conhecimento imediato, concreto e intuitivo. A obra de arte não é um discurso lógico sobre o mundo. Ela é um objeto concreto, feito com um determinado material, dentro de um estilo, com uma proposta que desafia nossa imaginação e nossos sentimentos. Ela nos oferece a compreensão de um mundo de valores e relações e de nós mesmos dentro desse mundo.

Para desvendá-la, porém, é necessário que nossa sensibilidade seja educada, que aprendamos a ouvir, ver e sentir o que a obra propõe.

A educação da sensibilidade envolve vários aspectos. O primeiro, em ordem de enumeração e não de importância, é o que chamamos de freqüentação das obras, ou seja, ter contato com obras de arte em variadas linguagens e estilos a fim de se familiarizar com elas. A exibição de filmes e de peças teatrais, a apresentação de espetáculos circenses, folclóricos, da produção de artistas locais, todas essas ações podem ser empreendidas pela escola e contribuem para expor a comunidade a vários tipos de expressão artística.

Em seguida, o conhecimento da história da arte, das características dos principais movimentos artísticos e dos estilos, nos ajuda a situar o artista e a obra que estamos apreciando dentro de um contexto de desenvolvimento das linguagens específicas e entender melhor sua proposta.

Enfim, o fazer arte, aprendendo as técnicas para se trabalhar com o material escolhido, sentindo suas possibilidades e limites. Esse exercício faz com que apreciemos melhor as obras de outros artistas, pois somos capazes de avaliar as dificuldades e as soluções encontradas. E sempre nos encantamos quando a técnica é subvertida, usada com outros materiais ou intencionalmente desconstruída para responder às inquietações ou ao desejo de expressão do artista.

O fazer arte também permite que encontremos a linguagem artística com a qual melhor nos identificamos e, dentro dela, a nossa linguagem particular para expressar nossa visão de mundo, nossas angústias e problemas, de modo a que outras pessoas possam se comover e entender a si mesmas um pouco melhor.

Como vimos, cultura – tanto no sentido amplo quanto entendida como território das artes – e educação andam sempre de mãos dadas. A cultura é o meio dentro do qual vivemos e conquistamos a nossa humanidade. A educação é o instrumento pelo qual a cultura é transmitida, reavaliada e recriada. Se não tivermos consciência, ou seja, se não refletirmos sobre as regras, os valores, as funções e o alcance da nossa cultura para poder abraçá-los ou rejeitá-los, nossa vida será um vó cego, guiado somente pelos hábitos, tradições e, provavelmente, preconceitos.

Maria Helena Pires Martins

Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo)
e pesquisadora da área de políticas culturais.

Adriana Mortara de Almeida

Pesquisadora da área de avaliação e educação em museus e outras instituições culturais.

Brasil, Terça-feira, 11/12/2007

Home > Galeria > Galeria

Usuário

Usuário

Senha

[Esqueci minha senha](#)

[Cadastro no EducaRede](#)

[Fale com o EducaRede](#)

[Quero me inscrever](#)

Ferramentas

 [Home da comunidade](#)

 [Bate-Papo](#)

 [Blog](#)

 [Fale com o gestor](#)

 [Fórum](#)

 [Galeria](#)

 [Mochila do Repórter](#)

 [Chefe de Redação](#)

 [Gestores](#)

 [Participantes](#)



Galeria: Festejos e Festanças

Página Inicial



Publique e conheça celebrações religiosas e profanas indivíduo, como batizado e casamento, até as celebrações realizadas, entre muitas outras. Explore a preparação, o que realizam, a rua, o templo, a casa das pessoas.

Atenção: fotos e textos fora do tema serão retirados.

Importante!

Antes de publicar imagens e textos, confira [o termo de](#)

Acesse também:

[Dicas técnicas sobre publicação de imagens](#)

[Dicas sobre como publicar vídeos na Comunidade Minha Terra](#)

Exposições



[Exposição de Imagens:](#)



[Exposição de Textos:](#)

Busca no Portal



Festejos e Festanças

dos diferentes grupos, desde as relacionadas aos tempos da vida de cada
ções tradicionais de cada região, como Carnaval, festas de padroeiros,
os cantos, as comidas e os costumes assim como os lugares onde as festas se

Envie sua imagem

Envie seu texto

Pesquisa de obras

radados

Obras recentes

 **DIVINO JOSÉ**



Autor: FRANCISCA
LUCILEIDE SARAIVA
SILVA

 **Que festança
boa!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!**

" Antigamente, não só
em nossa cidade, mas
em todo o Brasil, as
celebrações religiosas
eram as "Santas
Missões Populares" -
uma forma de
evangeliza&ccedi..."

[de cessão dos direitos de publicação, disponível aqui.](#)





www.educarede.org.br

Festejos e celebrações no Brasil

As celebrações, de um modo geral, caracterizam-se pelo conagraçamento de uma coletividade em torno de certas lealdades coletivas e em torno de uma memória. Em suma, para além do divertimento que há nas celebrações, elas reforçam laços existentes em um grupo social e atualizam um patrimônio compartilhado pela coletividade. Assim, na medida em que as celebrações buscam reafirmar valores e modos de vida, elas apontam para o futuro também.

É muito grande a diversidade de celebrações existentes no Brasil. Só no universo popular-tradicional, podemos identificar inúmeras festas profanas e sagradas, como as dedicadas a datas importantes e a santos, bem como uma grande variedade de danças e folguedos. A diversidade só aumenta se incluímos na lista as celebrações próprias da vida urbana, tanto as que se relacionam com uma memória coletiva de mais longa duração como aquelas que são relacionadas à vida familiar e privada, como as celebrações que se articulam à dinâmica da indústria cultural.

Em função dessa vasta diversidade, foram escolhidas aqui apenas algumas celebrações para compor esse texto, preferencialmente aquelas que são amplamente difundidas em vastas porções do Brasil.

Ciclos e calendários de celebrações

A maior parte das celebrações marca uma temporalidade cíclica no curso contínuo da vida cotidiana. Assim, elas sempre ocorrem em intervalos de tempo regulares, reafirmando de tempos em tempos uma memória e um conjunto de valores. Um exemplo óbvio é a festa de ano-novo/réveillon, dedicada à passagem de ano. Consideramos que o período que vai da noite de 31 de dezembro até a madrugada de 1 de janeiro, além de um momento para reforçarmos vínculos interpessoais, é uma ocasião propícia para revisarmos o ano que se encerra e renovarmos nossas esperanças e nossos projetos para o ano que se inicia.

Muitas festas fazem parte de um ciclo festivo que articula diferentes celebrações em torno de um calendário dedicado a uma mesma temática. O catolicismo definiu um calendário de celebrações que são reconhecidas em todo o Brasil.



Foto: Marcele Pereira



Foto: Marcelo Pereira

Em torno do nascimento de Jesus Cristo, por exemplo, acontecem diferentes comemorações que vão do Natal ao dia 6 de janeiro – o dia de Reis –, dedicado aos três Reis Magos em sua visita ao Menino Jesus. Esse período é celebrado, por exemplo, pelas Folias de Reis ou Reisados e pelos Pastoris. As Folias são formadas por grupos de músicos, cantores e dançarinos que percorrem as casas anunciando o nascimento de Jesus e homenageando a visita dos Reis Magos. Os Pastoris representam, com cantos e louvações, a visita dos pastores ao estábulo de Belém.

Um outro calendário importante do catolicismo tradicional é o que começa no carnaval e acaba no Pentecostes. Após a terça-feira de carnaval, a quarta-feira de cinzas marca o início da quaresma. Os quarenta dias que se seguem são um período de luto no qual a tradição católica prega o comedimento e o arrependimento dos pecados. A quaresma se finaliza, assim, na Semana Santa e no Domingo de Páscoa, que celebram, respectivamente, a crucificação e a ressurreição de Cristo. Cinquenta dias após o Domingo de Páscoa, há o Pentecostes, que celebra a descida do Divino Espírito Santo aos apóstolos. O Divino é tema de diversas celebrações populares em todo o Brasil, embora nem sempre as homenagens ao Divino coincidam com o dia de Pentecostes. Essas celebrações recebem nomes como Império do Divino, Festa do Divino Espírito Santo e Folia do Divino. As Folias do Divino, por exemplo, são realizadas por grupos precatórios que percorrem algumas regiões pedindo e recebendo auxílios, freqüentemente constituindo uma atividade preparatória para a festa propriamente dita.

Um outro calendário importante é o das festas juninas, dedicadas a Santo Antônio (dia 13/06), a São João Batista (dia 24/06) e a São Pedro (dia 29/06), que são particularmente importantes no Nordeste e no mundo caipira. De origem portuguesa, essas festas apresentam diferentes significados em nossa sociedade. No mundo rural, associam-se ao tempo da colheita, celebrando-a. Na cidade, elas reascendem e reafirmam os elos que emendam nossas vidas de hoje com a vida no Brasil de forte influência rural: celebram, portanto, o laço do presente com o legado de nossos antepassados.

Folgedos e danças

Em todo o território brasileiro, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, indo até a Amazônia, brincam-se variantes do “boi”, como Boi-bumbá, Bumba-meu-boi, Boi-de-Reis, Boi-barroso, Boi-Calemba, Boi-de-fita e outros. Além da música e da dança, os bois têm uma dimensão dramática e cenográfica. Esses folgedos apresentam dimensões dramáticas e coreográficas, formando um auto popular que pode ser realizado em episódios que se sucedem ao longo do ano e que se repetem no ano seguinte. No Amazonas, na cidade de Parintins, o Boi-bumbá é um evento de massa que no último final de semana do mês de junho reúne milhares de espectadores. No Maranhão, também é um folgado muito popular. Nesse estado, as toadas de boi chegaram a se descolar do folgado para dar origem a um gênero musical próprio.

Batuque é um termo genérico para a música percussiva, em geral originária nas culturas africanas. O termo recobre, ainda, as danças que acompanham essas músicas. Os batuques estiveram associados a práticas religiosas afro-brasileiras e, aos poucos, algumas de suas variantes foram se associando a práticas religiosas católicas e/ou se desdobraram em práticas culturais profanas.

Como batuque é um termo genérico, ele recobre uma diversidade de músicas/danças, como o jongo, o tambor de crioula e as variantes do samba, como o samba-de-roda, partido-alto, o samba-lenço e o samba transformado em música gravada e veiculada na indústria cultural.

Dentre os batuques, o samba, indiscutivelmente, é a música e a dança de maior expressividade no Brasil. Sua variante urbana, sobretudo a que foi consolidada no Rio de Janeiro nos anos 1930, tornou-se sinônimo de música brasileira. A associação do samba com o Brasil seria reforçada, primeiro com o surgimento dos samba-exaltação, de caráter nacionalista, e depois quando o samba foi definido como a música dos desfiles das escolas de samba do carnaval carioca. A partir de então, surgiria um outro subgênero de samba, o samba-enredo, freqüentemente de caráter nacionalista.

Celebrações nacionalistas

Ao falarmos da diversidade das celebrações que existem no Brasil, devemos mencionar as celebrações nacionalistas ou patrióticas, ou seja, as dedicadas a reforçar o sentimento de pertencimento da população à nação. As nações podem ser definidas como comunidades imaginadas, ou seja, como a reunião de pessoas que, mesmo sem se conhecerem, sentem-se e imaginam-se pertencendo a uma mesma comunidade. Nessa comunidade, percebem-se partilhando um conjunto de histórias, valores e práticas sociais.

Nosso calendário é marcado por datas dedicadas à construção e fortalecimento da memória nacional. Nessas datas, eventos considerados significativos para nossa formação como nação são relembrados, como o feriado de Tiradentes, em 21 de abril, mártir da Inconfidência Mineira que teria antecipado o sentimento nacionalista e o desejo de independência. A memória do Descobrimento, em 22 de abril, se emenda com o feriado de Tiradentes, criando uma mistura entre as memórias da colonização com a dos anseios pela independência. O feriado de 7 de setembro, dedicado à celebração da Independência do Brasil, é o dia das solenidades oficiais, comemorado pelo Estado com as paradas e os desfiles militares. Importante, ainda, é a data que celebra nossa transformação em uma República Federativa, o 15 de novembro.

Embora essas datas recoloquem no curso do cotidiano uma certa reconstrução da memória da formação da nacionalidade, elas não são capazes de mobilizar grandes contingentes da população em torno do sentimento e da idéia de pertencimento à nação. Entre nós, são alguns eventos esportivos que conseguem se transformar em grandes celebrações populares nacionalistas, especialmente os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol. Esses dois eventos acontecem regularmente a cada quatro anos, com intervalo de dois anos entre um e outro. Assim, motivada pela reunião de todos em disputas contra nações outras, a cada dois anos recoloca-se nos corações e nas mentes da população a sua inclusão na grande e única categoria brasileiro, que se afirma silenciando todas as nossas diferenças e desigualdades.

Celebrações no mundo urbano

Depois do início do processo de industrialização, na década de 1930, foram necessários apenas 40 anos para que a população brasileira passasse a habitar predominantemente em cidades. Desde então, a urbanização é



Foto: Marcelo Pereira

uma tendência que se reforça. Atualmente, praticamente 30% da população brasileira vive em poucas regiões metropolitanas, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Brasília e Fortaleza.

Mais do que representar a população morando em cidades, a urbanização significa também que os processos socioeconômicos e os valores tipicamente urbanos acabam por influenciar a vida de todo o país.

A urbanização do Brasil esteve acompanhada da valorização de uma idéia de progresso representada pela expansão da economia industrial com os seus símbolos, especialmente a máquina e os bens de consumo industrializados. A valorização dos modos de vida tidos como modernos deu-se ao mesmo tempo em que se desvalorizava o patrimônio cultural tradicional de origem rural, considerado rústico e arcaico.

Além da desvalorização e da forte carga de preconceito que recaiu sobre os legados tradicionais, devemos considerar que a dinâmica social das cidades rompe, em boa medida, com as condições de reprodução da vida comunitária que é característica do universo rural. As cidades tendem a fragmentar os laços sociais e a marcar o espaço público como o local dos deslocamentos e do trabalho, relegando para a vida privada e para os círculos de sociabilidade mais restritos a possibilidade de experiências coletivas e comunitárias.

Entretanto, apesar das dificuldades para se reafirmar e atualizar as tradições na dinâmica da vida urbana e moderna, muitas das manifestações tradicionais continuam a existir nas cidades. Elas existem, embora frequentemente apareçam de modo residual e fragmentado. Os eventos que integram os principais calendários de celebrações populares que citamos anteriormente são realizados nos centros urbanos, por exemplo.

O carnaval foi recriado no Brasil moderno e se tornou um grande evento de massa, principalmente no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife-Olinda. Os grandes movimentos migratórios para as cidades suscitam instituições que celebram e reafirmam a memória em comum, como é o caso dos Centros de Tradições Gaúchas e dos Centros de Tradições Nordestinas. Há as várias festas de imigrantes, de italianos, portugueses, alemães, espanhóis e judeus, por exemplo.

Outras celebrações, ainda, são motivadas pelas formas de socialização criadas na própria cidade. O surgimento da juventude como uma categoria social específica deu ensejo para todo um universo de celebrações juvenis. A indústria cultural, extremamente ligada às demandas de socialização e celebração dos jovens, promove um sem número de eventos de massa com artistas brasileiros e internacionais. Além disso, os grupos juvenis vão despontando como agentes produtores de uma vasta gama de manifestações culturais.

Apesar da tensão social que existe nas cidades, eventualmente são promovidos grandes eventos no espaço público, que permitem o conagraçamento de diferentes grupos. Esses podem ser momentos de se celebrar a cidade como espaço social que permite a criação e o convívio de uma diversidade sócio-cultural extremamente rica.

A experiência de convívio enriquecedor com a diversidade pode se dar, ainda, na retomada das celebrações que remontam ao Brasil rural. Nas cidades, elas acabam se transformando em festas de todos aqueles que, no cotidiano da metrópole, deixam-se encontrar com todos os elementos de nosso patrimônio cultural, elementos que formaram nossa pele e nossa alma, mas que, no entanto, parecem encobertos pelo ritmo acelerado da modernidade.



Foto: Leonardo Wen

Assim, as cidades podem ser espaços de celebração das trocas permitidas pelo convívio com a diversidade cultural e com o legado das antigas gerações. Essas trocas podem ser humanizadoras e permitem nos ajudar a encontrar recursos para vivermos no aqui e agora e para forjarmos nossos projetos de futuro.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. 2ª edição. Lisboa: Edições 70. 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10ª edição. São Paulo: Ed. Global, 2001.

IKEDA, Alberto T. e PELEGRINI FILHO, Américo. *Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano*. In: Setubal, Maria Alice (Org.). *Terra Paulista: histórias, arte, costumes*. São Paulo: Imprensa Oficial e Cenpec, 2004. vol 3.

SETUBAL, Maria Alice (Org.). *Terra Paulista: histórias, arte, costumes*. São Paulo: Imprensa Oficial e Cenpec, 2004. (3 volumes)

Mauricio Érnica

Cientista social, mestre em Antropologia Social e doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Colaborador do Cenpec e pesquisador da Fundação Tide Setubal.

A festa do Dois de Julho

Todos os anos a Bahia comemora o Dois de Julho, uma celebração às tropas do Exército e da Marinha brasileira que, por meio de muitas lutas, conseguiram a separação definitiva do Brasil do domínio de Portugal, em 1823. Neste dia as tropas brasileiras entraram na cidade de Salvador, que era ocupada pelo exército português, tomando a cidade de volta e consolidando a vitória.

Para as pessoas que vivem em Salvador, as comemorações do Dois de Julho são muito semelhantes aos desfiles cívicos do Sete de Setembro. Nas ruas mais antigas da cidade, nos locais onde ocorreram as batalhas, as pessoas desfilam, protestam, colocam todo seu sentimento de patriotismo.

Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa
Salvador/BA

A Festa da Penha

A festa em homenagem à padroeira dos capixabas, que em 2007, com 449 anos, alcançou o movimento total de mais de 600 mil pessoas – entre os participantes da festa sacra e da festa profana – é considerada pela CNBB como o terceiro evento mais importante do calendário religioso brasileiro. Esse evento sempre foi o principal acontecimento religioso de Vila Velha. Mais de 350 mil pessoas participam do Oitavário, da Romaria dos Homens, da Romaria das Mulheres e da própria Festa da Penha (festa sacra).



CEESC – Centro Educacional Elzira de
Souza Caldeira – Vila Velha/ES

Folia de rua

Alegria popular e tradição no carnaval de rua. Desde 1993, João Pessoa realiza o Projeto Folia de Rua, a maior prévia carnavalesca do país. No ponto mais oriental das Américas, durante oito dias, 47 blocos carnavalescos fazem festas pelas ruas e levam milhares de foliões para os festejos de Momo. Os mais de 40 blocos se espalham por todos os cantos da cidade com as mais diversas tendências do carnaval de rua, arrastando milhares de foliões, inclusive turistas. O maior de todos os blocos é o Muriçocas do Miramar, que foi a semente do Projeto Folia de Rua, também se destacam As Virgens de Tambaú, Dhixmantelados do Cristo e o Bloco do Cafuçú, que conseguem levar diversões a todos os foliões.

E. E. F. Isabel Maria das Neves
João Pessoa/PB

FESTA DOS CARETAS EM JARDIM

As primeiras manifestações da brincadeira datam de finais do século XIX, quando era realizada na zona rural e constituía-se numa comemoração do término da colheita. Os agricultores confeccionavam uma espécie de espantalho, a quem chamavam de Pai Vêi ou Vosso Pai, e, mascarados, com chocalhos e chicotes, percorriam sítios em busca de donativos. Faziam uma grande festa e malhavam o espantalho, que foi substituído por Judas Iscariotes, quando a festa passou a ser realizada também na zona urbana.

Hoje a festa é um evento tradicional que ocorre durante toda a Semana Santa, reunindo três elementos da tradição popular: os caretas, o roubo durante a Semana Santa e a malhação do Judas.

Como antigamente, se caracteriza pelos personagens mascarados, com chocalhos na cintura, que animam a cidade. O maior destaque é a figura do Judas, confeccionado como uma representação satirizada de algum político que esteja em evidência nacional pela corrupção, associando-o à figura do traidor Judas Iscariotes.

E. E. Dr. Romão Sampaio
Jardim/CE



Namoro e casamento de antigamente

Sabe como conheci meu marido? Meu pai era fazendeiro e a gente morava na zona rural. Um dia apareceram três rapazes e um deles ficou me olhando. Depois de um mês, ele mandou uma carta perguntando se queria namorá-lo.

Depois de um ano de correspondência, ele me convidou para ir a uma festa. Eu concordei. A gente conversou e ele me convidou logo para casar. Fiquei muito animada, mas não falei para ninguém. Pedi dinheiro a papai, vim para a cidade, comprei um tecido, mandei fazer um vestido novo. No dia da festa já fui preparada para casar.

Quando meus pais souberam, ficaram furiosos, mas já estava casada, não puderam fazer nada. (Fausta Rogério de Oliveira Nunes, 80 anos)

E. E. F. M. Arsênio Ferreira Maia
Limoeiro do Norte/CE

A Festa da Tanajura em Tianguá

Por pesquisas e leituras que fiz, pude perceber que a tanajura "saúva" é um petisco muito apreciado em várias regiões do Brasil e até mesmo do mundo. A tanajura é típica da nossa região. São muitas pessoas que consomem esse prato, porém há também aqueles que sentem aversão a essa formiguinha como alimento. Muitos não resistem e acabam comendo as tanajuras assim que as pegam.

Apesar de a maioria das pessoas comer as tanajuras apenas torradas na manteiga, existem várias receitas de tanajura. Estas foram criadas pelo grupo de domesticação da saúva da UFC (Universidade Federal do Ceará):



- Arricá ou arroz de tanajura;
- Rocambole de tanajura;
- Tanajura no alho e óleo;
- Salada de frios e tanajura;
- Caviar de tanajura.

A tanajura é também muito versátil na culinária tianguaense e apreciada por todos.

Liceu de Tianguá José Ni Moreira
Tianguá/CE

Festejos de Reis

Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa ligado às comemorações do culto católico do Natal, que, trazido para o Brasil, mantém-se vivo nas manifestações folclóricas de muitas cidades. Na tradição católica, a passagem bíblica em que Jesus foi visitado por "uns magos" converteu-se na tradicional visita feita pelos três reis magos, denominados Belchior, Baltazar e Gaspar. Eles passaram a ser referenciados como santos a partir do século VIII.

Em Porto Nacional, a Paróquia Santos Reis da Vila Nova realiza os festejos de reis com muita alegria, folia, reisado, leilões e a participação de toda a comunidade da Vila Nova e bairros vizinhos.

No período dos festejos são realizados leilões, após a missa, organizados pelos movimentos católicos da igreja e também por toda a comunidade em geral. Há também um giro noturno da folia nas ruas do setor Vila Nova e nos setores circunvizinhos, cantando e tocando instrumentos musicais. O cortejo é integrado pelos reis magos, por candidatos a rei e rainha, princesa e pela comunidade.

Centro de Ensino Médio Félix Camoa
Porto Nacional/TO



Flores – lugar de gente feliz!

O Distrito de Flores é um lugar que transmite tranquilidade, companheirismo, organização e também muita alegria. E é baseado nesta alegria que foi feito um resgate dos festejos e festividades do local.

Seis alunos do Ensino Médio resolveram fazer uma reportagem, utilizando como material de pesquisa entrevistas, recolhimento de fotos, produções e documentos conseguidos com moradores. Estes alunos buscaram valorizar a cultura do local, mostrando a origem de cada festividade, ou seja, da sua comunidade.

A origem

Antes de 1730, Francisco Xavier veio morar aqui com três filhas, trazendo cabeças de gado para construir sua fazenda. Na sua chegada, uma das vacas morreu. Devido a esse fato, o lugar passou a se chamar Vaca Morta. Já instalado em sua casa, suas filhas começaram a cultivar rosas. Num certo dia, o padre foi lhes fazer uma visita e deparou-se com aquele belo jardim. Sugeriu que o local passasse a se chamar Flores. E por causa desse jardim tão singelo, Flores recebeu esse nome tão belo.

E. E. F. M. Maria de Lourdes Oliveira
Limoeiro do Norte/CE



Barracão Cultural – E. E. F. M. José Correia
Lima – Várzea Alegre/CE

Arraial do Varadouro

No mês de junho, além do São João, a Prefeitura da capital, por meio da Fundação Cultural de João Pessoa – Funjope, também realiza o Arraial do Varadouro. O evento acontece no pátio da Igreja de São Pedro Gonçalves, no Centro Histórico. Criado em 1997, o arraial vem se consolidando como um dos mais importantes espaços de manifestação da cultura popular na cidade. Durante o Arraial do Varadouro, acontece a etapa local do Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas. Além disso, o folclore, o artesanato, associados às comidas típicas e bebidas do período junino, ficam em evidência na cidade. Contudo, preservando a verdadeira cultura nordestina, o Arraial do Varadouro reforça o trabalho de revitalização do Centro Histórico, que vem sendo executado pela Prefeitura de João Pessoa.

E. E. F. Isabel Maria das Neves
João Pessoa/PB

Festas e eventos brasilienses

Olá, galera, somos a equipe CieTerra. Aqui é o nosso trabalho final sobre festas e festanças. Pesquisamos sobre festas tribais de Brasília. Este é o resultado da nossa pesquisa.

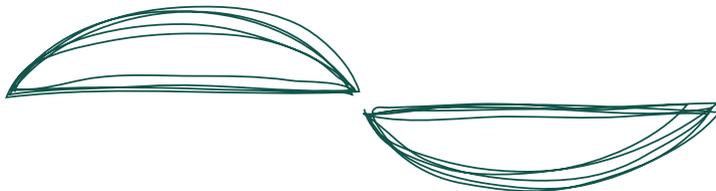
Brasília, capital federal do Brasil, tem uma população de mais ou menos 2,36 milhões de habitantes. Está situada no Centro-Oeste, no coração do Brasil. Há predominância em Brasília de festas tribais. Nosso grupo CieTerra pesquisou as melhores festas e alguns eventos, que são característicos de Brasília, como: o aniversário de Brasília, MicareCandanga, Porão do Rock, entre outros. Falaremos agora sobre esses três tipos de festas.

Aniversário de Brasília

Ano passado, Brasília completou 47 anos e aconteceu um grande evento na Esplanada dos Ministérios, que ocorreu durante todo o dia, com shows com nomes regionais e nacionais e atrações esportivas. A organização esperava receber 5 mil turistas e reunir um público total de 500 mil pessoas. Para alcançar esse número, empresas aéreas e hotéis da cidade estavam recheados de promoções. O metrô e os ônibus da cidade circularam gratuitamente, saindo de todas as cidades satélites até a rodoviária do plano piloto. O projeto do dia 21 de abril servirá de base para um outro, que será desenvolvido em comemoração aos 50 anos de Brasília. A partir desse ano, o objetivo é o de inserir e consolidar a data no calendário turístico nacional.

MicareCandanga

A tradicional Micareta de Brasília, chamada MicareCandanga, mudou de nome em 14 de julho de 2007 e passou a ser Brasília Indoor. Sofrendo mudanças nos últimos cinco anos e diminuindo a quantidade de dias e atrações, a MicareCandanga já deixou de ser uma micareta há muito tempo. Além disso, a demora em anunciar as atrações fez com que os foliões pensassem que não haveria MicareCandanga em 2007, mas teve.



Festerê
E. E. Normal José
Bonifácio
Erechim/RS

Porão do rock

A história do Porão começa em 1998, com a primeira edição, que rolou na Concha Acústica, ao lado do Palácio da Alvorada, com as bandas de Brasília que tocavam no plano piloto da cidade, no subsolo, que era chamado Porão do Rock, dando origem a um CD coletânea com as bandas participantes. Já em 2000, o festival se mudou para o estacionamento do estádio Mané Garrincha, aumentando de tamanho e importância. O mais interessante exemplo a ser seguido é que o festival é organizado por uma ONG que aplica os recursos conseguidos no evento em ações de valorização da música feita em Brasília. Assim, já foram criados e realizados vários projetos, que vão de uma rádio comunitária até campanhas educacionais sobre sexo e drogas, e arrecadação de donativos. Nas oito primeiras edições do Porão do Rock, já passaram pelos palcos mais de 180 atrações, com público total de mais de 500 mil pessoas. Pernambuco esteve várias vezes presente no festival, representado por Etnia, Mundo Livre S/A, Nação Zumbi, Nacional Kid, Otto, Sheik Tosado e Astronautas.

Alguns componentes da nossa equipe costumam frequentar essas festas.

Centro Educacional 02 do Cruzeiro
Brasília/DF



Festa de Nossa Senhora da Penha

Nossa equipe irá apresentar uma festa típica da nossa cidade, que é realizada todo ano no mês de setembro, recebendo muitos turistas e devotos e acolhendo muito bem a todos. Essa festa se mistura com a história do nosso povo, dividido entre religioso e profano. Esperamos que, nesse projeto, possamos conhecer pessoas interessadas em vir prestigiar juntamente conosco essa maravilhosa Festa de Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá de Goiás.

Colégio Estadual André Gáudie
Corumbá de Goiás/GO





Festa de São Sebastião em Planaltina

Entrevista feita pela equipe à senhora Anna Vieira Amaral, em 11/11/07, em sua residência.

Dona Anna, em que ano essa festa começou e quem a criou?

Em 1935. Ela foi criada por meus pais: Cândido Vieira Rodrigues e Zerfrisda Gomes Ferreira.

Como se iniciou essa festa?

Meu pai foi a Formosa e conseguiu uma imagem de São Sebastião. Quando a imagem chegou em nossa casa foi recebida com festa e assim se iniciou essa festa, que já dura 92 anos.

Essa festa já foi interrompida alguma vez?

Sim, por cinco anos. Não me lembro do período, mas sei que foi por causa de mudanças de local de residência.

Como a Igreja apresenta São Sebastião?

São Sebastião que veneramos e invocamos nesta novena é apresentado na Igreja como o santo que devemos imitar e não somente admirar pelo seu testemunho de fé e caridade.

Como acontece essa festa?

A festa antes era realizada nas casas dos noveneiros, mas como foi crescendo muito o número dos devotos, há três anos ela é realizada no subsolo da Crevin (uma entidade de idosos). As novenas começam no dia 11/01 e vão até o dia 19/01. A cada dia tem uma família ou equipe responsável pela realização da novena, que sempre termina com leilão e um lanche saboroso. No dia 20/01 acontece a grande festa de São Sebastião e são apresentados os festeiros do ano seguinte.

Observação: Todos os meses, no dia 20, nos reunimos em uma casa para rezarmos em honra a São Sebastião.

Podemos dizer que essa festa é uma herança de família?

Sim. Começou com meus pais, continuou sendo realizada pelos filhos, netos e bisnetos, familiares e amigos. Os festeiros de 2008 serão os bisnetos do Sr. Cândido e Dona Zerfrisda.

Centro de Ensino Fundamental 01
Planaltina/DF



Festa do Divino em Planaltina, DF – CEM
Stella dos Cherubins G. Tróis – Planaltina/DF

Carnaval de Conceição da Barra, ontem e hoje sinônimo de folia e diversão

O carnaval de Conceição da Barra é uma das festas mais tradicionais do nosso município. Por isso, nós resolvemos pesquisar em livros e entrevistar as pessoas para saber como era a festa de antigamente e de hoje em dia. Antigamente o carnaval começava no sábado, às 19 horas. As pessoas se fantasiavam e saíam em blocos. No domingo saíam dezenas de carros cheios de gente com a banda tocando. Às 14 horas saía o desfile de carros alegóricos. Eles iam enfeitados e com lança-perfume, confetes e serpentinas. Desde a década de 1960, os bailes carnavalescos passaram a ser realizados nos clubes: Sul América Futebol Clube, Hotel Cricaré e Dunas Praia Clube. Os barraenses se divertiam nos salões, disputando quem tinha a fantasia mais bonita e se divertindo muito. As ruas e os salões eram decorados com motivos temáticos pelo carnavalesco da cidade, Gualter Negreiros Pereira, que divertia a cidade com sua fantasia de Nega Maluca.

No final dos anos 80, com a chegada dos trios elétricos, a população aderiu literalmente ao carnaval de rua, levando com isso ao fechamento do Dunas Praia Clube. Animado pela banda Oliveira Filho, seja animado por batucadas, seja animado pelos trios elétricos, a população e os turistas, que crescem a cada ano, aderiram em massa a essa folia. Entre os blocos que se destacaram e se destacam ainda hoje estão o Unidos do Cazuzu, que muito animou o carnaval da cidade, e o Pâra-Rái de Bebo, que ainda continua animando. Destaque também para os blocos de foliões: As Cínicas, Poleiros de Anjos, Mansão dos Prazeres, Tigrão, Turma do Pinikel, Galáticos, Bloco das Piranhas, Unidos do Futsal e muitos outros que colaboram para que o carnaval de Conceição da Barra continue sendo um dos melhores do Brasil.

Antes de iniciar nossa investigação, tínhamos um questionamento: Qual era o melhor carnaval, o antigo ou o atual? Ao finalizar a pesquisa concluímos que não existe um melhor, pois cada um é apropriado à sua época.

E. M. E. I. E. F. Ângelo Luiz
Conceição da Barra/ES



E. M. E. I. E. F. Ângelo Luiz
Conceição da Barra/ES



Gaúcho também sabe "mexer"
Instituto Estadual de Educação Dr. Carlos Chagas
Canoas/RS



Festeiras de plantão – E.M.E.I.E.F. Ângelo Luiz
Conceição da Barra/ES



E. E. E. F. Isabel
Maria das Neves
João Pessoa/PB

Muriçocas do Miramar

O maior bloco carnavalesco de João Pessoa, o Muriçocas do Miramar, nasceu em 1987, mas a idéia surgiu em uma festa de aniversário, em 1986, no bairro do Miramar. Os convidados conversavam sobre o período de carnaval, quando a maioria das pessoas preferia viajar. "Só ficam as Muriçocas...", e logo apareceu a idéia de mudar isso. Quem estava na festa se juntou e saiu pelo meio da rua cantando frevo e batendo panelas. Eram apenas 30 pessoas sendo conduzidas por uma carroça de burro com um pequeno som acoplado tocando frevos. Surgia, assim, a raiz do Bloco Recreativo, Litero Musical Carnavalesco Muriçocas do Miramar. Após o ano seguinte a quando foi fundado, 1987, o grupo de amigos foi às ruas pela primeira vez, como Muriçocas do Miramar. E até hoje vem arrastando multidões pelas ruas dos bairros e das áreas próximas. O Muriçocas do Miramar é o maior bloco pré-carnavalesco de arrasto do mundo. O bloco sai na Quarta-feira de Fogo (o termo Quarta-feira de Fogo foi criado pelo cantor e compositor paraibano Fubá), uma semana antes da Quarta-feira de Cinzas, dentro da programação do Projeto Folia de Rua. Esse projeto nasceu depois que a alegria do Muriçocas do Miramar contagiou moradores de outros bairros e fez renascer o carnaval de rua de João Pessoa, com a criação e a revitalização de antigos blocos carnavalescos.

E. E. E. F. Isabel Maria das Neves
João Pessoa/PB



Os casamentos antigos Resgatando histórias

Apesar de estarmos na era globalizada, muitas pessoas preferem casar-se de forma tradicional, obedecendo regras que vêm de geração em geração.

Os casamentos tradicionais de nossa região são realizados de forma simples, mas significativa, com poucas comemorações. Exemplos:

“*Eu cheguei à igreja a cavalo, meu vestido era branco, comprido e com capela (véu). A comemoração foi em casa, só com padrinhos e famílias e animado com o forró.*” (Inácia, 26/09/07)

“*Apesar de ter me casado em 1999, preferi que fosse de uma forma tradicional, para manter os costumes. Nesse período, os vestidos já eram sofisticados, mas optei por um discreto, como os de antigamente.*” (Luciana, 4/10/07).

No trabalho, observamos que algumas pessoas preferem os casamentos tradicionais.

E. E. Máxima Vieira de Melo
São José do Egito/PE



ENTREVISTA

Entrevistamos o atual organizador da Exposição Agropecuária de Quirinópolis (Expoaq), o Sr. José Eduardo Fleury:

Quando surgiu a primeira festa?

Por volta de 1974, por iniciativa do Sr. Francisco Botelho Junqueira, que, juntamente com alguns fazendeiros da região, comprou e doou a área do parque para o Sindicato Rural de Quirinópolis.

Quais as principais atrações da festa?

Primeiramente o rodeio (juntamente com as modalidades de laço de bezerros, prova dos tambores, campeonato leiteiro etc.), que especialmente no ano de 2007 passou a integrar o Circuito Barretos de Rodeio. Temos também os standers de exposição de animais e de maquinário agrícola, barracas de comidas típicas e bebidas, shows, boite, parque de diversões e queima de fogos.

Quando e onde é realizada a festa?

É realizada no mês de julho, no Parque de Exposição João de Oliveira Gouveia.

Qual a importância da festa para o município de Quirinópolis?

Valorizar as nossas tradições e mostrar as potencialidades do nosso município: a pecuária, a agricultura e o agronegócio.

Colégio Estadual Independência

Quirinópolis/GO



Os mascarados
Colégio Estadual Chistovam de Oliveira
Anápolis/GO



Cavalhadas de Pirenópolis
Colégio Estadual Chistovam de Oliveira
Anápolis/GO



Entrevista com Dona Ita
Colégio Estadual Chistovam de Oliveira
Anápolis/GO



Instituto Estadual de
Educação Irmão Getúlio
Vacaria/RS

Semana Farroupilha

Aconteceu aqui na cidade de Vacaria a comemoração da Semana Farroupilha, valorizando a cultura rio-grandense. Teve início no dia 15 de setembro e fim no dia 22 do mesmo mês. No decorrer da semana, várias festividades foram realizadas, como:

- Tertúlias no CTG, Porteira do Rio Grande, Sentinela da Querência e Rancho da Integração;
- Tiro de laço no Parque de Rodeios Nicanor Kramer da Luz;
- Cavalgada da paz passando pelas escolas do centro da cidade;
- Bandeiras foram hasteadas e o hino rio-grandense cantado durante a semana, na praça da cidade, todos os dias;
- Chama crioula;
- Ronda crioula.

O desfile se realizou no dia 20 de setembro. Várias pessoas participaram, mostrando o orgulho de ser gaúcho. O tema apresentado: "Assim o gaúcho se movimentou".

Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio
Vacaria/RS



E. E. E. F. Isabel Maria das
Neves João Pessoa/PB

Festa de Iemanjá em João Pessoa

Fruto da miscigenação de raças do Brasil, sobretudo em seu período colonial, o sincretismo religioso é, hoje, um dos registros mais significativos da nossa cultura. São inúmeras as manifestações religiosas derivadas dessa mistura de ritos, como o culto aos Orixás.

Essa manifestação acontece na divisa entre as praias de Tambaú e Cabo Branco, em João Pessoa, a cada 8 de dezembro. Esse evento se estende até o raiar do dia seguinte. É um misto de beleza, fé e alegria.

É uma festa onde são feitas oferendas à divindade em alto-mar, com barcos ornamentados. Na areia, essências aromáticas, velas brancas e cânticos em Yorubá dão um toque litúrgico aos festejos. Mas o ponto alto da festa acontece às 20h, quando uma caminhada formada por mais de 2 mil filhos de santo chega ao Palácio de Iemanjá, na praia.

E. E. E. F. Isabel Maria das Neves
João Pessoa/PB



Resgatando a cultura da minha terra



Historicamente a Banda de Pifanos remonta à época dos primeiros cristãos, que tinham no pifano uma maneira de saudar a Virgem Maria nas festas natalinas. Os instrumentos da banda variam em cada região. Em Pernambuco, é composta por dois pifanos, uma caixa, um bombo, um surdo e um tambor, segundo dados pesquisados no site www.fundaj.gov.br.

Em muitas regiões as pessoas não sabem o que é a Banda de Pifanos, daí a necessidade de resgatar e expandir essa cultura maravilhosa. Em Riacho do Meio, no distrito de São José do Egito, PE, a Banda de Pifanos teve sua origem em 1925, tendo como primeiros participantes: Artur, Sebastião de Chico, Boi de Lirino, Pedro Ventura, Chico Cariri, Zé de Eloi, João Caboco e João Francisco de Moura, todos pernambucanos, hoje vivos apenas na memória dos nordestinos.

A atual banda é composta por quatro componentes. São eles: Preto de Chata, Zequinha Aguiar, Chico de Cicia e Cícero Leite. Esse grupo tem por objetivo preservar a cultura nordestina e formar futuras gerações "pifeiras". A banda participa em muitos eventos, tais como aniversários, carnavais, festas universitárias e principalmente em festas de padroeiros. A banda já tem cinquenta anos de tradição e muito sucesso.

E. E. Máxima Vieira de Melo
São José do Egito/PE



Os casamentos antigos

Na minha comunidade, Riacho do Meio, São José do Egito, PE, a forma como a noiva se deslocava até a igreja era diferente em relação aos dias de hoje, porque antes os noivos iam para a igreja a cavalo e hoje os noivos vão de carro. Vou postar algumas entrevistas que fiz:

Entrevistei: Dona Inacinha, moradora do Riacho do Meio, 73 anos

Como a noiva chegava à igreja?

Antes era a mesma coisa, o noivo não podia ver a noiva.

Como eram tiradas as fotos?

Eram tiradas em São José do Egito, às vezes tiravam na igreja.

Como eram os vestidos?

Era branco, comprido e com capela.

Como eram as festas?

A festa era sempre em casa e, quando chegava da igreja, almoçava, depois tirava o vestido e tinha forró.

Será que mudou alguma coisa?

Mudou, porque antes os noivos chegavam à igreja a cavalo e hoje vão todos de carro.

E. E. Máxima Vieira de Melo
São José do Egito/PE



Galeto com Massa



E. E. E. F. Manuel Arruda Câmara
Carazinho/RS

A festa do Galeto com Massa, uma das mais tradicionais de Carazinho, surgiu a partir de uma idéia que se tornou tradição. O Senhor João Balim afirma que "no início dos anos 70, o Padre Ovídio trouxe a idéia de Caxias do Sul". Convidou o senhor Balim e esposa e mais algumas pessoas para fazer uns 200 cartões de galeto. Cada vez que era realizado, aumentava-se a quantidade de cartões vendidos. Após algum tempo, foi oficializado o Galeto com Massa, sempre aos sábados.

No preparo, a massa é cozida em grandes panelas contendo água fervente. Após o cozimento é adicionado o molho e o queijo. O frango é assado em churrasqueiras construídas em salões comunitários. Algumas pessoas buscam o galeto com a compra antecipada de cartões e reúnem-se em família; outras comem no local, que geralmente é animado com música ao vivo.

E. E. E. F. Manuel Arruda Câmara
Carazinho/RS



Dianópolis e suas tradições

Nosso trabalho procurou ressaltar a diversidade e riqueza cultural existente na cidade, enfocando cenas do cotidiano religioso, social e cultural. Por meio de entrevistas e pesquisas, buscamos ressaltar aspectos dos festejos religiosos ou não do nosso povo, além das danças características de raízes locais que remetem ao tempo da escravidão. O povo preserva essas tradições nos dias atuais, como

prova de respeito, preservação e orgulho de uma cultura, não deixando de lado a história oficial da cidade.

Seus principais festejos são: a Romaria da Supupira, que celebra a Festa do Divino e de Nossa Senhora do Rosário desde o início do século XIX, quando um sertanejo encontra uma imagem de Nossa Senhora do Rosário mediante um pé de supupira. A festa preserva suas características iniciais com barracas feitas de palha de buriti, e também o capitão do mastro e festeiro.

Centro de Ensino Médio Antônio Povoá
Dianópolis/TO



Turé: cura, xamanismo e celebração

O Oiapoque possui um segmento expressivo de povos indígenas, como as etnias Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi de Oiapoque ou Kalinã.

Para eles, o ritual mais importante é o TURÉ, considerado um patrimônio imaterial das culturas indígenas. Nesta perspectiva, a equipe de repórteres buscou resgatar os aspectos culturais desses povos e, para isso, foram entrevistados alguns índios das referidas aldeias. As perguntas foram direcionadas para o histórico, a importância e a preservação do Turé.

Nas décadas de 1930 e 1940, "o Turé era o momento de os indígenas agradecerem o território conquistado. Por batalhas travadas ali mesmo" (Estácio Santos, índio Karipuna). Assim, o Turé passou a ser representativo na união dos povos guerreiros.

Com o passar do tempo, "o Turé passou a fazer parte de uma celebração de agradecimentos à natureza, ou seja, a dança é dedicada aos animais, às florestas, às águas, ao céu, ao mar, ao sol e à lua", segundo afirma Coaraci Gabriel, índio Galibi Marworno.

E. E. Joaquim Nabuco
Oiapoque/AP



1



Marabaixo – da colonização
ao bairro do Laguinho

Busca no Portal



Viver e produzir

o mundo do trabalho, na cidade e no campo, e também a produção cultural
de produzir, funções de cada e ainda os lugares onde o trabalho é realizado.

serão retirados

o termo de cessão dos direitos de publicação, disseminação e



Enviar uma imagem

Enviar um texto

Pesquisar obras

Obras recentes

Continuação
Produzir e Progredir



Autos Transatlânticos
Garcia Almeida

"A história de
Anápolis vista e
contada sobre o
primeiro dos alunos."
Continuação não



Foto: EV Imagens, Itaba

www.educarede.org.br

Diversidade das formas de trabalho no Brasil

O que é trabalho?

Nós, os seres humanos, precisamos criar o mundo no qual vivemos. Para isso, transformamos a natureza e criamos os espaços, os produtos e os modos de vida de que necessitamos.

Ao transformarmos o meio natural, criamos o espaço no qual nossas vidas acontecem. Desenhamos trilhas de terra e de areia, traçamos estradas, ruas, alamedas e avenidas. Criamos quarteirões, separamos os locais nos quais as casas serão erguidas, definimos o que é espaço de uso coletivo e o que é espaço de uso restrito. Construímos praças e largos, erguemos prédios para o funcionamento de nossas instituições, como as escolas, as prefeituras, as prisões, as igrejas, os hospitais, as residências, as lojas etc.

Toda essa transformação é possível porque aprendemos a lidar com a natureza. Mais precisamente, o conhecimento que desenvolvemos sobre a natureza nos permite fazer com que suas forças interajam de maneira a satisfazer as nossas finalidades. Das propriedades do barro, fazemos construções de taipa e tijolos. Das propriedades das árvores, fazemos todos os produtos de madeira. Do algodão, fazemos fios e tecidos. Nós desenvolvemos conhecimentos sobre a força das águas e conseguimos usá-la para a produção de energia elétrica. Conhecemos as marés, as estações, as propriedades das espécies, os comportamentos dos animais e estes conhecimentos são importantes para a pesca, a agricultura, e para a criação de animais domésticos e de animais para nossa alimentação. Com a sofisticação de nossos saberes, manipulamos propriedades químicas da natureza para desenvolvermos, por exemplo, a indústria farmacêutica.

Não transformamos apenas a natureza exterior a nós. Nossa atividade sobre o meio e sobre outras pessoas permite que nós transformemos nossa própria natureza, desenvolvendo novos modos de agir e pensar.

Todas essas atividades se entrelaçam cotidianamente para produzir uma obra coletiva: a sociedade. Assim, cada um de nossos gestos diários e cada um dos menores frutos de nosso agir é parte da atividade coletiva que cria o mundo social de que precisamos para viver. Nas relações sociais e na história, portanto, há uma vastidão de experiências acumuladas que nos permitem dar sentido ao mundo, reconhecer situações e desenvolver modos de agir, sentir e pensar.



Foto: Marcelo Pereira

Desde que nascemos, somos desafiados a participar de diferentes atividades da sociedade, inicialmente na família, depois em outros ambientes. A partir das tradições e dos recursos sociais que nos são transmitidos, desenvolvemos nossos modos de vida. Em suma, nós internalizamos esses recursos sociais e nos apropriamos deles. Ao fazermos das experiências que nos são legadas recursos para viver que nos são próprios, podemos transformar nossa natureza interna e desenvolver nossos próprios comportamentos.

Dessa discussão inicial, podemos concluir que o trabalho é a atividade pela qual os seres humanos, socialmente organizados, transformam a natureza externa e sua própria natureza para satisfazer suas necessidades e desenvolver os modos especificamente humanos de viver. Mais ainda, se é o trabalho que cria o mundo social, nós nos desenvolvemos na medida em que nos apropriamos dos frutos do trabalho coletivo.

Trabalho e a diversidade de ritmos da vida

Uma vez que o mundo no qual os humanos vivem é um mundo criado e modificado por eles, podemos entender porque há tantos modos de se viver a vida humana. Os modos de viver dos seres humanos são criados por eles, segundo as particularidades das histórias dos grupos sociais. A partir das tradições e das condições do presente, nós fazemos nossa história.

O trabalho, portanto, é um modo de fazer a História. Como não há uma única história, mas tantas histórias quanto os humanos podem criar, o trabalho vai ganhando formas diversas, segundo esse ou aquele período, segundo essa ou aquela sociedade, segundo este ou aquele grupo social.

Lembremos que transformar a natureza não é eliminar a natureza, não é destruí-la. Fazemos e faremos sempre parte da natureza e, por isso, a destruição da natureza implica também a destruição da vida humana. Por isso, as forças, os ritmos e os seres naturais fazem parte da sociedade, muito embora de maneiras diferentes.

A natureza tem seus ritmos, quase sempre marcados por ciclos, como o dia e a noite. Como o ciclo das estações de seca e de chuva, das estações verão e inverno, ou os ciclos das marés que enchem e vazam. Ou os ciclos da vida, marcados pelos momentos da concepção, da gestação, do nascimento, do crescimento, do amadurecimento, da reprodução, do envelhecimento e da morte. Os seres todos, inclusive os humanos, têm esses ciclos naturais marcados em seus corpos e em suas vidas, como o sono e a vigília, a fome e a saciedade.

Ao transformar a natureza, então, os humanos devem necessariamente interagir com esses ciclos naturais. Observemos, por exemplo, algumas diferenças nas maneiras de lidar com as forças e os ritmos da natureza.

Muitas culturas marcam os trabalhos e as situações de sua vida pelos ciclos naturais. Não só pelo ciclo do dia e da noite como também pelos ciclos das marés e das estações. Pescadores saem para o mar no nascer do dia e voltam para a terra antes do sol ficar intenso; depois, no entardecer, voltam ao mar. Essas comunidades que vivem da pesca sabem que há épocas do ano apropriadas para a pesca de algumas espécies e que há épocas em que não se deve pescá-las, pois elas estão se reproduzindo. As comunidades tradicionais agrícolas também são profundamente marcadas pelos ritmos da natureza: há a época certa para plantar e para colher; há a hora adequada do dia para fazer esse ou aquele trabalho.



Nessas culturas, os ritmos da natureza marcam os ritmos da vida social. Ora, como os ciclos da natureza tendem a se repetir numa frequência constante, os ritmos da sociedade também parecem se repetir nessa mesma constância. Vem daí a impressão de que não há pressa em populações tradicionais, como caiçaras e caipiras. O que há é o tempo adequado para se fazer o que precisa ser feito e uma vez que não é possível acelerar ou retardar os ciclos da natureza, não cabe nessas culturas a concepção urbana de tempo, na qual a pressa é um elemento freqüente.

Ainda assim, mesmo que essas culturas sejam marcadas por essa temporalidade cíclica, circular, elas também mudam e possuem temporalidades lineares, que apontam para o futuro inédito. Novas necessidades, novas descobertas e mesmo mudanças naturais podem surgir como forças que impulsionam a criação do novo. Os ciclos podem se repetir, mas um dia nunca é igual ao outro.

Por sua vez, as sociedades urbanas e industriais transformam profundamente a natureza e chegam a instaurar uma temporalidade própria, em boa medida desvinculada dos ciclos naturais. As cidades, desse modo, rompem com os ciclos da natureza para criar e impor aos seus habitantes o tempo linear. As tecnologias permitem que se trabalhe igualmente em qualquer hora, independentemente se é noite ou dia, inverno ou verão. Com as máquinas e as técnicas de planejamento e gestão, mesmo os menores detalhes do trabalho podem ser planejados e monitorados. Como o tempo linear da vida urbana é uma obra humana que rompe os ciclos naturais, os humanos podem acelerá-lo o quanto suportarem. A busca da produtividade de mercado leva ao anseio por produzir mais e melhor em menos tempo e com maior economia de recursos. O afã pela maior rentabilidade leva à procura pela inovação e pela antecipação das ações dos concorrentes. Ganha quem vê primeiro, ganha quem chega primeiro.

Ainda assim, mesmo que o mundo urbano industrial seja marcado por essa temporalidade linear, contínua, nele também existem repetições próprias da temporalidade cíclica. Os ciclos permanecem não só na alternância entre dias e noite, entre estações do ano, entre momentos de trabalho produtivo e repouso, entre o dia útil e o fim-de-semana. Os ciclos permanecem também porque, embora a vida corra em ritmo veloz, parecendo mudar a todo instante, é nítida a percepção de que a rotina faz com que os dias pareçam ser sempre iguais.

Trabalho e mercado

Toda atividade humana que transforma a natureza para satisfazer as necessidades sociais é trabalho. Entretanto, nem todo trabalho participa diretamente das trocas econômicas da sociedade capitalista.

Alguns trabalhos geram mercadorias: bens ou serviços que podem ser trocados no mercado por dinheiro. Os economistas chamam esses trabalhos de “trabalho produtivo”. Todo trabalho assalariado, por exemplo, é “produtivo”.

Muitos outros trabalhos não geram mercadorias; ou seja, não produzem bens ou serviços que podem ser trocados no mercado. Os economistas chamam esses trabalhos de “trabalho improdutivo”. Toda atividade que fazemos para nós mesmos, independentemente do mercado, é “improdutiva”, como o trabalho que fazemos para arrumar nossa casa ou o trabalho de organização de uma festa entre amigos.

Nas sociedades voltadas ao mercado capitalista, os “trabalhos produtivos” acabam sendo muito mais valorizados que os “trabalhos improdutivos”, embora os diversos “trabalhos improdutivos” sejam fundamentais para que as pessoas possam atuar no mercado. O trabalho doméstico, por exemplo, é freqüentemente visto como um trabalho menos importante e menos valoroso que o trabalho no mercado. O trabalho das donas-de-casa, com seus gestos e suas ações rotineiras, dificilmente é visto como parte importante da organização da sociedade.

Não trataremos neste texto do modo como os frutos do trabalho são divididos na sociedade. No capitalismo, o acesso às mercadorias produzidas pelo trabalho produtivo se dá pela mediação do dinheiro. Há três grandes modos de se receber dinheiro, nessas economias: salário, lucro e rendimentos provenientes da propriedade (juros e aluguéis, por exemplo).

No capitalismo, o mundo do “trabalho produtivo” tende a se tornar um universo com regras de funcionamento próprias, que vai se separando e se isolando de outras dimensões da existência, como o lazer, a vida doméstica, a vida comunitária e a religião. Esse mundo que vai se isolando é regido por um princípio central: a produtividade. Melhor dizendo, é regido pela busca de produção de mercadorias cada vez mais rentáveis. Para realizar esse intuito, o mundo do trabalho capitalista tornou-se altamente especializado.

A primeira grande divisão e especialização do trabalho é a que separa o trabalho manual do trabalho intelectual; a que separa o fazer propriamente dito da concepção e do controle sobre esse fazer. No Brasil, em especial, a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual é atravessada pelas marcas da escravidão em nossa cultura. Entre nós, valoriza-se excessivamente o trabalho intelectual e desvaloriza-se excessivamente o trabalho manual, que teve sua imagem associada a trabalho de escravo.

Por conta das mudanças que acontecem na história e por conta da divisão e da especialização do trabalho, são muitas as formas de se trabalhar que existiram e existem entre nós.

Diversidade de trabalhos na história do Brasil

Mesmo na época em que a escravidão era a principal forma de trabalho que sustentava a economia brasileira, havia formas de trabalho livre. Evidentemente, eram livres as pessoas que eram proprietárias das plantações e dos escravos. Estas precisavam planejar e administrar as atividades da fazenda e precisavam comercializar a produção. Na fazenda, ainda, havia outros trabalhos livres, como o do feitor, que controlava diretamente o trabalho e os comportamentos dos escravos, garantindo que tudo se encaminhasse segundo os interesses do senhor. Havia trabalho livre, ainda, nas cidades e nas comunidades pobres do mundo rural e litorâneo, como era o caso dos caipiras, dos vaqueiros do sertão nordestino ou dos ribeirinhos amazônicos.

As cidades, nesse período, eram pequenas e dependentes dos núcleos rurais. Mesmo sendo pequenas, havia nelas ofícios tipicamente urbanos, como o de exportar e importar mercadorias, ou os chamados pequenos ofícios, como os de ferreiro, barbeiro, boticário e outros. Foi nas cidades, ainda, que os bancos se instalaram, especializando-se no financiamento da produção agrícola. Também nas cidades, havia os trabalhos dos funcionários públicos, como aqueles que cuidavam da arrecadação de impostos e do uso desses recursos, aqueles

que cuidavam da elaboração e fiscalização da execução das leis e aqueles que garantiam o cumprimento das leis, por vezes usando a força física.

As cidades, também, eram marcadas pela presença das igrejas, com todas as atividades realizadas pelos religiosos, que iam desde a educação até o cumprimento das cerimônias propriamente religiosas. Por muito tempo, o trabalho dos artistas era ligado à religião. Muitos músicos, arquitetos, escultores e pintores produziam obras que se integravam à dinâmica da vida religiosa. A arte apenas excepcionalmente era uma atividade autônoma.

A nossa vida urbana se expandiu no século XIX, sobretudo após a independência, em 1822. No novo país independente, era preciso criar as atividades ligadas à discussão e às tomadas de decisão sobre a vida coletiva: a política. Junto da criação do novo Estado e da arena política nacional, outras atividades foram criadas, como o ensino superior e a imprensa.

Pelo interior, ainda era o trabalho agrícola que movia a principal atividade econômica brasileira: a exportação de produtos primários. Essa atividade permanece central após o fim da escravidão, mas a partir daí contaria com o trabalho livre, sobretudo dos imigrantes. Assim, após 1888 outros arranjos de trabalho são difundidos no campo associando uma renda em dinheiro com outros benefícios, como a moradia na fazenda e o direito a ter uma roça própria. Foi esse o caso de colonos, meeiros e parceiros, por exemplo. Até a década de 1950 essas formas foram dominantes no campo.

Desde a década de 1950, a mecanização da agricultura e a introdução de insumos industrializados vêm aumentando a produtividade agrícola. Assim, o trabalho assalariado rural foi se tornando cada vez mais hegemônico. Além disso, a expansão da área do território nacional ocupada pela agricultura modernizada provocou um forte movimento de migração das populações camponesas para os centros urbanos economicamente mais dinâmicos. A combinação entre modernização agrícola, assalariamento rural e fluxos migratórios internos gerou ainda as formas de trabalho temporário do século XX, os trabalhadores chamados de “volantes” ou, por vezes, de “bóias-frias”.

O Brasil começou a se industrializar mais intensamente a partir da década de 1930, sendo que esse processo se intensificaria nos anos 1950. Com isso, a economia nacional passou a ser movida, sobretudo, pelo mercado interno. Muitos fazendeiros e outros profissionais ligados ao comércio internacional voltaram-se total ou parcialmente à atividade industrial; surgem assim os empresários urbanos brasileiros. Com o tempo, os bancos começaram a financiar as atividades econômicas urbanas e a se voltar para os serviços de varejo, expandindo os trabalhos bancários.

Com a industrialização urbana e a modernização agrícola, a população passou a morar, predominantemente, nas cidades. Na economia que se industrializava, ao mesmo tempo que houve a expansão do trabalho em fábricas, surgiram vários ofícios ligados a novas atividades que moviam a economia nos setores do comércio e de serviços. Os serviços públicos foram expandidos, como é o caso dos trabalhos nos setores educacional e de saúde.

Entretanto, a ampliação da população que procurava um posto de trabalho nas cidades foi maior que a expansão dos postos de trabalho gerados pela nova economia. Isso provocou, portanto, uma pressão para manter os salários baixos, mesmo nos períodos em que a economia cresceu em taxas elevadas. Reproduziu-se, assim, a forte desigualdade social que havia marcado nossa história desde então.



Foto: Leonardo Wern



Foto: Leonardo Wern

Nosso processo de industrialização se completou no final dos anos 1970. Desde a década de 1980, entretanto, a economia brasileira perdeu o seu dinamismo. Por anos a tônica foi um Estado falido, um forte processo inflacionário e a estagnação da economia. Dentre os resultados dessa combinação, estão o aumento do desemprego e a redução do poder de compra dos salários; em suma, o empobrecimento da população assalariada.

Nos anos 1990 houve uma rápida e intensa integração da economia nacional ao mercado internacional. Houve a introdução de novas máquinas e matérias primas vinculadas à revolução propiciada pela informática. Foi um período de fusão de empresas, de falências e de ajustamento da atividade nacional ao ritmo de uma economia que funciona em escala planetária. Esse processo de “ajuste” da economia nacional à economia global provocou uma nova onda de desemprego.

A expansão das novas técnicas de armazenamento e tratamento da informação permitiu uma profunda mudança nas relações de trabalho. É possível, hoje, que pessoas fisicamente distantes trabalhem, ao mesmo tempo, sobre um mesmo objeto. As novas tecnologias, assim, permitem um grande aumento da produtividade do trabalho. Além disso, permitem a expansão da jornada de trabalho em muitas atividades, sobretudo entre aqueles que têm jornada de trabalho “flexível”.

Essas mudanças repercutiram na vida de alguns centros urbanos que foram industriais, como na região metropolitana de São Paulo. Nessa região, é cada vez mais escasso o trabalho industrial, seja porque as fábricas empregam muito menos gente que antes, seja porque há cada vez menos fábricas em seu território. Hoje, o chão-de-fábrica tende a se deslocar para o interior em busca de menores custos, deixando para as grandes cidades os trabalhos “de escritório”, como os de planejamento, controle e marketing. Nessas cidades, os trabalhos no setor de serviços se ampliam, como os ligados aos setores financeiro e de telecomunicações.

Assim, a expansão das novas tecnologias e das novas formas de gestão provocou, ao mesmo tempo, a criação de novas relações e de novas formas de trabalho e também uma nova onda de desemprego. Este novo desemprego veio se somar ao desemprego e à pobreza herdados de nosso passado. Nas grandes cidades, em especial, vai ficando cada vez mais intensa a separação entre os setores aliados do mercado de trabalho formal e os setores que podem pleitear os postos de trabalho ligados à nova economia global, que são de maior complexidade e oferecem maior remuneração e mais prestígio.

Neste começo de século XXI, em suma, podemos ver uma sociedade que criou, reproduziu e extinguiu uma imensa diversidade de formas de trabalho. Entretanto, a questão mais urgente no mundo do trabalho é o desemprego; é a exclusão de muitas pessoas das atividades produtivas que criam e recriam a sociedade. O desemprego implica a ausência do salário, que permite o acesso à riqueza gerada pelo trabalho social. Mas, acima de tudo, o desemprego é o impedimento a que muitos brasileiros possam participar e se ver como co-autores da construção de nossa história.

Mauricio Êrnica

Cientista social, mestre em Antropologia Social e doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Colaborador do Cenpec e pesquisador da Fundação Tide Setubal.

Referências bibliográficas

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 27ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional e Publifolha, 2000.

GREMAUD, Amaury P., SAES, Flávio A. M e TONETO Jr, Rudinei. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Atlas, 1997.

LEFEBVRE, Henri. A práxis. In: FORACCHI, Marialice M. e Martins, José de Souza. *Sociologia e sociedade*. LTC Editora, 1977.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. 11ª edição. São Paulo: Editora Best Seller.



Foto: Marcelo Pereira



Foto: Leonardo Wen



Profissão: Lavadeira

Aqui em Morada Nova temos uma das profissões mais características do Nordeste; a de lavadeira de roupa. É uma profissão que exige tempo, pois aqui na cidade as lavadeiras vão para o rio de madrugada e, dependendo da quantidade de roupas, só voltam entre as 10h da manhã e o meio-dia.

Conversamos com D. Ivoneide Oliveira, 34 anos, moradora do bairro Padre Assis Monteiro, lavadeira há quinze anos, e ela nos deu toda a sua rotina de trabalho. Ao chegar do rio, coloca as roupas no varal para secar e à tarde, quando a roupa já está seca, ela as passa no ferro de engomar. É um trabalho árduo e sem feriados. Apesar dos pesares, em nosso município a maioria das lavadeiras prefere trabalhar por conta própria a trabalhar, por exemplo, como doméstica em casas de família, pois, segundo D. Ivoneide, "os patrões são muito exigentes e o serviço às vezes é muito humilhante".

Lavadeira é uma profissão típica de Morada Nova, principalmente por causa do Rio Banabuiú, que é usado também para várias outras finalidades, além da lavagem de roupas. Mesmo ainda tendo várias mulheres nesse trabalho, essa atividade aos poucos vem diminuindo na região, porque as domésticas hoje em dia já conseguem outros empregos e também os clientes muitas vezes contratam domésticas que já incluem a lavagem de roupas no serviço da casa.

CEMER – Maria Emília Rabelo
Morada Nova/CE



Horta em plena cidade

No bairro do Sanharão, na cidade de Itapipoca, seis familiares vivem de hortas para terem uma ajuda na renda familiar e melhorar suas condições de vida. Para essas famílias, a terra deve ser utilizada em benefício da comunidade, sem a utilização de produtos químicos, que prejudicam o meio ambiente. Por isso, eles utilizam produtos orgânicos. Os produtores afirmam que para brotarem lindas hortaliças é preciso que a terra passe por processos necessários.

Eles revolvem a terra com uma enxada, separando os canteiros de 1 metro de largura, por caminhos de 10 a 20 cm. Os canteiros ficam mais altos que o caminho e depois acrescentam o esterco, o famoso estrume (excremento de vaca), a bagana (palha da carnaúba triturada), logo depois começam a plantar a alface e a cebolinha. A alface é cultivada separada da cebolinha. Depois de plantadas, os produtores aguam durante o período da manhã e à tarde. A água vem de um poço perto da plantação, durante 45 dias. As mudas já estão desenvolvidas e ficam prontas para a venda.

As famílias vendem para os verdureiros na Feira de Itapipoca. O canteiro de 1 m de cebolinha ou alface custa 15 reais.

Colégio Estadual Joaquim Magalhães
Itapipoca/CE

Bodega do povo

Na cidade de Tianguá você encontrará a Bodega do Povo, um comércio no qual a prioridade é a venda de produtos orgânicos (frutas, verduras, legumes) e artesanatos de toda a Serra da Ibiapaba. Dona Cleidiane, uma das funcionárias do local, explicou à nossa equipe um pouco de como a Bodega funciona.

Qual o objetivo da Bodega do Povo?

O nosso objetivo é valorizar o produto com um preço justo para quem produz e para quem compra. Além de resgatar nossa cultura e proporcionar o intercâmbio cultural.

Como vocês vêem os outros grupos de artesãos e produtores?

Nós percebemos que a maioria dos grupos trabalha para si, não há uma união, e conseqüentemente há uma desvalorização do artesanato. Por isso que realizamos feiras com comidas típicas, artesanatos etc.

E. E. F. M. Tancredo Nunes de Menezes
Tianguá/CE



Trabalhos feitos pelos alunos na aula de marcenaria.
Centro de Ensino Especial 01 de Santa Maria
Santa Maria/DF

MINHA EXPERIÊNCIA NESTE PROJETO

Olá, pessoal! Bem, o projeto está chegando ao final e só passei por aqui para falar um pouquinho sobre o que achei de tudo. Durante este mês não só pude divulgar a minha cidade, como também conhecer e aprender melhor sobre ela. Foi uma experiência gratificante participar de um projeto tão bem elaborado como este. Espero que todos tenham gostado do nosso trabalho, que foi feito com o máximo de cuidado para que ficasse realmente bem feito. Agora é só esperar o livro!!!

Bem, é isso aí, pessoal, foi maravilhoso estar com vocês durante estes dias!
Um grande abraço e até um dia, quem sabe.

Colégio Estadual Sebastião Moreira da Silveira
Mambai/GO

Estabelecimentos comerciais

Nerópolis possui vários estabelecimentos comerciais: bares, supermercados, postos de gasolina, depósitos de materiais de construção, oficinas mecânicas, torneadoras, auto-elétricas, açougues, lojas de móveis e eletrodomésticos, tecidos, sapatos, confecções, depósitos de gás, panificadoras e outros. Dentre os pontos comerciais citados, destacamos:

Lojas Centro

Uma das primeiras lojas de móveis e eletrodomésticos instaladas na cidade. Foi fundada em 01/02/1998. O proprietário é o Sr. Murival B. de Oliveira e o gerente é o Carlos Soares. A demanda é ampla para a cidade e o entorno. As maiores dificuldades encontradas são qualificação de mão-de-obra especializada.

Colégio Estadual Dr. Negreiros
Anápolis/GO



Doces de Nerópolis
Colégio Estadual Dr. Negreiros
Anápolis/GO



Moreninha Doce - Açúcar Mascavo
Colégio Estadual Independência
Quirinópolis/GO

Conclusão

Esta é uma proposta do Projeto Minha Terra, cujo tema escolhido pela Equipe Águia, que representa o município de Nerópolis, é Viver e Produzir. O estudo relacionado à produção econômica do município é de grande importância, assim como sua organização e participação a nível estadual e federal. Apesar das dificuldades encontradas para a realização do trabalho, como: o curto espaço de tempo, a resistência por parte de algumas indústrias em nos receber para coletarmos dados e informações necessárias, podemos dizer que foi gratificante, pois fomos muito bem recebidos em quase todos os locais que visitamos e houve interesse e participação da equipe no desenvolvimento do trabalho.

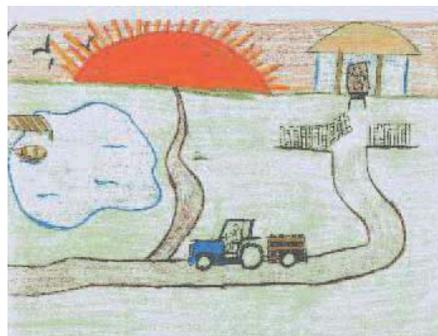
Colégio Estadual Dr. Negreiros
Anápolis/GO

O Estado de Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul formava um só estado, juntamente com o Estado de Mato Grosso. Desde o início do século passado, no entanto, a região sul de Mato Grosso aspirava tornar-se um estado independente, idéia rejeitada pela região norte, que temia o esvaziamento econômico do estado. Em 11 de outubro de 1977, foi aprovada a lei que desmembrou a parte sul de Mato Grosso, transformando-a em estado em 1º de janeiro de 1979.

A justificativa apresentada pelo governo federal para realizar o desmembramento foi de que o antigo Estado de Mato Grosso ocupava área geográfica muito extensa e está naturalmente dividido por marcante diversidade ecológica, o que dificultava a sua administração. Enquanto a região norte, na entrada da Amazônia, é coberta por florestas, a região sul é formada por campos, nela se encontrando a maior parte do complexo do Pantanal.

E. E. Professor Carlos Henrique Schrader
Campo Grande/MS



Belezas dos campos
E. E. Professor Carlos Henrique Schrader
Campo Grande/MS

Bonito

Bonito foi privilegiado com grutas pré-históricas, cachoeiras, lagoas, baías, nascentes, monumentos, sítios arqueológicos, folclore e artesanato, tornando este lugar um dos mais belos do estado. A diversidade de belezas naturais, as águas cristalinas, as cachoeiras de Mimoso com o espetáculo da piracema, o Rio Aquidabã descendo por encostas de morros e prados, as quedas-d'água e lindas piscinas naturais oferecem, ao turista, passeios inesquecíveis em qualquer época do ano.

A Gruta do Lago Azul fica para sempre gravada na memória de quem penetra em seu interior. Seu profundo, límpido e cristalino lago, cercado por paisagens milenares, nos fazem voltar ao passado, imaginando o homem primitivo abrigando-se em suas cavernas...

E. E. Prof. Carlos Henrique Schrader
Campo Grande/MS

História de Campo Grande

Um mineiro chamado José Antonio Pereira soube da existência de ricas terras na região de Vacaria e resolveu formar uma comitiva para conhecer a tal região – isso aconteceu no ano de 1872. Em carros de bois, essa comitiva chegou à confluência de dois córregos, que seriam mais tarde chamados de Prosa e Segredo.

Após fazer o reconhecimento do local, resolveu que ali era o lugar ideal para levantar seu rancho e começar uma nova vida. Após as primeiras ações, foi para Minas buscar sua família. Retornando em 1875 com sua família e amigos, num total de 62 pessoas para povoar a região, transformaram o local num grande arraial e deram-lhe o nome de Arraial de Santo Antônio de Campo Grande.

E. E. Prof. Carlos Henrique Schrader
Campo Grande/MS



Desvendando Mato Grosso do Sul
E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS



Incríveis Berrantes - Frigorífico Mar & Terra
E. E. Edson Bezerra
Itaporã/MS



Incríveis Berrantes - Escultura do peixe pintado
E. E. Edson Bezerra
Itaporã/MS

Desvendando Mato Grosso do Sul - Pontos turísticos

Nosso município possui muitos pontos turísticos que valem a pena conhecer. A Casa do Artesão não é apenas um ponto turístico de Campo Grande, mas também o lugar de exposição de muitos dos trabalhos dos nossos artesãos. Aqui, os objetos e artefatos produzidos pelos artesãos podem ser apreciados pelos olhos dos visitantes e os que mais agradarem podem ser comprados, levando assim uma lembrança da nossa Cidade Morena.

A produção artesanal, nas regras da Tribo Terena – uma das tribos que vivem aqui em Mato Grosso do Sul e participam da exposição de trabalhos na Casa do Artesão –, é atividade exclusiva das mulheres.

E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS



Guimy - Calçados infantis
E. E. Ana Maria de Souza
Selviria/MS



1. Incríveis Berrantes - Classificação dos peixes - E. E. Edson Bezerra - Itaporã/MS



2. Cerâmica Geralde - E. E. Ana Maria de Souza - Selviria/MS



3. Madeireira e carpintaria São Judas Tadeu - E. E. Ana Maria de Souza - Selviria/MS

Mercadão Municipal

Um dos locais com maior diversidade em produtos da terra em nossa cidade é o Mercadão Municipal Antonio Valente. Este é distribuído em 144 bancas e 78 boxes. Estes, com variedades de recursos hortifrutigranjeiros, peixes, carnes da região e ainda com artesanatos e iguarias gastronômicas locais.

Esse mercado foi fundado em 26 de agosto de 1958. Desde então, se encontra como ponto de desenvolvimento comercial, no qual a maioria dos comerciantes é descendente de japoneses. O local é aberto ao público das 6h às 18h30, sendo que, nesse espaço de tempo, além do ambiente comercial, o Mercadão se torna ponto de visitação turística,



devido ao carisma dos comerciantes, aos variados produtos regionais e ao ambiente acolhedor em que se tornou.

E. E. Professor Emygdio Campos Widal
Campo Grande/MS

Euforia de mercado ou solução para o impacto ambiental?

Apoio Rural é uma empresa que revende implementos agrícolas, sementes e presta serviços como manutenção e análise de solo, como muitas empresas existentes em Chapadão do Sul.

O engenheiro agrônomo Fernando Ricardo Fernandes, funcionário da empresa, opinou sobre a nova cultura que está prestes a ser implantada no município, a cana-de-açúcar. Ele afirma que a cana será boa para a economia local e trará benefícios, como empregos nas indústrias de produção do etanol (álcool), mas ressalta que deverá haver um equilíbrio na produção, ou seja, nem todos os

agricultores deverão cultivar cana, porque além da monocultura ser desinteressante para a região, poderá ocasionar uma quebra nas empresas agrícolas chapadenses, ocorrendo um grande aumento no custo de sementes e cereais.

Com relação ao meio ambiente, haverá muitos aspectos negativos, que no futuro poderão ocasionar um desequilíbrio ambiental, gerando a poluição atmosférica e o empobrecimento do solo.

E. E. Jorge Amado
Chapadão do Sul/MS

O Mercado Municipal

Criado com o intuito de facilitar a vida dos patoenses, o Mercado Municipal abrange todos os tipos de mercadorias, dos mais variados produtos às mais diferentes pessoas e personalidades.

No ambiente há um misto de alegria e diversão, trabalhar lá é quase uma diversão. Todos se conhecem, se comunicam e formam uma grande e diversificada família. Cada vendedor ama de uma forma a sua profissão, seu local de trabalho.

O mercado não é só visitado e requisitado pelos patoenses, mas é referência para as pequenas cidades circunvizinhas.

E. E. F. M. Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB



A Feira da Troca: uma história de conquista

A Feira da Troca foi criada em 1964 e, ao longo de sua existência, apresentou-se em cinco lugares diferentes. No ano de 2001, o Curador Dr. João Manoel de Carvalho encontrou vários produtos sem nota fiscal, a maioria objeto de furtos. Fez a apreensão dos produtos e exigiu a retirada dos feirantes do local.

Os feirantes saíram em busca de soluções para o problema e foram falar com o curador, que lhes propôs a fundação de uma associação ou sindicato. Formaram o Sintrofamp – Sindicato dos Trabalhadores de Feiras Livres, Barraqueiros e Ambulantes de Patos – e o prefeito decretou a construção de um centro de pequenos negócios.

O Centro de Pequenos Negócios Zizi Vieira foi inaugurado em dezembro de 2003 e hoje apresenta uma diversidade de produtos para compra, venda e troca de objetos novos e usados.

E. E. F. M. Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB



Trabalhar é uma arte

Alguns profissionais de Tuparetama têm seu trabalho como uma arte. Usam madeira, retalhos de tecido, outros usam apenas água e galhos de árvores. Estamos falando do artesão, da fuxiqueira e da rezadeira, respectivamente. Foi emocionante conhecer todos eles, pois cada um compartilhou conosco sua habilidade, sabedoria e sonhos. Aprendemos o quanto é importante trabalhar no que gostamos e sermos valorizados pelas outras pessoas.

Indagado sobre o desmatamento das árvores com as quais produz suas peças, Seu Antônio deu-nos uma aula sobre reflorestamento. Preocupado em não deixar sua arte morrer, ele ensina, gratuitamente, a qualquer pessoa interessada em aprender.

Outro trabalho interessante é o da fuxiqueira, que leva cerca de sete meses para fazer uma colcha de casal e ganha, apenas, 250 reais. Já a rezadeira não cobra nenhum dinheiro pelo seu trabalho, reza pela simples vontade de "ajudar ao próximo e mostrar a importância da fé em Deus".

E. E. Cônego Olímpio Torres
Tuparetama/PE



O trabalho – A cultura – A tecnologia
E. Máxima Vieira de Melo
São José do Egito/PE

Viver e produzir em Tuparetama

Nós, alunos da 5ª série A, da escola estadual Cônego Olímpio Torres, de Tuparetama, Pernambuco, temos o orgulho de participar desta comunidade e, assim, compartilhar com todos um pouco sobre Viver e Produzir no nosso município. Este fica localizado no Alto Sertão do Pajeú e tem cerca de 8 mil habitantes. Nossa cidadezinha é conhecida como a princesinha do Pajeú, por ser muito limpa e arborizada.

Pudemos conhecer mais a respeito de algumas profissões pouco lembradas, como carvoeiro, agricultor, fuxiqueira, moto-táxi e rezadeira. Poderíamos relatar sobre médicos, comerciantes e juizes. Entretanto, queremos, de certa forma, homenagear os profissionais que desempenham duras funções e tão pouco valorizadas. Além do quê, existem pessoas que desconhecem a importância do trabalho desses profissionais.

E. E. Cônego Olímpio Torres
Tuparetama/PE

As novas tecnologias virtuais na educação

As novas tecnologias virtuais vêm ocupando cada vez mais espaço no mundo moderno. Um exemplo disso é o crescimento do Orkut. Criado nos Estados Unidos em janeiro de 2004, esta ferramenta, que se constitui numa rede de relacionamentos virtuais, virou uma febre no Brasil. Hoje o país ocupa a liderança mundial em número de usuários: são mais de 4 milhões, e no topo da lista dos que mais acessam o site estão os jovens.

O Núcleo de Novas Tecnologias na Educação (NTEC) do Cefet-RJ tem por objetivo utilizar, pesquisar e analisar o impacto destas tecnologias na Educação. Segundo pesquisas realizadas pelo núcleo, o acesso à internet não se constitui em problema para os alunos do Cefet-RJ. O grupo de pesquisa aplicou um questionário entre os estudantes do Ensino Médio Técnico e os resultados impressionaram. Do total pesquisado, 65% tinham acesso à internet em casa. Outros 21% disseram que se conectavam por meio dos computadores instalados na escola. E cerca de 10% afirmaram que o acesso se dava em lojas (*lan houses*) que ofereciam o serviço. Portanto, pode-se concluir que a internet é presença constante na vida destes jovens.

Cefet-RJ
Rio de Janeiro/RJ



Produzir e progredir
E. E. E. M. Jovem Gonçalves Vilela
Ji Paraná/RO



3º FEPAF-RO
E. E. E. M. Jovem Gonçalves Vilela
Ji Paraná/RO

Ontem e hoje: diferenças na agricultura e no comércio

A grande maioria dos colonos da região norte do Rio Grande do Sul é descendente de italianos, alemães, poloneses ou caboclos. Nossos antepassados que aqui chegaram para povoar o estado foram instalados em lugares remotos e inacessíveis, dividindo arbitrariamente os lotes e abandonando os núcleos imigrantes ao seu próprio destino. A estes não restava alternativa a não ser plantar o seu sustento, pois a princípio a agricultura era de subsistência, plantar para viver.

Com o aumento da população, os agricultores produziam e trocavam os produtos cultivados, dando início ao comércio de troca-troca. Trocavam-se trigo, milho, feijão e outros produtos agrícolas por louças, calçados, açúcar, sal, querosene e tecidos.

Passada a fase da agricultura de subsistência, as casas comerciais passaram a comprar a produção agrícola e exportar. O comércio foi se desenvolvendo de maneira independente e vendendo produtos atrativos de acordo com a necessidade da população.

E. E. Normal José Bonifácio
Erechim/RS



Balneário Pinhal
E. E. B. Margarida Pardelhas
Cruz Alta/RS



Adubo orgânico - Caseiro
E. E. E. B. Frei Casimiro Zaffonato
Ipê/RS



Pesquisador e escultor Walter Schätzel, o idealista E. B.
Professora Elizabeth Ramminger
Mondai/SC

Projeto Parque Ecológico Especial

Justificativa

Há seis anos, o Centro de Ensino Especial nº1 de Santa Maria vem atendendo crianças e adolescentes portadores de deficiências, oriundos de Santa Maria e entorno, cuja realidade sócio-econômica e cultural é bastante precária.

Nesse contexto, a escola torna-se o único espaço onde estes jovens e crianças têm acesso a lazer e cultura, cumprindo um papel que vai além da proposta curricular.

Diante disso, professores e direção estão criando um espaço lúdico, eco-pedagógico: o projeto Parque Ecológico Especial, onde as crianças terão a oportunidade de entrar em contato com a natureza, de interagir, sendo também estimuladas na psico-sócio motricidade de forma prazerosa, promovendo sua auto-estima, aprendendo e ensinando, tornando a escola um local de vida e de relação harmoniosa com a natureza.

Centro de ensino especial 01 de Santa Maria
Santa Maria/DF



1



2



3

1. Porto Seco de Anápolis – Colégio Estadual Virgínio Santillo – Anápolis/GO
2. Arroz Brejeiro Produtos Alimentícios Orlandia – Colégio Estadual Virgínio Santillo – Anápolis/GO
3. A história de Anápolis vista e contada sobre o prisma dos alunos – Colégio Estadual Virgínio Santillo – Anápolis/GO



Entrevista com o químico da Citróleo

O químico Ronaldo Francisco Garcia é da cidade de Barra Bonita e trabalha na Citróleo, em Torrinha, há 9 anos. Ele fala que existem 16 espécies da árvore de candeia (árvore que fornece o óleo), mas a única que os interessa está em Minas Gerais, que é uma das espécies que mais tem rendimento e a única que tem valor comercial.

O químico comenta sobre as qualidades da árvore de candeia, além do óleo que possui. Ele diz que o objetivo do plantio dessa árvore é melhorar o terreno onde ela for plantada, e ela é umas das espécies que pode ser plantada em qualquer tipo de terreno: seco, úmido, enfim, um terreno que muitas plantas não conseguem se desenvolver.

O químico nos mostra como é todo o processo para a árvore de candeia chegar a seu estado líquido. O processo parece ser bem simples, mas para isso teve alguns anos de experiências.

E. E. Lázaro Franco de Moraes
Torrinha/SP



Revista Martins Pena
E. E. Martins Pena
São Paulo/SP



Entrevista com o proprietário Rafael Montuenga
E. E. Lázaro Franco de Moraes
Torrinha/SP

Agricultura em Porto Nacional

Em entrevista com agricultores da região, a equipe Amigos Agricultores conheceu a fazenda São Gabriel e Frigovale e conversou sobre o trabalho que é realizado nessas propriedades.

De acordo com os agricultores, as técnicas que eram usadas antigamente nas plantações podem ser utilizadas ainda nas propriedades. A diferença é que elas se aperfeiçoaram para ter maior produtividade em grandes áreas. Já em pequenas áreas, podem ser utilizadas antigas técnicas como: adubação orgânica, controle orgânico de pragas e doenças, colheita manual.

Perguntados sobre produtos químicos nas plantações, os agricultores acham que, embora poluam o meio ambiente, é necessário para o controle de várias pragas e doenças, como ervas-daninhas que competem com a plantação, doenças, fungos e insetos.

Centro de Ensino Médio Félix Camoa
Porto Nacional/TO

“O Tocantins possui o segundo maior efetivo de bovinos da região norte”



Pesquisador e escultor Walter Schättel – E.B. Professora Elizabeth Ramminger – Mondai/SC

Pecuária no Tocantins

A pecuária de corte é a principal atividade do estado. O Tocantins possui o segundo maior efetivo de bovinos da região norte e é o décimo criador do país. Em todo o estado predomina o sistema extensivo de criação de bovinos. A criação de gado leiteiro está ainda começando, mas a crescer com o desenvolvimento da economia do Tocantins.

Os principais rebanhos bovinos de corte estão localizados nos municípios de Araguaína, Miracema do Tocantins, Formoso do Araguaia, Araguaçu, Cristalândia, Porto Nacional, Gurupí, Peixes, Arraias, Natividade, Paranã e Alvorada. Em Porto Nacional, também existem rebanhos de equinos, asininos, muares, ovinos, caprinos, suínos e aves.

Com a produção diversificada, a economia do estado não corre o risco de depender apenas de um tipo de produto. São exemplos de produtores alternativos: apicultura, piscicultura e carnicultura (camarão de água doce).

Centro de Ensino Médio Félix Camoa
Porto Nacional/TO



Estufa com plantas
Centro de Ensino Médio Félix Camão
Porto Nacional/TO

Produção de sal

O Balneário Pinhal é uma comunidade praieira localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul. O grupo de alunos e professores escolheu trabalhar com aspectos que resgatassem o cotidiano da comunidade no início de sua ocupação. Dentro desse enfoque, houve interesse em visitar, pesquisar e levantar dados que dizem respeito à produção de sal nestas paragens.

A primeira ocupação foi numa estância e a comunidade preserva até hoje muitos costumes da rotina campeira. Encontramos as ruínas de uma salina que produziu sal, inicialmente para o consumo e depois para comercializar.

Conforme informações e pesquisa de campo, o sal era o produto de maior consumo, pois servia tanto para tempero como para medicação e, sobretudo, para conservar a carne, que foi a base da alimentação.

E. E. E. M. Diogo Penha
Balneário Pinhal/RS



Intercâmbio Cultural - E.E. Pio XII e E.I. Tekator
E. E. Pio XII
Tocantinópolis/TO



O cantinho do burburinho

Este trabalho registrou o modo de trabalho dos feirantes do Mercado Municipal Elias Mansour. A pesquisa nos revelou que, apesar de os feirantes exercerem uma profissão cansativa, esbanjam um bom humor incalculável, como podemos conferir no depoimento do Sr. Jorge Lopes da Silva, 59 anos, que cativa os clientes com a sua alegria irradiante: "vendo marrecos, patos e galinhas vindos da chácara Pato Verde, no ramal do Bom Jesus. A minha vida é assim: corro pra lá, corro pra cá, mas gosto disso"...

O olhar de cada feirante e o sorriso nos lábios nos mostrou que esses trabalhadores amam o que fazem no cantinho do burburinho. É o caso de Dona Isabel Cristina, 48 anos, que trabalha como feirante há 10 anos e sempre apresenta sua banca com um grande entusiasmo, onde comercializa uma grande variedade de hortifrutigranjeiros.

A maioria dos feirantes são "atravessadores", ou seja, compram e revendem os produtos que comercializam. Os verdadeiros produtores são os que mais têm dificuldades para transportarem seus produtos até a feira.

E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC



Trabalho na escola
E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC

Alunas de Ensino Médio em ação
E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC



Nações indígenas do Acre
E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC

Mandioca no Mercado Elias Mansour
E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC



Exposição do projeto aos pais dos alunos
E. E. M. Professor José Rodrigues Leite
Rio Branco/AC

educarede

A porta aberta para a educação

Brasil, sábado, 2 de 11 de 2009

:: Home » Galeria » Galeria

Usuário

Usuário:
Senha:

- [Esqueci minha senha](#)
- [Cadastro no EducaRede](#)
- [Fale com o EducaRede](#)
- [Quero me inscrever](#)

Ferramentas

- [Home da comunidade](#)
- [Rate-Papo](#)
- [Blog](#)
- [Fale com o gestor](#)
- [Fórum](#)
- [Galeria](#)
- [Mochila do Repórter](#)
- [Chefe de Redação](#)

Galeria: Quem quer brincar?!

[Página Inicial](#)



Publique e conheça os saberes e costumes ligados à infância: brincar, ditos e parlendas, a vida na escola, com leituras, memórias da infância se desenvolvem: a rua, o quintal, a praça, a escola.

Atenção: Fotos e textos fora do tema serão retirados

Importante!

Antes de publicar imagens e textos, confira o [termo de cessão dos direitos](#)

Acesse também:

[Dicas técnicas sobre publicação de imagens](#)

[Dicas sobre como publicar vídeos na Comunidade Minha Terra](#)

[Aproveite para conhecer um pouco mais sobre as brincadeiras tradicionais](#)

[Exposições](#)

[Exposição de Imagens:](#)

[Exposição de Textos:](#)



Busca no Portal



Quem quer brincar?

... as brincadeiras, suas regras, costumes e objetos, os jogos, as canções de
... rias, cotidiano escolar e também os lugares em que a experiência da infância e

[Envie sua imagem](#)[Envie seu texto](#)[Pesquisa de obras](#)

... eitos de publicação, disponíveis aqui.

... típicas de cada região do Brasil. Clique



Obras recentes

[Album da nossa Profª Saleide](#)



[Autor: Natália de Silva Dias](#)

[Cal no poço](#)

... 1919, vamos lembrar de uma brincadeira, não muito antiga, mas não muito conhecida.



Foto: EV Imagens/Itaú

www.educarede.org.br

O mundo das crianças

Quando pensamos na infância hoje, no século XXI, a entendemos como uma fase do desenvolvimento humano. Um tempo com características específicas, pelo qual todos passam, e que demanda atenção especial e condições para que os indivíduos se desenvolvam de maneira adequada. Porém, não foi sempre assim. Na história ocidental, o reconhecimento da infância não foi imediato, nem incondicional o amor às crianças. Os estudos de Philippe Ariés¹, historiador francês, mostraram como, até o final da Idade Média, a etapa que vai do nascimento aos 7 ou 8 anos (nem se falava em infância nesse período) era pouco considerada. A mortalidade infantil era enorme, muitas crianças eram enviadas para longe de casa para serem amamentadas e criadas fora das cidades e, se sobrevivessem, voltavam ao seio da família de origem. Tratados como “adultos em miniatura”, desde muito cedo assumiam tarefas domésticas e trabalhos junto aos adultos em seus ofícios. Apenas no início do século XVI, no ocidente, a criança passou a ser compreendida como um ser merecedor de cuidados especiais. O afeto entre pais e filhos, que não pode ser considerado inexistente antes disso, passa a ser importante e desejável numa sociedade em que o individualismo emerge. A partir de então, também ganha força a idéia da escola como local adequado a todas as crianças.

Porém, a conquista desse tempo e desse espaço resultou de longo processo, em que vimos crianças escravas acompanharem seus pais na dura lida do trabalho compulsório, crianças abandonadas ou deixadas nas “rodas dos expostos”², crianças embarcadas nos navios rumo ao Novo Mundo. Vimos também o trabalho no campo e nas fábricas, desde muito pequenos, e a idéia generalizada de que, para a criança pobre, “o melhor ensino é o trabalho”. Foram necessários alguns séculos para que a proteção da infância fosse ao menos desejada.

1. Philippe, Ariés. *História Social da Criança e da Família*, p. 88.

2. A roda dos expostos é uma invenção medieval, usada inicialmente para manter o isolamento dos monges reclusos. Instalada nos muros dos conventos e claustros, foi posteriormente adaptada para receber bebês de pessoas cuja identidade permanecia em segredo. No Brasil, foi introduzida no século XVIII, nas Santas Casas de Misericórdia, que recolhiam e criavam as crianças indesejadas.



Foto: Leonardo Wien

Em muitos países, entre eles o Brasil, as crianças gozam hoje de leis específicas, criadas para protegê-las. Se ainda lidamos com o trabalho infantil e a violência, sabemos que esses são fatos a serem combatidos. Brincar, ter acesso à escola, à proteção e ao afeto são direitos das crianças³.

A criança e a cultura

Muito antes de andar, de falar e de compreender o mundo que a cerca, a criança é inserida no seu grupo familiar e comunitário. Isso se faz por meio da vivência das práticas culturais deste grupo. Os preparativos para a sua chegada, o parto, os costumes e os ritos de passagem, como o batizado, os banhos rituais ou as festas de diversas naturezas, são a maneira de trazer esse bebê para o seio de seu grupo. A possibilidade de integrá-lo ao grupo está justamente no acesso das crianças aos costumes cotidianos, às práticas, às celebrações, aos usos da linguagem, ao que é desejado e ao que lhe é interdito. Como cuidar do bebê, que músicas cantar para que durma, o que deve comer ou não, que espaço da casa ocupar.

Nas culturas tradicionais, todo o saber necessário à criança para que possa atuar e pertencer à sua comunidade é aprendido pela convivência com os mais velhos. E assim foi por muito tempo. Poucas crianças, geralmente as da elite, tinham acesso ao ensino feito por preceptores ou professores particulares. A escolarização, iniciada na Europa no século XVI, levou séculos para incluir todas as crianças, as quais eram ensinadas nos contextos da família e do grupo. O aprendizado se dava vivendo em comunidade com os mais velhos, vendo e imitando os seus gestos, fazendo junto. Por meio da vivência e da transmissão oral os valores culturais do grupo são apreendidos, expressos nas histórias, canções, brinquedos e brincadeiras, práticas cotidianas de trabalho e de festa. Da convivência entre as diferentes gerações, a herança cultural se preserva e se renova.

Compartilhar histórias, cantigas, jogos, brinquedos e brincadeiras, participar das festas e dos ritos de religião constituem o meio ancestral das crianças se tornarem parte da comunidade.

Mesmo em sociedades complexas como a nossa, ainda que as crianças sejam colocadas na escola, que tem por objetivo transmitir certos conhecimentos considerados fundamentais para a sua participação na sociedade, um acervo importante de saberes e vivências lhes serão transmitidos pela convivência com seus familiares e com as outras crianças dos diferentes grupos a que pertence.

Cantar, contar, compartilhar

*Uma, duas, an-go-li-nha,
mete o pé na pam-po-li-nha,
O rapaz, que jogo faz,
Faz o jogo do capão.*

3. No Brasil, foi instituído em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente. O conjunto de artigos tem como foco garantir o pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social e o respeito à liberdade e à dignidade de todas as crianças e jovens do país.

Nesse processo de compartilhamento da experiência cultural, as cantigas e as narrativas orais têm papel fundamental. É por meio delas que a criança descobre os valores e a memória de seu grupo, as histórias e os personagens mais importantes.

Como afirma J. Bruner, psicólogo que se debruçou sobre a importância da narrativa para a cultura, “estruturamos os relatos de nossas origens culturais e nossas crenças mais estimadas na forma de histórias”. São elas que possibilitam aos mais novos conhecer e compartilhar de uma cultura.

*Bicho papão
Sai de cima do telhado
Deixa o menino dormir
Seu sono sossegado...*

As cantigas de ninar que ouvimos aconchegados quando ainda muito pequenos, as parlendas e as rimas que cantamos e que usamos para dar o ritmo às diversas brincadeiras de mão, de roda ou de correr, as histórias e as fábulas, os contos com ensinamentos, com o louvor às boas atitudes e os castigos aos maus atos, são todos diferentes fios das histórias e das experiências compartilhadas pelas crianças com adultos e idosos.

*Senhora dona Sancha,
Coberta de ouro e prata.
Descubra o seu rosto,
Queremos ver sua cara.*

Brincar, coisa muito séria

*Giz, merthiolate, band-aid, sabão,
Tênis, cadarço, almofada, colchão,
Quebra-cabeça, boneca, peteca,
Botão, pega-pega, papel, papelão.*

*Criança não trabalha.
Criança dá trabalho.
Criança não trabalha.
(Arnaldo Antunes⁴)*

4. “Criança não trabalha”, de Arnaldo Antunes. Selo Palavra Cantada.



Foto: Marcelo Pereira



Foto: Marelio Pereira

Quando pensamos em criança, pensamos em brincadeira. Parece que uma não existe sem a outra. Brincar é direito de todos os pequenos, sabemos. É como vivem e como aprendem.

Chegam até nós informações sobre brinquedos e brincadeiras infantis, ainda da Antiguidade. Sabemos também que, no início do século XVII, “não existia uma separação tão rigorosa entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos”⁵. Jogos, torneios e histórias faziam parte do cotidiano de adultos e crianças, indistintamente, assim como o gosto pelas miniaturas. Alguns brinquedos que chegaram até os nossos dias se originaram, justamente, da imitação das atividades desenvolvidas pelos adultos. O cavalo-de-pau, de um tempo em que o cavalo era o meio de transporte, e o cata-vento, referência aos moinhos, são alguns desses exemplos.

O enorme acervo de jogos, lendas e brincadeiras brasileiras vem sendo enriquecido há séculos pela contribuição dos diversos grupos que formaram, não sem conflitos, a nação brasileira. Às brincadeiras dos meninos índios, vieram se somar as dos portugueses, aprendidas dos meninos órfãos, a quem os jesuítas empregaram para ajudar na catequese. Com a chegada dos escravos negros, brincadeiras das crianças africanas, histórias e cantigas contadas pelas amas escravas às crianças brancas também contribuíram para este imenso repertório, que foi sendo ampliado pelos imigrantes e migrantes. Recuperá-los e reinseri-los são possibilidades de enriquecer o cotidiano das crianças e dos jovens de hoje, que, vivendo nas cidades, com espaço exíguo para brincar, foram se distanciando de experiências interessantes e prazerosas, que possibilitam o acesso privilegiado à cultura brasileira.

São muitos os brinquedos, as brincadeiras e os jeitos de brincar no Brasil. É possível classificá-los de muitas maneiras, como pela região em que são encontrados, pelo tipo de brincadeira e de desafio, pelos materiais empregados, pelo sexo de quem brinca e pela origem. Escolhemos aqui alguns exemplos de brinquedos e brincadeiras, pequena amostra não exaustiva de um mundo de possibilidades.

Brinquedos de índio

Tendo a natureza como quintal, os elementos naturais e os animais pequenos como brinquedos, os índios brincam nos rios, armam arapucas para pássaros e, ainda na infância, aprendem a usar o arco, a flecha e o bodoque, brinquedos que, ao mesmo tempo, os preparam para a vida adulta. Nos documentos da expedição do médico naturalista Langsdorff, que esteve no Brasil durante a década de 1820, há referência ao bodoque ou boducca, usado para pegar passarinhos e pequenos animais. Conhecido também com outros nomes, como estilingue, o brinquedo ainda é usado pelas crianças de hoje e foi imortalizado por Monteiro Lobato em *Caçadas de Pedrinho*.

O barro, a madeira, a palha e as sementes são as matérias-primas de muitos brinquedos indígenas. Feito pelas mãos ou pelas meninas, bonecas de barro estão presentes na cultura dos índios carajá, assim como os piões e as figuras dos pequenos animais de barro e palha. São também comuns os jogos coletivos em grupos e os jogos com bola.

5. Phillipe, Ariés. *História Social da Criança e da Família*, p. 88.

Brincadeiras de rua

Ainda que não tão ampla quanto “o quintal indígena”, a rua é o espaço de brincar fundamental para as crianças brasileiras. A brincadeira coletiva na rua, nos quintais e nos terrenos baldios (infelizmente cada vez mais raros nas grandes cidades) possibilita a socialização. Ali se aprende não só a brincadeira, mas a negociação, o ganhar e o perder, o propor desafios e superá-los. O chão da rua ou do parque é o grande tabuleiro para brincadeiras como a amarelinha e o caracol, e tantos outros brinquedos desenhados na areia, no barro, na pedra e no cimento do pátio da escola. A rua é cancha para os jogos de pião, de bolinha de gude, de saquinhos e de finca (em que um espeto é jogado e o traçado entre cada furo impede o avanço do adversário), jogos que demandam a manipulação de pequenos objetos num mundo de regras e desafios recriados cada vez que ficam fáceis demais ou que recebem um novo parceiro com saberes e regras diferentes. É na rua também (e muitas vezes nas lajes) que são empinadas as pipas, em que se joga taco e de onde se soltavam os balões, hoje perigo no céu.

*Anda a roda, candeeiro
Anda a roda sem parar.
Todo aquele que errar,
Candeeiro há de pegar.*

Brincadeiras de roda são muito antigas e encontradas em várias partes do mundo. No Brasil, foram introduzidas pelos portugueses e estão em toda a parte, presentes durante todo o ano. Adultos e crianças de ambos os sexos participam das brincadeiras e das danças de roda. Há músicas próprias e uma grande diversidade de gestos, posturas, entradas e saídas da roda, coreografias e rimas que dão a seqüência da brincadeira que, no passado, também foi dançada pelos adultos em festas e salões.

*Entrai na roda, ó linda roseira, entrai na roda, ó linda roseira, Abraçai a mais faceira,
abraçai a mais faceira.*

A rua e os espaços abertos são também cenário preferido das brincadeiras de corda e de elástico, brincadeiras de crianças no mundo inteiro, com tantas variações e desafios que dariam um livro só para elas.

Mãos de arteção

A disponibilidade de uma enorme variedade de materiais naturais, somada à dificuldade de acesso aos brinquedos manufaturados e, mais tarde, industrializados (que aqui só chegariam no século XIX, na bagagem das famílias mais ricas que vinham da Europa), fez brotar uma rica tradição dos brinquedos artesanais que saem das mãos de artesãs e artesãos cujo trabalho ainda encanta crianças e adultos.

As bonecas, que antes de serem brinquedo de menina destinavam-se a ritos religiosos, são feitas de palha de milho, tiras de tecido enrolado e tecidos de muitas variedades, e encantam as meninas de ontem e de hoje.



Foto: Evy Imagens, Utiã

Carrinhos de folha de flandres (tiradas das latas de óleo usadas) e de madeira, bichos de todos os tamanhos, além de brinquedos tradicionais como o mané-gostoso (boneco articulado, preso em fios, que realiza proezas de ginasta), os fantoches, o burro articulado e o bilboquet, entre muitos outros, são ainda confeccionados por artesãos brasileiros, muitos dos quais conhecidos no Brasil e no mundo.

Brincar em casa, na sala e no quarto

Brinquedos de tabuleiro são há muito conhecidos da humanidade e continuam a encantar as crianças, hoje mais confinadas a pequenos espaços nas grandes cidades. Jogos de trívica, ludo e outros jogos de dados dividem espaço com brinquedos de montar, como o Lego. Com a chegada das novas tecnologias, uma enorme gama de novos brinquedos chegou à vida das crianças, como os jogos virtuais, games, jogos de simulação e de interação no meio virtual. Alguns trazem para a tela brinquedos já existentes, outros representam uma maneira toda nova de criar, simular e interagir. Como os outros tantos brinquedos aqui mencionados, estes também se articulam profundamente e aos modos de pensar e de agir na sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

- ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DEL PRIORE, M. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MARCÍLIO, M. L. *A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950*. In: FREITAS, M. (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- NOVAIS, F. A. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____. *História da Vida Privada no Brasil – Império: A corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Zilda Kessel

Educadora especializada em Museologia, com mestrado em Ciência da Informação. Coordenou a ação educativa do Itaú Cultural, atuou como formadora no Museu da Pessoa e no Portal EducaRede. Trabalha na formação de professores em projetos de cultura, cidadania e inclusão digital.

Brincadeiras se transformam

No município de Jaguaruana, interior do Ceará, tem-se criado e renovado brincadeiras que nossos avós e pais utilizavam para se divertir com seus irmãos, parentes, amigos de rua ou escola.

Para muitas crianças da cidade, continua a idéia de que brincadeiras em que não sejam utilizados artefatos industrializados ou sofisticados não são tão divertidas.

Por outro lado, ainda se observa a prática dessas brincadeiras clássicas, embora em uma frequência menor. As mais comuns em Jaguaruana são: a amarelinha, o pique-esconde, o pião e o pega-pegas.

O gosto pelas brincadeiras varia entre meninas e meninos. As meninas preferem a amarelinha, o pula elástico, as famosas cantigas de roda. Já os meninos, acham melhor o futebol, a pipa, as brincadeiras de correr como o pega-pegas e também adoram as bolinhas de gude.

E. E. M. Francisco Jaguaribe
Jaguaruana/CE



Cavalinho-de-pau
Colégio Estadual Dona Joaquina Pinheiro
Monte Alegre de Goiás/GO



Arco de barril
Colégio Estadual Dona Joaquina Pinheiro
Monte Alegre de Goiás/GO

Brincadeiras do bairro Estoril

No bairro Estoril, onde nós moramos, as crianças preferem brincar mais na rua do que em casa. A razão é que a maioria das ruas é sossegada. Mesmo com a violência, as crianças preferem a rua, porque podem andar de bicicleta e correr com liberdade.

Vitor, 9 anos, afirma: "Eu gosto de brincar na rua, porque eu me sinto livre para correr e brincar".

Os adultos que vivem no Estoril também gostavam de brincar na rua de brincadeiras como: corre-cutia, pega-pegas americano e batata-quente. Eles contam que gostavam de se reunir e inventar brincadeiras. Vânia Silva, 36 anos, diz: "Eram brincadeiras saudáveis e legais, éramos mais amigos e unidos. A gente criava nossos fantoches e inventava histórias muito legais".

E. M. E. B. Bruno Massone
São Bernardo do Campo/SP



Corrida de cadeirantes com obstáculos
Centro de Ensino Especial 01 de Santa Maria
Santa Maria/DF

Brincadeiras: do galamar ao game

A finalidade desta reportagem é divulgar as brincadeiras infantis do nosso município, estabelecendo comparações entre as do passado e as atuais.

Segundo as pessoas idosas entrevistadas, na época da sua infância as brincadeiras preferidas eram: galamar, Terezinha de Jesus, chicote queimado, bandeirante, cabra-cega, brincadeira do anel, esconde-esconde, lagarta pintada, laco-laco chia e outras, como: a do grilo, estátua, cair no poço, baratinha, brincadeira do gato podre, trenzinho, corre-corre e cavalo-de-pau.

Baseada em depoimentos das crianças de hoje, destacam-se as seguintes brincadeiras: jogos eletrônicos, bonecas, esconde-esconde, bola de gude (bila), soltar pipa (raia), brincar de espionagem, jogo de yu-gi-oh e vários tipos de esportes que envolvem bola, como: futebol, voleibol, basquetebol etc.

E. E. F. M. Francisco Moreira Filho
Tabuleiro do Norte/CE

Carro de lata de leite em pó

Os garotos da rua em que morávamos, apesar de ser uma das ruas centrais de Fortaleza – capital do Ceará, não tinham condições de adquirirem brinquedos caros e, naquela época, nós gostávamos mesmo era de brincadeiras coletivas, como ajudar os meninos a confeccionar arraias (pipas), confeccionar nossas próprias bonecas, brincar de pega-pega etc. Quando não estávamos brincando, estávamos na escola. Era muito bom naquela época. Tem um brinquedo que adorávamos fazer.

Os meninos juntavam as latas de leite em pó que eram consumidas em casa, tiravam o rótulo de papel para que aparecesse o brilho do flandres; furavam um buraco bem no centro do fundo e outro na tampa da lata. Um carrinho podia ser feito a partir de 1, até 6 ou 8 latas. Depois de furadas eram cheias de areia ou pedrinhas. Ligava-se uma lata a outra com um arame enfiado entre as latas, de forma que elas girassem tendo este arame como eixo. Quando todas as latas estavam ligadas por este arame, um cordão grosso era amarrado no arame para que fosse puxado pelas crianças.



Enviado por: Elóia Pereira de Souza
Tinguá/CE

Brincadeiras de ontem e hoje

Por relatos e depoimentos de pessoas que viveram em épocas diferentes, é possível analisar as mudanças na forma de brincar.

Segundo Maria Juliana da Silva, 29 anos, os brinquedos de antigamente eram trabalhados mais artesanalmente do que os de hoje, que são feitos em fábricas. Ela diz que "na época, só em se fazer os brinquedos como boneca de pano e lã, carrinhos de lata e madeira, já era uma diversão". Antigamente, os pais não tinham condição para comprar os brinquedos de lojas, o jeito era as próprias crianças fazerem-nos.

As brincadeiras atuais acabam deixando não só as crianças, mas também os adolescentes um pouco isolados. Eles ficam, muitas vezes, sozinhos em frente a uma TV ou a um videogame, sem ter com quem conversar, ou até falar de suas dúvidas. As maneiras de brincar de alguns anos atrás reuniam mais as crianças, que aprendiam a se relacionar melhor umas com as outras, e ainda havia mais diversão.

E. E. F. M. Manuel Sátiro
Jaguaruana/CE

"As maneiras de brincar de alguns anos atrás reuniam mais as crianças"



Quem quer brincar?
E. E. M. Beni Carvalho
Aracati/CE

Bolinhas de gude

O nome "gude" deriva de *gode*, do provençal, que significa pedrinha redonda e lisa. É um jogo tipicamente infantil, que vem dos tempos do Império Romano e das civilizações egípcias. Percorreu os séculos, chegando até os dias de hoje. Pelo Brasil afora esse jogo é conhecido como fubeca, baleba, bilosca, birosca, bolita, buraca, cabiçulinha, firo, piroasca, ximbra, bute e berlinde.

Para jogar, são feitos quatro buracos – birocas – na terra. Os jogadores (de dois a quatro) jogam suas bolinhas até a primeira biroca. Quem ficar mais perto dela iniciará o jogo. A partir daí, deverá percorrer todo o circuito, colocando sua bolinha em cada um dos buracos.

Após isso, poderá matar a bolinha dos adversários, ou seja, atingi-la com a sua bolinha, eliminando-os do jogo. Se errar a bolinha do adversário, perde a vez. E assim por diante. Aqui as bolinhas são de vidro muito resistente e de cores variadas para facilitar o jogo.

E. E. F. M. Governador Manoel de Castro Filho
Quixere/CE



Brincadeira é coisa só de criança?

Foi pensando em conhecer e resgatar as brincadeiras infantis vivenciadas por nossos avós e pais que saímos às ruas para entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias, com o objetivo de conhecer as brincadeiras infantis de cada época.

A nossa equipe de reportagem concluiu que, embora vivendo na era dos brinquedos eletrônicos, proporcionados pela sociedade tecnológica, nada apaga da memória dos adultos ou crianças o prazer de uma brincadeira de rua, com direito a empurra-empurra, gritaria e corrida com muito "sebo" nas canelas. Nosso trabalho foi gratificante, pois aprendemos sobre algumas brincadeiras que já estão esquecidas pelas nossas crianças e, para concluir o projeto, realizamos algumas atividades recreativas com alunos do Ensino Fundamental II, para vivenciar as brincadeiras pesquisadas.

E. E. F. M. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco
Piquet Carneiro/CE



“As brincadeiras infantis continuam presentes no cotidiano das crianças”

É tempo de brincar

Um grupo formado por cinco jovens vai às escolas do seu bairro para conhecer as brincadeiras das crianças. Interessados pela cultura popular de onde residem, formaram uma equipe de reportagem para pesquisar a diversidade das brincadeiras existentes no bairro.

Nas ruas do bairro já não se vêem crianças brincando como antigamente, devido à marginalidade. Essas crianças conciliam o estudo com as brincadeiras na escola, lugar onde ainda é seguro.

Moradores do bairro também estranham o desenvolvimento dessas crianças que logo que entram na adolescência deixam as brincadeiras de lado. Uma possível explicação seria o avanço da tecnologia que distancia as crianças do convívio e as aproxima da TV, do computador, do videogame e de outros meios tecnológicos que jamais poderão substituir brincadeiras tão prazerosas.

A pesquisa revelou que, mesmo com o grande avanço da tecnologia, as brincadeiras infantis continuam presentes no cotidiano das crianças do bairro.

E. E. F. M. Governador Luiz de Gonzaga Fonseca Mota
Quixadá/CE





Brincadeiras infantis tradicionais

As brincadeiras infantis tradicionais são muito variadas. Aquelas que não desapareceram foram ensinadas por familiares, pelas crianças de áreas vizinhas ou colegas de escola para aqueles que as mantêm vivas na atualidade.

Carros de lata

Eram fabricados com armação, rodas de madeira e lata-ria de latas velhas. Os meninos amarravam cordões à frente dos carros e saíam puxando em filas. Às vezes, a brincadeira partia para a imprudência, imitando certos motoristas de carros de verdade: batidas, cavalos-de-pau, viradas.

Jogos de bola

Bater bola nos terrenos baldios ou mesmo nas ruas sempre foi das brincadeiras infantis mais realizadas. Afinal de contas, vivemos no país do futebol. Jogava-se com bolas de plástico, borracha e até com bolas de meia, o importante era jogar. Os times se organizavam por "zona" ou por rua. As peladas duravam manhãs ou tardes inteiras.

Centro de Ensino Médio Félix Camoa
Porto Nacional/TO

Brincar de capoeira

No CEE nº 1 de Santa Maria, há dois anos, um grupo de professores vêm desenvolvendo o projeto Capoeira Especial com alunos portadores de deficiências física, mental, múltipla, síndrome de Down, visual e auditiva para a brincadeira da capoeira.

Na roda da capoeira especial, quem não canta, bate palmas, quem não vê, canta, quem não ouve, imita, quem não dá pernada, deita e rola, arrasta, descobrindo possibilidades de movimento, desbravando seus limites corporais, descobrindo ritmo, dividindo espaço com o outro, compreendendo e obedecendo as regras do jogo e fortalecendo a auto-estima. Enfim, interagindo, socializando e vivenciando uma rica e forte expressão da cultura popular brasileira.

Centro de Ensino Especial 01 de Santa Maria
Santa Maria/DF



COBRA-CEGA

O jogo que vou ensinar é conhecido por "cobra-cega", mas em alguns lugares é chamado de "cabra-cega". Essa brincadeira foi ensinada pelos portugueses e espanhóis, e era uma brincadeira muito popular entre as crianças de Roma na época do Império. Na Espanha e em alguns lugares na América que falam a língua espanhola, chamam *La Gallina Ciega*.

Todas as crianças formam uma roda. Quem for escolhido para ser a cobra-cega fica com os olhos vendados e vai para o meio da roda. A cobra tem de agarrar alguém da roda, que não pode ficar parada. Quem estiver do lado para onde a cobra estiver indo tem que fugir, quem está do outro lado pode ficar cutucando a cobra-cega, mas sem machucar. Se a cobra-cega for esperta, consegue pegar alguém que está atrás dela. Quando a cobra-cega agarrar alguém, essa pessoa fica sendo a nova cobra, e a brincadeira começa de novo.

E. E. Professor Emygdio Campos Widal
Campo Grande/MS



Brincadeiras antigas



Salva

Como brincar: dez ou mais pessoas se juntam num determinado lugar. Um deles tem que correr atrás dos outros para pegá-los. Se o pegador encosta nos outros, aquele que foi pego começa a fazer uma corrente com todos que foram pegos e todos com as mãos dadas, e o restante tem que correr para tentar se salvar. A brincadeira só acaba quando o pegador conseguir pegar todos os outros.

- Quem brinca: meninos e meninas
- Qual a idade: 8 a 11 anos
- Entrevistado: João Pedro Cardoso

E. E. Adilson Alves da Silva
Brasilândia/MS



JCF – Desvendando
Mato Grosso do Sul
E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS

Brincando de bonecas

A história das bonecas começou antes do que se imagina. Elas passaram a ser consideradas como brinquedos a partir do século XVIII. A França foi o país que mais se destacou em fazer bonecas. Em 1885, foi criada a primeira boneca que podia mexer braços e pernas.

Simulando uma brincadeira de bonecas:

Vamos brincar de bonecas! Melissa? Vamos, Ana Caroline? Vamos, Eduarda? Vamos chamar a Lethycia, Beatriz e Marciel, somos comadres. Eu dou papá para Gina, minha boneca, e vamos até a pracinha levar nossas filhinhas para brincar no balanço. Vou trocar a roupinha da Bibi e vamos todas. A Bibi chora, tem cabelos loiros e senta; foi presente de aniversário. Vovó foi quem fez essa boneca de pano para eu brincar e enfeitar minha cama. Mamãe já está me chamando. Tchau, comadre, até amanhã.

E. E. Professor Emygdio Campos Widal
Campo Grande/MS



Brincando de pipa



Nossa região é composta por uma diversidade de brincadeiras, e a garotada se junta na frente da escola para soltar pipa. A rua fica tomada de crianças de todas as idades. É super legal!

Em algumas regiões do Brasil essa brincadeira recebe outro nome, como "papagaio", ou "pandorga". Já em outra, é conhecida como "arraia" ou "cafifa". Nossa equipe, a "Amantes da Cultura", está aprendendo a soltar pipas e confeccioná-las...

Colégio Estadual André Gáudio
Corumbá de Goiás/GO



Sabores da doce infância

A brincadeira sempre está associada à infância. Brincando, a criança descobre a vida e enfrenta, por meio da fantasia e do faz-de-conta, o desafio de crescimento. Jogos de bila, elástico, amarelinha, pular corda, entre outras, correspondem ao divertimento diário da criançada da nossa terra. No divertimento, meninos e meninas aprendem a se relacionar, saber, competir, ganhar e perder.

Na opinião de João Vitor, 9 anos, "jogar pelada é divertido, pois sente uma emoção e envolve seus amigos". Para Felipe, 12 anos, andar de bicicleta o faz controlar o equilíbrio em cima de duas rodas e lhe dá prazer, ensinando-lhe a ter confiança e segurança em si mesmo.

As formas e os modos de brincar diferenciam-se entre sexos, idades, condição financeira, mas, por mais simples que sejam, todas visam satisfazer os desejos infantis, o que se registra no depoimento de Cosmo, 10 anos, quando nos diz que soltar pipa lhe dá a sensação de estar voando.

E. E. F. M. Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB

flor do mato

Uma das lendas do folclore paraibano é a Caipora, também chamada de Mamãe Florzinha. Menina de cabelos longos e louros, sempre vista à noite, guia a caçada e gosta de fumo. Só ajuda o caçador quando se vê beneficiada; não sendo correspondida, atribui uma série de castigos, como: esconde a caça, faz tranças nas crinas dos cavalos, surra os animais com chicotes, fazendo-os correr desesperadamente, zomba dos caçadores com assobios e gargalhadas.

Os caçadores têm grande admiração e respeito por ela e, para terem bons resultados, levam pele de fumo e colocam nos galhos das árvores.

E. E. F. M. Prefeito Oswaldo Pessoa
João Pessoa/PB



Brincadeira é coisa séria – Jogos como incentivo à aprendizagem

Alunos pesquisaram na internet sobre várias brincadeiras antigas que hoje as crianças nem conhecem e a professora brinca com as crianças em sala de aula.

Alfândega

Uma criança sai da sala. Escolhe-se uma criança que irá inventar uma regra e dizer para os colegas, por exemplo: Só passa se for algo que voa. Chama

o colega que está fora da sala e pergunta: "o que passa?" Este vai dizendo, por exemplo, "gato" (as crianças dizem: "Não passa"), "vaca" (as crianças dizem: "Não passa"), até ele dizer o nome de algum animal que voa. A finalidade da brincadeira é descobrir qual foi a regra criada.

E. M. Jorcelino Alves Barbosa
Iporá/GO

Brincadeiras da região

As brincadeiras da nossa região são: bila, pião, pula a corda, amarelinha, o queima. Bila, a brincadeira de bola de gude, é muito praticada pelos meninos em competições, nas quais cada um desenvolve sua coordenação motora e equilíbrio para acertar a bola de gude do adversário.

Pula a corda é uma brincadeira com três ou mais pessoas, em que os participantes desenvolvem equilíbrio e habilidade com movimentos da corda. Amarelinha pode ocorrer com vários participantes, que desenvolvem seu equilíbrio e, ao mesmo tempo, estão trabalhando jogos matemáticos, pois cada adversário tem que contar e saber onde parou para continuar sua próxima partida.

Pião é uma brincadeira praticada pelos meninos. Como jogar: colocar vários piões em um círculo no chão. Os competidores jogam para tirar os piões do círculo e aquele que conseguir tirar mais piões é o campeão.

E. Máxima Vieira de Melo
São José do Egito/PE



Cai no poço

Vamos lembrar uma brincadeira, não muito antiga, mas não muito conhecida pelas gerações atuais. Chamava-se "Cai no poço". Essa brincadeira fazia a cabeça da garotada entre 12 e 15 anos e era uma brincadeira mista.

Era executada da seguinte maneira: o grupo ficava sentado (ou em pé) em linha e tiravam dois integrantes. Um tinha os olhos vendados e o outro o "guiava". O menino (ou menina) que tinha os olhos vendados deveria escolher um, entre o grupo, que o substituiria.

Quem estava "guiando" tinha a função de apontar os integrantes do grupo perguntando ao que estava de olhos vendados: "é esse?" Quando a pessoa de olhos vendados dizia "é", então o guia perguntava: "pêra, uva, maçã ou chiclete?" Então ele daria na pessoa escolhida: um aperto de mão se dissesse pêra, um abraço para uva, um beijo no rosto para maçã e um beijo na boca para chiclete.

A pessoa escolhida tinha os olhos vendados e então recomeçava a brincadeira. Essa brincadeira era uma forma que a garotada achava para paquerar. Além do mais, aconteciam situações engraçadas, por exemplo, quando um menino escolhia outro e pedia chiclete.

Escola Aristaque Jose de Veras
Ingazeira/PE

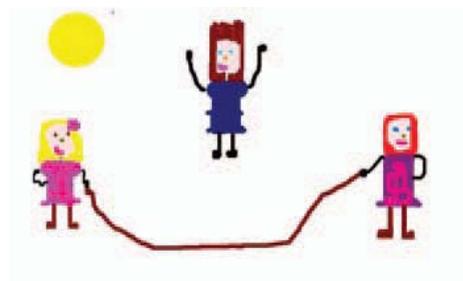


Brincadeiras de hoje

Eu já brinquei das seguintes brincadeiras: pular corda, pé de lata, jogar bola, soltar pipa, pular amarelinha, telefone de lata, Marimba, cama-de-gato, rolando ioiô, cabo-de-guerra, patinete, passarás, pique-esconde e balanço.

Brincadeiras que eu nunca brinquei: rolando aro, jogando nente, perna-de-pau, pulando carniça, soltando balão, jogando zepe, currupinha.

E. M. Professor Zélio Jotha
Cabo Frio/RJ



As brincadeiras do tempo da vovó

A vovó Lucinda é uma senhora de apenas 72 anos e as brincadeiras do tempo dela eram:

- Pique-pega
- Passa-anel
- Pique-esconde
- Berlinda
- Roda
- Casinha
- Amarelinha
- Pula-corda

As brincadeiras são poucas, pois ela tinha que ajudar os seus pais na roça e o tempo era curto para brincadeiras.

E. M. Ruy Barbosa
Rio de Janeiro/RJ

Viciado em jogos eletrônicos

Eles são viciados em jogos eletrônicos, deboçam dos garotos e garotas que brincam de pique, pular corda, elástico ou outro jogo que não seja eletrônico. Na escola tem mesas com tabuleiro de dama e xadrez, e mesas para pingue-pongue, mas eles não brincam e querem é o computador ou o videogame.

Mesmo quem não tem computador ou videogame, mas é viciado em jogos eletrônicos, dá um jeito e usa o Fliperama e a *lan house*.

Depoimento de um viciado em jogos eletrônicos:

Eu, Felipe Duarte, sou um viciado em jogos e faço qualquer coisa por isso. Vou à *lan house*, fico mais de duas horas jogando. Vou à minha tia e fico no computador. Fico no videogame durante o dia e no computador à noite. Se ninguém me lembrar das coisas, eu fico o dia todo jogando.

Depois de escrever um texto falando dos viciados em jogos, achei melhor me reconhecer como viciado.

E. M. Ruy Barbosa
Rio de Janeiro/RJ



Brincadeiras da minha terra – *Enganei o bobo*

No nosso bairro, as crianças brincam de "enganei o bobo", que não é em verdade um jogo, e sim uma das chamadas "pegas infantis". Consiste em enganar o companheiro, explorando sua boa fé para colocá-lo em ridículo perante os demais membros do grupo:

– "Fulano, olha aquilo!" (não há nada para olhar)

– Então elas cantam: "Enganei o bobo na casca do ovo, enganei o bobo na casca do ovo!"

E. E. E. F. Manuel Arruda Câmara
Carazinho/RS



Brincadeiras populares
E. E. Joaquim Lino Suarte
Natividade/TO



Brincadeiras populares
E. E. Joaquim Lino Suarte
Natividade/TO



Essa é a história de uma cobra
Colégio Estadual de Itacajá
Itacajá/TO



As evoluções do século XX

Não importa a idade, criança gosta mesmo é de brincar. Mas será mesmo que as brincadeiras são as mesmas? Será que nossos avós brincavam com videogames e robôs movidos a controle remoto?

As brincadeiras, assim como o resto das coisas no mundo, tiveram suas evoluções, com pontos positivos e negativos. As brincadeiras e brinquedos mudam e evoluem com o passar do tempo, mas o que não muda é a importância deles no desenvolvimento da criança, pois eles ajudam na socialização.

Os brinquedos são aqueles em que não há disputa, como as bonecas, as rodas cantadas, papagaio, entre outros. Já as brincadeiras, que podem ser chamadas de jogos, possuem, sim, disputa e podem ser citadas como exemplo: o futebol de bola (antigamente de meia velha, hoje em dia de couro e da marca Nike mesmo), carniça, bolinha de gude, entre outros.

E. E. Normal José Bonifácio
Erechim/RS



Vamos brincar de espiribol?

O esporte é uma forma de desenvolver a ética, a cidadania, o respeito às diferenças, a cooperação, a competitividade. Jogos cooperativos valorizam elementos como aceitação, envolvimento, colaboração e diversão. "Joga-se com o outro e não contra o outro".

Na hora do recreio, os alunos de nossa escola gostam muito de jogar espiribol. Vou contar para vocês um pouco como funciona esse jogo. O espiribol é jogado em dupla ou em quarteto, não importa se menina ou menino, o que vale é a diversão.

Aqui vão algumas regras: não pode encostar a mão no tronco nem na corda; não pode passar do seu campo de jogo; não vale chutar nem dar soco na bola; não pode segurar e bater na bola, ela tem que estar em jogo. A bola de espiribol é uma bola especial. O que perder sai e entra outro. O que vale é a diversão!

E. E. F. Manuel Arruda Câmara
Carazinho/RS



Brincadeira cabra-cega
São Bernardo do Campo/SP



Sabores da doce infância
E. E. E. Fund. Médio Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB

Brincar é preservar cultura!

Brincar é preservar cultura, pois há muitas brincadeiras e jogos que se preservam há anos e são passadas de geração em geração. Sem contar que essas brincadeiras variam de região para região e se propagam de uma região para outra. Portanto, brincar dessas brincadeiras e jogos é preservar a cultura do povo brasileiro, suas raízes e regiões. Essa reportagem foi feita embaçada em características de quatro gerações: os bisavôs, os avôs, os pais e os filhos.

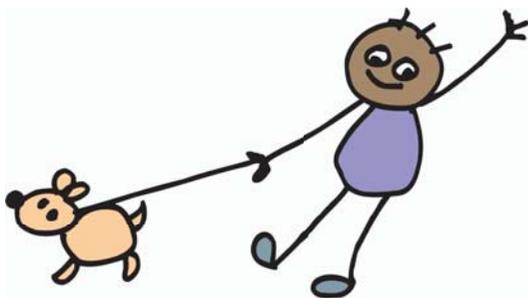
Brincadeiras eternas são aquelas que nossos bisavôs brincavam quando crianças e que as crianças de hoje ainda brincam e provavelmente vão permanecer por muitas gerações. Por exemplo:

Cantigas de roda: ciranda-cirandinha, viúvinha, rodacutia, roda-dança etc.

Jogos e brincadeiras: passa-anel, esconde-esconde, pega-pega, diabo-rengo, elefantinho colorido, mamãe quantos passos posso dar, cinco-marias, sete-vidas, pular corda, amarelinha etc.

Jogos: futebol, vôlei, basquete, handebol, beisebol etc.

E. E. Normal José Bonifácio
Erechim/RS



A canoa virou...
E. E. F. Professor Milton Pacheco
Osório/RS



Cantigas de roda e brincadeiras
Escola B. Profª Elizabeth Ramming
Mondai/SC



Quer brincar de bete? Então venha para Itacajá

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa realizada em nossa comunidade, onde pudemos observar como as crianças brincam.

Observamos que nas escolas onde há educação infantil, as crianças brincam de roda, esconde-esconde, la cochia, essa é a história de uma cobra etc. Nas ruas, principalmente no finalzinho das tardes, elas brincam de bete.

Vale ressaltar que não encontramos nenhum registro dessas brincadeiras nos livros nem na internet. Segundo informações das pessoas mais idosas e professores que residem nesta cidade, essas brincadeiras são passadas de geração para geração.

As pessoas que conhecem a brincadeira bete estão na faixa dos 38 anos. As mais velhas não souberam informar ou não se lembravam. A equipe de reportagem presenciou um campeonato de bete e ficou deslumbrada com a animação das crianças.

Colégio Estadual de Itacajá
Itacajá/TO

Busca no Portal



Ô de casa!

ados ao cotidiano doméstico: a culinária, as receitas e os saberes ligados à
domésticos, cuidar, tecer, arrumar. Explore também a diversidade da arquitetura
os espaços domésticos, a sala, o quintal, a varanda.

a serão retirados

- [Envie sua imagem](#)
- [Envie seu texto](#)
- [Pesquisa de obras](#)

Obras recentes

 **A Cultura Italiana em Mondai**



Autor: Maria Gertrude Janssen

 **CULINÁRIA ALEMÃ EM MONDAI**
"CULINÁRIA ALEMÃ



ira o termo de cessão dos direitos de publicação, por meio do

>> galeria



Foto: Leonardo Wen

www.educarede.org.br

Uma visita à história da moradia brasileira

Um olhar cuidadoso sobre a diversidade e a história da moradia brasileira – tanto no que diz respeito ao seu desenho e às funções que abriga como no uso que dela fazem os seus moradores – constitui uma maneira singular de entender as pessoas e os diferentes grupos sociais que viveram e vivem hoje em nosso extenso território. Como nos ensina o arquiteto Carlos Lemos¹, “a casa é o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários”. Sob essa ótica, segundo Lemos, o interesse de uma residência está no seu aspecto sociológico – como estão organizadas as atividades nos diferentes espaços, se distribuídas ou superpostas, como são pensadas, realizadas, e por quem.

Mais do que abrigo do sol e da chuva², lugar de dormir, comer e descansar, a casa é o lugar onde se desenrola parte da vida social. As relações entre as pessoas que ali vivem, os objetos que guardam, os espaços permitidos e interditos aos que vêm de fora mostram e atestam os valores do grupo e a sua condição social. A casa é o lugar onde nascem e crescem as crianças e de onde partem os velhos, é o lugar de afetos.

A diversidade da casa brasileira, lugar de vivência e convivência, vem de várias fontes, de saberes dos índios e dos grupos que aqui chegaram. Tão diversa nas suas possibilidades arquitetônicas, nos materiais empregados e nas propostas de usos dos espaços, a casa brasileira é fruto também da disponibilidade de materiais e de mão-de-obra nas diferentes regiões do país. As inúmeras contribuições recebidas dos povos nativos, de africanos, portugueses e imigrantes fizeram do espaço doméstico um rico patrimônio cultural. Aqui abordamos alguns de seus aspectos.

Os índios que aqui viviam construíam as suas moradas, destinadas a grupos grandes, utilizando os materiais vegetais disponíveis: a palha, o cipó e os troncos roliços de madeira empregados em construções geralmente circulares, sem divisões internas nem janelas. Com pouca durabilidade, eram queimados e substituídos por estruturas idênticas (como, por exemplo, entre os ianomâmis) ou abandonadas, quando utilizadas por grupos

1. Carlos Lemos. *A casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996. p. 9-11.

2. E, no passado longínquo, também o lugar fundamental de abrigo do fogo, origem da palavra lar: “lar, pedra onde se acendia o lume desde os tempos romanos, passou, em sentido figurativo, a significar a própria moradia”, idem.



nômades. Havia uma grande variação de tipos de construções, em função do tamanho do grupo e da complexidade da cultura – que podia exigir várias unidades destinadas a outras funções, normalmente erguidas em torno de uma “praça central” circular, na qual se desenrolavam encontros e eventos.

*O branco tomou emprestado do índio a rede,
a mulher, a canoa e comeu da mesma comida.*

C. Lemos³

Desse encontro do colonizador português com os índios, tiveram origem as primeiras casas dos portugueses, feitas de palha, de sapé, de estrutura de pau⁴, porém com alguma divisão interna, que isolava o dormitório das demais atividades. Dos índios, os portugueses também incorporaram o hábito de cozinhar ao ar livre, em local próximo à casa e longe dos lugares de dormir ou descansar.

Inserido no sistema colonial, o Brasil vê chegar maior contingente de portugueses e a força motriz da empresa colonial, o negro escravizado vindo da África. Ambos imprimiram características fundamentais ao desenho e ao uso da casa brasileira.

As casas rurais gozavam de grande diversidade regional. Nos engenhos, até meados do século XIX, era comum a existência de diversas construções para as diferentes atividades, como a disseminação do alpendre, estrutura coberta, porém sem paredes, elemento fundamental para enfrentar o calor insuportável ao europeu e para receber os forasteiros (numa terra sem estrutura, a hospitalidade é vital). Para fazer esta casa funcionar, o trabalho escravo foi decisivo. É impossível pensá-la sem a presença do negro para trazer a lenha e cozinhar, servir, limpar, acender lamparinas, recolher a sujeira e os dejetos, arrumar, abanar, coser, entre tantas outras tarefas.

O barro foi um elemento construtivo importante durante o período colonial, sobretudo em São Paulo, onde se usou a taipa de pilão⁵ num contexto de falta de alternativas e mão-de-obra. Desde os primórdios, esta técnica foi empregada em construções de casas grandes, casas populares e capelas, adentrando uma boa parte do século XIX. Pouco resistente à água, exigia terrenos aplainados. Algumas dessas edificações resistiram ao tempo e ainda podem ser encontradas em São Paulo, capital e interior⁶.

Nas cidades, a influência portuguesa foi mais visível (sobretudo em Minas Gerais). Alguns traços estão presentes em casas de diferentes regiões, como a sala na entrada com porta e janela dando para a rua, o corredor

3. *Cozinhas, etc.* p. 25.

4. Essas choças foram chamadas pelos negros africanos, vindos depois, de mocambos, palavra quimbunda formada do prefixo mu+kambo, que quer dizer esconderijo” – Gilberto Freyre. *Mucambos do Nordeste*. p. 20.

5. “Técnica baseada na terra pisada entre taipas que, pela sua natureza, determina muros contínuos extremamente sensíveis à umidade (...) é própria dos lugares pobres, não só economicamente, mas também carentes de materiais de construção como o cal, a pedra, o tijolo e carentes de técnicas apropriadas à madeira, vista como elemento estrutural”. Em São Paulo, será a única técnica disponível até a chegada do tijolo queimado, em 1860– idem, p. 41.

6. Outras técnicas que utilizaram o barro, comuns no Brasil, foram a taipa de mão e o pau-a-pique.

com as portas para os quartos – chamados camarinhas ou alcovas – muitas vezes sem janelas, e, no fundo, a cozinha – centro irradiador da vida doméstica – dando para o quintal. Nas cidades, ainda no tempo da colônia, eram comuns também os sobrados (o nome vem de espaço sobrado, que sobrou), geralmente com pequeno comércio no térreo e, nos andares superiores, as áreas destinadas à família.

A virada do século XIX para o XX foi marcada por mudanças nas cidades e no morar. Foram introduzidos novos hábitos, marcados pelo princípio da higiene e da saúde, que chegaram primeiro às moradias da capital e depois no restante do país. A bandeira da higiene contra as epidemias que assolavam a capital, Rio de Janeiro, na virada do século, sobretudo a febre-amarela, passava pela reorganização da cidade e das casas de seus habitantes. A importância dada aos ambientes limpos e arejados impôs a demolição de casebres e de cortiços – moradia insalubre e muito popular, com serviços de cozinha e banheiro compartilhados – em obediência às leis que obrigaram mudanças nas residências, nas ruas e no comércio. Os novos “jeitos de morar”, no entanto, permanecem inacessíveis à maioria da população, banida para longe do centro da cidade. Higienizar significou, neste caso e em muitos outros, nos últimos cem anos, em todo o Brasil, retirar os pobres das casas em que viviam e transferi-los para longe, o que não se traduziu necessariamente em melhores condições de moradia para os que partiam.

Novidades trazidas da Europa, como o ferro, o vidro e os lampiões bem melhores que as lamparinas, além da iluminação pública a gás, entre outros, também mudaram hábitos domésticos. Tanto os palacetes das ricas famílias, com mármore, ferros e cristais ao gosto europeu, como as casas simples e as vilas operárias das cidades que se industrializavam, deram novas feições às cidades. Das cozinhas dos imigrantes de várias nacionalidades, que vieram substituir a mão-de-obra escrava, novos hábitos e novos cheiros também chegaram às casas e às ruas.

A diferença entre as classes sociais não esteve, nem hoje está, delimitada apenas pelos espaços e materiais construtivos. Ela também se materializa pela distância existente entre a casa e a rua. Nos bairros ou ruas destinadas às classes mais abastadas, hoje com muros altíssimos, essa distância é maior, como a separar dois mundos. A porta não dá mais para a rua; um corredor leva até ela.

Com o tempo e com o reflexo das cidades que cresciam com a industrialização, o comércio se ampliou, possibilitando o acesso a produtos antes produzidos no contexto da casa. Os núcleos familiares se tornaram menores, com menos filhos e agregados. Espaços comuns, como a varanda e o quintal, diminuíram e até desapareceram. Crescendo para o alto, as cidades ganharam prédios de apartamentos que foram atraindo primeiro as classes médias e, depois, os mais abastados, que demandam as “áreas de serviço” com entradas e elevadores distintos e “dependências de empregada”, herança de uma experiência de escravidão. Esses espaços, totalmente desconhecidos em edifícios de apartamentos de outros lugares do mundo, são ainda comuns no Brasil.

Ao lado dessas edificações construídas dentro da lei e que gozavam do acesso aos serviços públicos, permanecem os velhos problemas da falta crônica de habitação, que fizeram surgir as favelas e as periferias, onde são erguidas ou ocupadas casas muito diversas, marcadas pelo espaço exíguo, o material descartado e a falta de acesso aos serviços básicos. Barracos feitos de madeira ou bloco, com poucos cômodos e tendo a laje como quintal para brincar e empinar pipas, também são exemplos da morada brasileira nas cidades, cujo número de



Foto: Leonardo Wern

habitantes vem crescendo de maneira preocupante em todo o país⁷. Fruto da atração que os grandes centros exercem sobre as populações rurais ou de cidades menores e da falta de políticas adequadas para a moradia nesses grandes centros, as favelas integram a paisagem de boa parte dos municípios do país e torna visível a desigualdade, também na moradia de seus habitantes.

A cozinha, coração da casa

(...) quando a gente revela qual é o lugar mais importante da casa, a gente revela também o lugar preferido da alma. Nas Minas Gerais onde nasci, o lugar mais importante era a cozinha. Não era o mais chique e nem o mais arrumado. Lugar chique e arrumado era a sala de visitas, com bibelôs, retratos ovais nas paredes, espelhos e tapetes no chão. (...) Na cozinha era diferente: a gente era a gente mesmo, fogo, fome e alegria. (Alves, 2000)

À beira do fogão se tecem histórias, heranças, tempo compartilhado no preparo e na comunhão da refeição. O que comemos e o que desdenhamos, o jeito de preparar o alimento, a comida do dia-a-dia e a comida de festa, o que comem os ricos e os pobres, os adultos e as crianças, tudo isso nos conta sobre quem mora ali. Histórias de famílias, passadas de geração em geração, na conversa e nos livros de receitas.

Os portugueses aprenderam com os índios a ter a cozinha ao ar livre, já que ali era um lugar de sujeira e de fumaça do fogo vivo, mantido pela queima da madeira e do carvão. Os utensílios de barro e o jirau – armação horizontal de paus onde eram colocados e preparados alimentos, o fogão de pedras –, além de vários hábitos alimentares, como o consumo de certas frutas da terra e da mandioca (e com ela os vários utensílios necessários à retirada do sumo venenoso e ao preparo da farinha), também foram aprendidos dos índios.

Tão diversa quanto a própria construção da casa, a cozinha brasileira recebeu influências indígenas, portuguesas, africanas e, a partir do século XIX, dos imigrantes egressos dos vários continentes. Tachos de ferro e cobre, além de panelas de barro, integravam o arsenal de objetos necessários à lida na cozinha, contígua a um quintal onde cultivava-se vegetais, ovos, e onde eram criados animais para o abate. Além dos saberes culinários, o desafio de preservar alimentos, sobretudo as carnes, sem refrigeração (no Brasil, as geladeiras só se tornaram comuns em meados do século XX) proporcionou o desenvolvimento de uma série de práticas, para as quais eram fundamentais o sal e as especiarias, trazidos de longe, e os processos de salgar e defumar, entre outros.

Quais são as comidas típicas do Brasil? São tantas... Talvez seja possível vislumbrar alguns traços comuns nesse imenso cardápio. Cozidas, muitas delas são misturas de vários ingredientes: a feijoada, a galinhada, a vaca atolada. Nem líquidas nem propriamente sólidas, um combinado de carne e vegetais, muitas vezes ligados com a ajuda de farinhas de mandioca ou milho e pirões. Misturas, cozidos e combinados.

7. Em São Paulo, a cidade mais rica do país, 22% das pessoas vivem neste tipo de moradia, segundo dados do censo de 2000 do IBGE.

A tradição dos doces nasceu da mistura do açúcar – monocultura que moldou a sociedade colonial no Brasil, com engenhos, senhores e escravos – com os frutos da terra, que as longas horas de cozimento nos tachos transformaram em iguarias, como as compotas, cocadas, goiabadas e marmeladas. Junto aos frutos, os doces de leite e ovos, como os quindins e as ambrosias.

Com a chegada dos imigrantes, uma nova leva de sabores e de aromas veio juntar-se ao cardápio brasileiro. Polenta, macarrão, quibes, esfirras, sushis e parmegianas são heranças abraqueiradas de tantas culturas; hoje encontramos todas juntas nos restaurantes “por quilo” e nas praças de alimentação dos shopping centers.

A partir do século XX, há mudanças importantes no espaço da cozinha e do fazer doméstico. O fogão a lenha dará lugar ao fogão a gás, fazendo da cozinha um local mais limpo. Em várias construções tem-se: a copa, a sala de refeição e a de convivência. Com a chegada da eletricidade, será possível não só conservar os alimentos em geladeira elétrica (que começa a chegar nos anos 1930), como realizar certas atividades que antes eram produzidas manualmente. Batedeiras e liquidificadores chegam às cozinhas a partir dos anos 1940 e seu uso, fartamente alardeado nos jornais e revistas femininas da época, prometiam reduzir o trabalho das mulheres, as “rainhas do lar”, que, no entanto, passam a compor a força de trabalho e ficar bem menos em suas casas.

Ainda que menor, muito limpa e cheia de instrumentos, a cozinha permanece hoje como lugar pela qual passa a memória e o afeto das famílias em momentos especiais, nos almoços de domingo e, ainda, em torno das festas tradicionais que marcam a vida com pratos que alimentam corpo e alma.

Casa, lugar de repouso e convivência

*A casa era uma casa brasileira, sim
Mangueiras no quintal e rosas no jardim
A sala com o cristo e a cristaleira
E sobre a geladeira da cozinha um pinguim*

*A casa era uma casa brasileira, sim
Um pouco portuguesa, um pouco pixaim
Toalhas lá da ilha da madeira
E atrás da porta arruda e uma figa de marfim
A casa era assim ou quase
A casa já não está mais lá
Está dentro de mim
Cantar me lembra o cheiro de jardim*



Foto: Marcelo Peres

*A coisa é a coisa brasileira, sim
O jeito, a maneira, a identidade enfim
E a televisão, essa lareira
Queimando o dia inteiro a raiz que existe em mim*

*A casa era assim
Um pouco portuguesa e pixaim
Casa Brasileira (Geraldo Azevedo/Renato Rocha)*

Nos espaços de repouso também aprendemos com os índios. O hábito de dormir em redes foi característico da colônia e se preservou até o século XIX, podendo ser encontrado ainda hoje em cidades do Nordeste e do Norte do país. Bancos, canastras que mais tarde deram lugar aos armários, eram comuns. Nos quartos de dormir, além da cama, da imagem do santo e do guarda-roupa, eram encontradas bacias e jarras de louça, objetos de higiene no cotidiano das casas, onde a água encanada demorou a chegar. Mobiliários das salas de jantar e de estar ainda eram raros, a não ser nas casas abastadas de barões do café e da borracha e senhores de engenhos. Os imigrantes também trouxeram objetos para o preparo de seus alimentos, além de enfeites e utilitários para as suas casas.

Para receber

Que é a varanda, afinal, senão uma sala completamente aberta?
Lúcio Costa

Entre a rua e as áreas reservadas – como quartos de dormir, quintal e cozinha –, a influência portuguesa trouxe o espaço de receber os forasteiros, transição da área pública para o interior inacessível.

Foram comuns os alpendres, as varandas, que desde os tempos coloniais integraram as casas rurais e urbanas e mais tarde as salas de visitas, espaço de receber, geralmente pouco usadas pela família, salvo em ocasiões festivas. Ali está posto o que a família tem de melhor e também sua memória, como os quadros, os objetos decorativos e os retratos da família. Ali também reina o piano, importante elemento na educação dos jovens de “boas famílias”.

Após a Segunda Guerra Mundial, a chegada da televisão fez da sala um lugar de convívio e provocou mudanças para receber este novo aparelho, que chegou quase à mesma época que os tecidos sintéticos, os plásticos e os móveis produzidos em série. Da cozinha ou da copa, o lugar de reunião passou à sala.

Para falar com Deus

Para terminar, é bom lembrar do espaço de oração, presente na casa brasileira desde a colonização, primeiro como capelas que integravam as fazendas, depois como oratórios dentro das casas. Qual armários ou nichos nas paredes, os oratórios domésticos reúnem imagens de santos, talismãs e relíquias, medalhinhas e outros objetos.

Se desapareceram das casas de muitos, não é incomum encontrar, ainda hoje, imagens religiosas: uma Santa Ceia, uma imagem de santo católico ou divindade africana, objetos de proteção, enfim, a presença divina.

Referências bibliográficas

- ACAYABA, M. (coord.). GUERRA, J. W. (org.). *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira: Construção*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.
- ACAYABA, M. (coord.). SIMÕES, R (org.). *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira: Costumes*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.
- ACAYABA, M. (coord.). ZERON, C.A (org.). *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira: Alimentação*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000.
- ALVES, R. *A Cozinha in Psychiatry on Line Brasil*. Abr. 2000, vol. 5, n. 4. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano00/rub0400.php>>. Acesso em: jan. 2008.
- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (São Paulo). *Terra Paulista: História – Arte – Costumes*. 3 vols. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- FREYRE, G. *Mucambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, c.1937.
- LEMOS, C. A. C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1973.
- _____. *História da casa brasileira*. São Paulo, Contexto: 1996. Disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br>>.
- LUZ, Madel Terezinha. *O Instituto Oswaldo Cruz*. In: LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: Políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

Zilda Kessel

Educadora especializada em Museologia, com mestrado em Ciência da Informação. Coordenou a ação educativa do Itaú Cultural, atuou como formadora no Museu da Pessoa e no Portal EducaRede. Trabalha na formação de professores em projetos de cultura, cidadania e inclusão digital.

A casa do "seu Panga": a arte em belas pinturas

Em Jaguaruana vive um pedreiro aposentado que modifica a fachada de sua casa freqüentemente. Sua pintura é realmente algo incomum, que chama a atenção de qualquer pessoa.

Sebastião Marques, 71 anos, mais conhecido como "seu Panga" gosta de pintar com cores escuras, preferindo lilás, verde, azul e preto; utiliza pincel dividido em quatro cortes; tem o hábito de pintar à meia-noite, por ser mais calmo e sereno.

O começo de sua fascinação pela pintura se deu quando era criança, construía carros de lata e pintava bem diferente dos outros: "se alguém pintasse igual, eu desmanchava e pintava de novo". Para Sebastião, sua inspiração veio quando um dia passou próximo a um jardim e viu diversas flores, de cores variadas, achou aquilo bonito e sentiu-se muito bem.

E. E. F. M. Manuel Sátiro
Jaguaruana/CE



Pão de arroz

Não são apenas os mineiros que possuem uma especialidade como o pão de queijo, que tanto os brasileiros apreciam em sua mesa. Como somos da "terra do arroz", e assim denominados, também oferecemos aos nossos visitantes um pão de arroz acompanhado de um café bem quentinho, que é a melhor forma de recebermos nossos visitantes a qualquer hora.

A matéria básica do mesmo é acessível a qualquer classe social – o arroz. Veja a receita a seguir:

Tenha em mãos a massa de arroz, que deve ser colocado na água até ficar amolecida, depois triturada e peneirada. Molhe a massa no ponto de fazer cuscuz e acrescente sal e amendoim torrado e moído.



Coloca-se na cuscuzeira para cozinhar por 30 minutos aproximadamente, e quando o pão estiver todo uniforme no ponto de ser cortado em fatias retire-o do fogo. Ai é só servir.

O pão de arroz é o nosso cartão postal – não pode faltar na mesa do varzealegrense.

E. E. F. M. José Correia Lima
Varzea Alegre/CE

Ainda resistiremos?

Na cidade de Tianguá, situada no interior do Ceará, mais precisamente na região norte do estado, não é difícil vermos algumas coisas bem curiosas que resistem ao tempo e à modernidade; até parece que não acompanharam o passar dos anos.

Ao passear pelo centro da cidade, podemos perceber belíssimas casas, construções de grande esmero, de qualidade arquitetônica. Em contrapartida, ainda é possível encontrarmos casas de pau-a-pique.

Uma das particularidades é uma pequena vila com casas bem pequenas e simples, cujos moradores lavam louças ou roupas em suas calçadas e o banheiro é público!

Ao visitar a casa de muitos moradores tianguenses, chama a atenção a forma com que muitos de nossos conterrâneos ainda vivem e perpetuam hábitos e costumes herdados de seus pais. Ter uma fotografia pintada dos donos da casa, exposta na sala para ser vista por todos que adentrarem a residência, lavar roupa nos rios, cozinhar em fogão à lenha, lavar louças em jirais (feitos de madeira para apoiar as louças), ter uma pequena criação de animais em casa para o próprio sustento da família, utilizar os velhos radinhos ou potes d'água, ou mesmo dormir em redes, não é coisa do passado, mas é a realidade de muitos.

E. E. F. M. Tancredo Nunes de Menezes
Tianguá/CE



Costumes de Mato Grosso do Sul

Qual campo-grandense que já foi à feira e nunca se deliciou com uma tigela de "sobá"? Ou naquele domingo ensolarado não saboreou um belo churrasco ao lado dos amigos? E a polca paraguaia nas noites de sábado? Estes são alguns dos costumes trazidos por outras culturas para Campo Grande.

Dentre muitas colônias localizadas na cidade, estão a gaúcha, a japonesa e a paraguaia, que trouxeram seus hábitos e tradições tanto para a capital quanto para o Mato Grosso do Sul.

Com a mecanização das lavouras em outros estados, os gaúchos vieram para o Centro-Oeste, atraídos pela demanda de mão-de-obra na pecuária, indústria e comércio. O famoso galetto para os gaúchos se completa com a mandioca sul-mato-grossense.

Os costumes paraguaios foram os que mais se adaptaram ao estado, o tererê é figura carimbada nas rodas de amigos no Mato Grosso do Sul. Na parte de dança, foram muito influenciados com o chamamé e com a polca paraguaia.

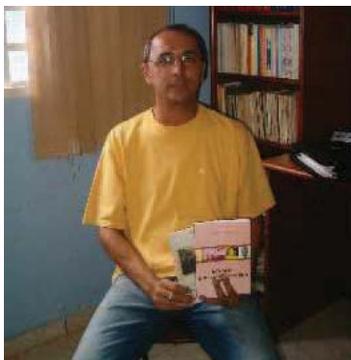
E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS



O Tererê

Excelente para refrescar nos dias mais quentes, ou curtir em uma praia. É a infusão da erva-mate com água bem gelada. Para prepará-la, coloca-se a erva em um recipiente especial denominado guampa. E com uma bomba, delicia-se esta maravilha. Ou ainda, para a geração saúde (ou ainda os hipocondríacos), pode-se aderir a ervas medicinais e aromáticas (desde que consumíveis), como a hortelã, o boldo e uma infinidade de outras ervas, a gosto do freguês.

E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS



Equipe Jovem Centenário
Colégio Estadual Virgínio Santillo
Anápolis/GO



Equipe Jovem Centenário
Colégio Estadual Virgínio Santillo
Anápolis/GO

A rainha do povo

Filha de uma moça virgem, segundo os tupis, este alimento é fundamental na mesa dos brasileiros, que o apelidaram de "pão-de-pobre".

A farinha é um produto tipicamente indígena, que até hoje não é usado na Europa, diz o historiador e editor Leonardo Dantas, acrescentando que "nem Portugal, que tem uma cozinha tão próxima da do Brasil, a utiliza".

No início do século XIX, a mandioca era medida de riqueza e argumento pró-Independência. O líder político Cipriano Barata, em defesa da separação do Brasil em relação a Portugal, discursou no Porto: "o Brasil pode manter-se independente da metrópole e até da Europa; tem farinha para alimentar-se e algodão para vestir-se".

Para fazer a farinha, os lavradores usam a mandioca brava, mais venenosa. A macaxeira (mandioca mansa ou doce) é usada para outros pratos. Após a moagem, a pasta é prensada por duas toras ligadas por parafusos esculpados em troncos. O processo livra o produto da manipueira, líquido que contém o veneno da mandioca. A massa passa pela urupema, peneira feita com cipó, e segue depois para um forno redondo parecido com uma grande frigideira, de tijolos de barro. Fica lá por duas horas, mexida com um rodo de pau.

E. E. Professor Carlos Henrique Schrader
Campo Grande/MS



Lingüiça de Maracajú

INGREDIENTES

3 kg de contra-filé ou alcatra
1 kg de toucinho de porco
1 ½ colher (sopa) de sal
5 pimentas-de-cheiro (bodinha)
2 xícaras (chá) de cheiro-verde (salsa e cebolinha) picado
Tripas grossas

MODO DE PREPARAR

Corte a carne e o toucinho em pedaços pequenos, junte a pimenta amassada e o sal. Deixe descansar por 6 horas, mexendo de 15 em 15 minutos. Junte o cheiro-verde, misture bem e recheie as tripas com funil próprio. Conserve em refrigerador ou freezer. Asse em grelha ou espeto. Sirva com arroz e mandioca com farofa.

E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS

Cardápio sul-mato-grossense

Olá, pessoal, esse é um cardápio sul-mato-grossense. Não é muito diferente dos demais. Veja:

Segunda-feira: arroz, feijão, frango assado, macarronada e salada

Terça-feira: arroz, feijão, salada, bife acebolado

Quarta-feira: arroz, feijão, lingüiça, salada e batata-frita

Quinta-feira: arroz, feijão, carne moída com macarrão e salada

Sexta-feira: arroz, feijão, costela recheada e salada

Sábado: churrasco (arroz, vinagrete e mandioca)

Domingo: puchero ou feijoada

Obs.: Nem todas as casas sul-mato-grossenses têm esse cardápio.

E. E. João Carlos Flores
Campo Grande/MS



Prédio Paris N'América: Belém
E. E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA



Famosa vendedora de ervas em Belém
E. E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA

Casa do Artesão



As mais belas peças de artesanato de Três Lagoas podem ser encontradas na Casa do Artesão. Lá podemos ver peças em cerâmica, com cópias de animais típicos da nossa região. As peças em madeira feitas de ipê, que servem tanto como objeto decorativo como para uso próprio, são um atrativo à parte. Os artesãos da cidade produzem rendas de alta qualidade e também outros tipos de tecelagem, como tapetes, tricô, crochê e outros. Todos esses artefatos refletem principalmente o cotidiano das donas de casa do município, pois são elas as grandes freqüentadoras e clientes do local. Os moradores de Três Lagoas orgulham-se de suas artes, pois elas são conhecidas pelo Brasil afora, como é o caso da artesã Ana Vitorini, que tem suas peças espalhadas por grandes partes do país.

E. E. Bom Jesus
Três Lagoas/MS



Primeira rua de Belém
E. E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA

Pará: paraíso natural

O Pará é um estado que possui riquezas exuberantes que a natureza se encarregou de criar. Aqui se pode encontrar, também, um povo hospitaleiro; grande diversidade de etnias; comidas, frutas e animais exóticos; rios imensos; igarapés cristalinos; praias de água doce.

E quem não conhece o nosso prentinho indispensável? Esse danadinho, que já é conhecido mundialmente... O açai! Um líquido extraído do açazeiro, que quando misturado com farinha-d'água ou farinha de tapioca pode ser tomado feito suco.

Ah, quero falar também dos nossos ritmos! Aqui curtimos o carimbó, o tecnobrega, a marujada e o siriá. Aqui temos, também, muitas lendas, e uma delas é a do boto cor-de-rosa, que se transforma em um homem bem-vestido que usa um chapéu e é capaz de conquistar belas caboclas, engravidá-las e depois sumir.

Como dizemos: Chegou ao Pará... parou! Tomou açai... ficou!

E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA



Sabores paraenses
E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA



Visitem nosso blog
E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA



Um pouco do nosso trabalho
E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA

Esse é o meu Pará

Gente, corram todos!
E venham ver o que é que há...
Será o Jardim do Éden?
Não! Esse é o meu Pará!
Terra de luta, de pessoas guerreiras
É a Cidade das Mangueiras
Que eu tenho prazer
Em te mostrar.
Minha terra é um paraíso
Que eu chamo "Meu Pará".
De manhã um belo sol nascerá
E à tarde a chuva toma conta do lugar.
A noite é toda minha
Pois o luar eu vou olhar!
Das comidas eu já te falo!
Pois para mim não é nada particular
As minhas prediletas?
O açai e o tacacá!
Elas são muitas a saborear
Venha já!
Conhecer a culinária
Da capital do meu Pará.
Você é linda
É linda como ninguém
Minha Belém
Quantas belezas você tem!

E. E. F. M. Dr. Agostinho Monteiro
Ananindeua/PA

Lar doce lar

Não é só um espaço dividido em cômodos, com móveis, tapetes, quadros e louças luxuosas. O lar é a convivência harmoniosa entre os moradores desse ambiente.

O que forma um lar são pequenos e grandes atos de amor, paz, respeito, complacência, compreensão, entre outros. Nós podemos transformar o ambiente em que vivemos, não importa se moramos numa choupana, barraco ou mansão, basta aceitar as pessoas com quem convivemos e plantar os mais nobres sentimentos existentes.

Os rituais familiares podem ser atualizados, alguns dispensados e outros essencialmente utilizados para a vivência digna entre as pessoas, como o ato de refeições em família etc. A comunicação entre os membros da família é mais que eficaz para resolver problemas que afetam a sincronia de paz no lar. O diálogo foi e sempre será uma saída.

A responsabilidade de manter o lugar onde vivemos em completa harmonia recai sobre cada um de nós. Com vigilância epistêmica, educação, reciprocidade e o desejo de servir uns aos outros, podemos atingir um grau de afetividade e amor com quem passamos as mais importantes fases de nossas vidas.

Esta é a receita de formar e manter um verdadeiro lar.

E. E. E. F. M. Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB

*“O que forma um lar são
pequenos e grandes atos de amor”*



Casa da Pólvora
Instituto de Educação da Paraíba
João Pessoa/PB



João Pessoa: Portal do Sol
Instituto de Educação da Paraíba
Bayeux/PB



Pode entrar!
E. E. E. F. M. Monsenhor Manuel Vieira
Patos/PB

Mandamentos do chimarrão

1. Não peças açúcar no mate;
2. Não digas que o chimarrão é anti-higiênico;
3. Não digas que o chimarrão está quente demais;
4. Não deixes o mate pela metade;
5. Não te envergonhes do "ronco" no fim do mate;
6. Não mexas a bomba;
7. Não alteres a ordem em que o mate é servido;
8. Não condenes o dono da casa por tomar o primeiro mate;
9. Não durmas com a cuia na mão;
10. Não digas que o chimarrão dá câncer na garganta.

E. E. Normal José Bonifácio
Erechim/RS

Atividade artesanal de Ipê

Nossa City

Somos da Equipe Lindos como a Flor do Ipê, da E. E. E. Básica Frei Casimiro Zaffonato de Ipê. Vou falar um pouco das atividades da nossa city.

A atividade artesanal desenvolvida em Ipê é bastante variada, consistindo de trabalhos com peles, couro e lã; em madeira; artefatos de vime; além da fabricação de chapéus de palha de trigo, peneiras de taquara e vários outros artigos. Existem ainda diversos outros serviços artesanais como: bordados, tricô, crochê, fabricação de chocolates, doces, salgados, pães, cucas, biscoitos etc. Além dessas atividades, Ipê é conhecida como a Capital Nacional da Agricultura Ecológica. Devido a este fato, sentimo-nos honrados em desenvolver nosso projeto com o tema: O Universo do Trabalho.

Escola Estadual de Educação Básica Frei Casimiro Zaffonato
Ipê/RS

Culinária e cultura

A cozinha de cada país reflete muito mais do que a simples luta pela sobrevivência, ou seja, a necessidade de se alimentar, pois representa os usos e costumes do povo, bem como sua organização social, sua cultura.

A nobreza e a plebe mesclaram temperos, ingredientes, carnes e aprenderam com os outros as suas descobertas gastronômicas. Também o clima, o relevo, a gama de produtos agrícolas, as hortas e os pomares, as frutas silvestres e os animais, às vezes são comuns a determinados países. Daí a semelhança nos ingredientes. Porém, há sabores bem específicos no resultado final dos pratos mais representativos de cada cultura.

Quando alguém falar em *pieroge*, *wodka*, *barszez*, *bigos*, *orgorki*, *kapusta kiszona*, *pierniki*, *emciastka*, *zimne nogi*, *sernik*, *paczki*, *emmodownik*, *emmakowiek*, *babka*, *barenek*, estará se referindo a iguarias polonesas que chegaram à mesa de muitos brasileiros.

E. E. Normal José Bonifácio
Quatro Irmãos/RS



Churrasco e bom chimarrão!

Oi! Nosso grupo é formado por alunas do segundo ano do curso Normal.

Estamos aqui para mostrar um pouco da cultura gaúcha. Iremos falar sobre o churrasco, que é o principal prato da nossa culinária. E do chimarrão, que também pode ser chamado de mate, a principal bebida gaúcha. "Um verdadeiro gaúcho nunca sai de casa sem tomar seu chimarrão."

Por enquanto nosso grupo está fazendo a pesquisa bibliográfica sobre os dois assuntos, mas já estamos com planos de visitar uma ervateira da nossa cidade.

Vocês sabiam que na nossa cidade, chamada Erechim, localizada no norte do Rio Grande do Sul, existe um monumento em homenagem ao chimarrão? Logo estaremos colocando algumas fotos e vocês poderão ver como ele é bonito.

Espero que gostem...

Até logo!

**E. E. Normal José Bonifácio
Erechim/RS**

Conhecendo o povo mondaíense

Mondaí é uma pequena cidade do extremo oeste de Santa Catarina. Seu nome, na língua indígena, quer dizer Rio dos Ladrões, por causa dos ladrões que vinham roubar balsas de madeiras, nas barrancas do Rio Uruguai. Os baliseiros ficavam esperando a época das cheias do rio, para então soltar as balsas rio abaixo e comercializar a madeira.

A colonização de Mondaí teve início em 1922, por imigrantes de origem alemã que vinham principalmente de Panambi, também colonizada por alemães, no Rio Grande do Sul.

Até hoje muitas famílias falam a língua alemã. Apesar de entenderem bem a língua portuguesa, muitos ainda falam sua língua mãe em casa, no comércio e nas ruas.

A cultura e a língua alemã são preservadas por festas, costumes, culinária, danças e músicas. Há diversos grupos corais no município, sendo que um deles se dedica especificamente à música alemã.

**E. E. B. Delminda Silveira
Mondaí/SC**



Digitando as receitas
E. E. F. Professor Milton Pacheco
Osório/RS

O CHIMARRÃO

O chimarrão é uma bebida que, inverno ou verão, se toma quente. É um mate de sabor amargo. Coloca-se erva-mate na cuia de porongo, água quente e uma bomba de metal. Além de ser gostoso, tem propriedades desintoxicantes, principalmente para quem come muita carne, como acontece aqui no Sul. Também é energizante, reduz a pressão arterial, combate a anemia, o diabetes, a depressão e é rico em sais minerais.

Aqui em Mondai, a hora mais aprazível do dia é a hora do chimarrão, quando a família se reúne, às vezes com amigos ou vizinhos, para matear e falar sobre seu dia de trabalho, sobre seus problemas familiares ou da sociedade, suas alegrias e sonhos para o futuro. É um momento especial, quando a cuia passa de mão em mão, como um símbolo da paz. A roda de chimarrão é uma comunidade em confraternização.

E. E. B. Delminda Silveira
Mondai/SC



O mundo fora da cidade
E. M. E. B. Bruno Massone
São Bernardo do Campo/SP

A cultura italiana em Mondai

Mondai possui um rico acervo sobre imigrantes que para cá vieram, mas da cultura italiana pouco se tem. Com a visitação, vimos muitas curiosidades das quais não tínhamos conhecimento.

Em Sanga Forte há uma comunidade de 90% de famílias italianas que, há mais de uma década, comemoram anualmente a festa do churrasco, demonstrando a força de sua produ o.

Acompanhando o cardápio t pico, o vinho caseiro não pode faltar. Esse   produzido na propriedade, herança que passa de gera o em gera o.

Modo de preparo do vinho:

- Depois de higienizada, a fruta vai para o "rim i", onde   moída e o caldo separado da casca. Ali permanece num vasilhame maior recebendo o processo da fermenta o por 8 dias.
- Após a fermenta o, o líquido   posto nas pipas por 40 dias, quando está pronto para a degusta o.

E. B. Professora Elizabeth Ramminger
Mondai/SC



O pequi

O pequi (*Caryocaraceae*) é uma fruta nativa do Cerrado, conhecida popularmente como "piquei", "piqueiá", "piquei-do-cerrado". As plantas podem chegar a até sete metros de altura e produzem de 500 a 2.000 frutos. Os frutos são do tipo drupa (formato do fruto) com quatro lóculos que contêm cerca de cem a trezentos gramas. O pequizeiro floresce de agosto a novembro, iniciando a maturação dos frutos em meados de novembro até início de fevereiro.

Suzinei Oliveira destaca que os frutos, além de serem utilizados na culinária brasileira, servem para a extração de óleos utilizados na indústria farmacêutica para obtenção de cosméticos. A madeira pode ser aproveitada na construção civil e no setor medicinal, o óleo produzido pode ser usado contra bronquites, gripes, resfriados e como expectorante.



Centro de Ensino Médio Félix Canoa
Porto Nacional/TO



Igreja Nossa Senhora
da Abadia
Núcleo de Tecnologia
Educativa
Goiás/GO



Gostosa Magia
Colégio Estadual Dona Joaquina Pinheiro
Monte Alegre de Goiás/GO

Bolo borracha

Em Monte do Carmo, a facilidade de encontrar determinados alimentos, a presença dos negros e o sincretismo religioso tornaram-se fundamentais para a criação de uma receita exótica. Trata-se do bolo borracha, que se encontra em vias de extinção.

Na Fazenda Santo Antônio, a família de Joaquim de Patu faz questão de manter viva a tradição do bolo que é servido durante as folias de Santo Rei e do Divino Espírito Santo, aos quais é devota. A esposa de Patu desvendou os segredos do bolo:

"É uma receita sertaneja que leva ingredientes encontrados na fazenda – ovos caipiras, banha de porco, tapioca (e não polvilho), leite, soro do leite, açúcar, sal, cravo moído." Assado na folha da bananeira, cuidadosamente escolhida e tratada, e o soro caseiro também trazem sua "ciência". "O fermento é feito em cuia ou gamela, a vasilha só serve para isso e não pode ser lavada, pois as boleiras acreditam que, se lavar, o próximo fermento não vai prestar. A forma de limpar e guardar o recipiente também são cuidadosos", continua ela. A hora de assar o bolo também requer experiência, para não passar do ponto.

E. E. José Seabra Lemos
Gurupi/TO

Receita e frutos do Cerrado

- O murici é encontrado em regiões secas onde há árvores e arbustos; ele pode ser deparado como um vegetal de muita importância no mercado; o murici pode ser consumido em sorvetes, doces, cachaças, licores, entre outros.
- O murici é conhecido com vários nomes diferentes – douradinha falsa, murici, muricizinho, orelha de burro e orelha de veado.
- A maioria é encontrada na região da Amazônia, no Norte. O murici é disputado por mangaba, caju, jambo, graviola.
- O fruto, apesar de ser carnoso, tem um forte sabor. Como uso medicinal, o murici é usado para combater tosse e bronquite.

E. E. José Seabra Lemos
Gurupi/TO



Frutos do Cerrado
E. E. José Seabra Lemos
Gurupi/TO



Ceilândia: o motor de Brasília
Centro de Ensino Fundamental 7 de Ceilândia
Taguatinga/DF



A culinária corumbaense

Nossa culinária oferece uma grande variedade de alimentos e bebidas. Alguns são preparados com animais e plantas que vivem no cerrado. Por isso a sobrevivência da arte culinária depende tanto do registro das receitas de comidas e bebidas, como da preservação dos valores ecológicos.

Os pratos e bebidas típicas foram criados por nossos antepassados. Os brancos e negros que aqui chegaram uniram os conhecimentos trazidos de suas terras com os alimentos preparados pelos indígenas.

Entre os alimentos salgados tradicionais temos as carnes de paca, veado, anta, caititu, capivara, cutia, tatu, perdiz, codorna e ema, o leitão assado, o frango recheado, a carne de panela, a paçoca de carne, a pamonha, o empadão, a empadinha, o pequi com caldo ou com arroz e a tigela de umbigo de banana.

Entre as bebidas temos a pinga de cana com tarumã, anis ou erva-doce; a pinga de jabuticaba; o licor de murici, de pequi e de jenipapo; o aloá de arroz e de milho; o quentão; o chá de funcho.

Colégio Estadual André Gáudie
Corumbá de Goiás/GO





Asa aberta

E. E. Professor Sílvio Elito de L. Santos
Calçoene/AP

A culinária baiana

A culinária da Bahia mais conhecida, embora não seja a mais consumida, é aquela produzida no recôncavo e em todo o litoral da Bahia, composta de pratos de origem africana, diferenciados pelo tempero mais forte, à base de azeite de dendê, leite de coco, gengibre, pimenta de várias qualidades e muitos outros que não são utilizados nos demais estados do Brasil.

No dia-a-dia, o baiano alimenta-se de pratos de origem portuguesa, embora com toques regionais, como a utilização mais ou menos acentuada de determinados temperos.

Alguns exemplos de comida baiana são: acarajé, abara, bobó de camarão, moqueca, caruru, xinxim de galinha, baba de moça e vatapá.

Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa
Salvador/BA

Ô de casa, caro jaguaruanense, como é a sua vida?

Na maioria das casas de Jaguaruana, os alimentos mais comuns são o feijão, o arroz, o macarrão e a carne, uma culinária típica de qualquer cearense. Os jaguaruanenses gostam de comidas feitas a partir do milho, como a tapioca. Outro alimento importante é o peixe, que pode ser pescado no rio Jaguaribe, que percorre boa parte das terras do município. Entre os peixes mais comuns estão a piranha, a curimatã, o tucunarê e o pial.

O quintal é um local importante na vida de quem mora em Jaguaruana, onde encontramos plantas frutíferas e onde as crianças brincam. Outro local importante é a calçada, utilizada para conversas ao final da tarde e pelos namorados.

E. E. F. M. Francisco Jaguaribe
Jaguaruana/CE



Comidas típicas da região Centro-Oeste
– frango com pequi
E. M. Professor Geraldo Venério de Carvalho
Jataí/GO

educarede

A porta aberta para a educação

Home > Comunidade Virtual > ER - Minha Terra

Home

Usuário

Usuário

Senha

Entrar

[Esqueci minha senha](#)

[Cadastro no EducaRede](#)

[Fale com o EducaRede](#)

[Quero me inscrever](#)

Ferramentas

[Home da comunidade](#)

[Bate-Papo](#)

[Blog](#)

[Fale com o gestor](#)

[Fórum](#)

[Galeria](#)

[Mochila do Repórter](#)

[Chefe de Redação](#)

[Gestores](#)

[Participantes](#)

Canais

[Comunidades](#)

[Internet na Escola](#)

[Recursos Educativos](#)

[Revista EducaRede](#)

[Serviços](#)



Comunidade Virtual ER - Minha Terra

[Participe desta Comunidade Virtual!](#)

Sobre o Minha Terra

Publicação da reportagem

Já publicou sua pesquisa?



Quer participar da seleção para o **livro**? Publique sua pesquisa até o **dia 31 deste mês**! Consulte também nossas na mochila do repórter. Prorrogamos o prazo para publicação de reportagens e imagens até o **dia 18 de novembro** para participarem da seleção que constará do **CD Interativo!**

Inscrição



A inscrição é de cada integrante da equipe de reportagem

[Veja as orientações!](#)

Repórteres



Você é aluno?

[Clique aqui.](#)

Equipes em ação

Quem quer brincar?



Conheça a brincadeira do passá anel, divulgada pelos alunos de Banabuiu-CE

Conheça as 3 Fases do projeto

- » Fase 1 - Monte sua equipe
Inscrição, apresentação das equipes e planejamento
- » Fase 2 - Repórteres em ação
Pesquisas, entrevistas, registro das atividades e interação
- » Fase 3 - Direto da Redação
Publicação dos textos e imagens nas Galerias dos temas

Divulgue sua produção

Quem quer brincar?



O universo da infância

Brincadeiras, livros, canções, lendas, memórias

Atividades



Tutorial do projeto

[Clique aqui](#)

Chefe de Redação



Você é professor?

[Clique aqui](#)

Sobre o Bate-papo de 03/10

Conheça os dois bate-papos já ocorridos



Para conhecer como foram os dois bate-papos de 03/10, acessar: em Bate-papo no menu a esquerda, e escolher quem ler.

Ô de casa



O universo doméstico

A rotina, os afazeres, as festas e suas histórias

Cultura e novas tecnologias

Quando se fala em cibercultura, não se fala de uma outra cultura ao lado das demais. Fala-se da nossa cultura que agora está em vias de tornar-se uma cibercultura. O aprofundamento das relações com as tecnologias digitais em todos os âmbitos da vida social é o que tornará nossa cultura uma cibercultura.

Pierre Lévy – *Cyberdemocratie*

Quando nos referimos às relações entre cultura e novas tecnologias devemos lembrar, antes de tudo, de um fator relevante: o papel de mediação que as técnicas desempenham em todas as nossas práticas cotidianas. A evolução do ser humano sempre esteve profundamente marcada pela mediação das técnicas, pois nossa relação com o mundo sempre passou pela linguagem, pelos instrumentos, pelos meios de transporte e de comunicação. De fato, é difícil pensar os indivíduos separados de seus aparatos técnicos, como também do meio em que vivem, das bactérias e vírus, das próteses que se multiplicam e que condicionam seus costumes e práticas. Uma cultura local, portanto, é o resultado de uma trama complexa que a relaciona com elementos de várias ordens, tanto com aquilo que lhe é próximo, quanto com o que está distante. Toda cultura local é atravessada por elementos que vêm de toda parte e também de toda ordem. Assim, os meios de comunicação, e em particular a televisão, atravessam as culturas, com seus modelos globais, sugerindo hábitos e práticas de outros lugares; a economia e a política afetam todos os indivíduos; a língua sofre influências de outras línguas; as idéias chegam de todos os lados e contribuem com a inventividade e com o imaginário de um determinado lugar. O local nunca está dissociado do global.

O que nos é comum? O meu lugar

Mas, sendo assim, onde ficaria a singularidade de uma terra, quando se diz minha terra? O que queremos dizer quando nos referimos a alguma coisa que caracteriza seu próprio lugar, sua comunidade, com a qual nos identificamos e manifestamos nossa sensação de pertença? Essa alguma coisa pode bem ser uma estória, narrada ao longo de gerações, e que alimenta o sentimento de singularidade de um lugar. Mas pode também ser algum aspecto do meio ambiente, um momento festivo do ano, um monumento... E tantas outras coisas que alimentam o imaginário de um povoado, vila ou cidade. O famoso crítico cinematográfico francês Serge Daney, quando de sua passagem por São Paulo nos anos 1980, comentou que a cidade não teria imagem, que seria uma espécie de cidade cérebro, reduzida a milhares de pontos que se interconectam por todos os lados, sem que nenhum deles se destaque dos demais. Mas isso não é de todo verdade, pois sempre se evoca a avenida Paulista, o Masp ou o Ibirapuera como elementos que marcam a singularidade dessa megametrópole.

E qual seria a importância e o papel desses elementos, dos aspectos que singularizam um lugar?

Num primeiro instante, percebemos que a importância dos elementos singulares de qualquer lugar é funcionar como aquilo que permite que ele seja reconhecido pelos que vivem fora e, ao mesmo tempo, pelos que o habitam. Mas é preciso, primeiramente, esclarecer o que entendemos aqui por reconhecer. Esse termo guarda dois sentidos bem distintos, mas que se inter-relacionam. O primeiro deles refere-se à ação de detectar algo que se conhece, como perceber em meio a várias coisas o que já é conhecido. Assim, em meio à multidão de pessoas, reconheço um amigo; numa estante de livros, reconheço alguns que já li. Mas também posso reconhecer, em alguém, coisas que me são familiares, como costumes, crenças, valores, conhecimentos. Essa situação é importante, pois revela aquilo que existe de comum entre dois ou mais indivíduos. Quando encontramos alguém que viveu na mesma cidade de nossa infância, por exemplo, é natural que procuremos reconhecer lembranças compartilháveis que atestam essa mesma origem. Isso significa que, nessa situação, as pessoas se reconhecem por meio de elementos comuns que ambos guardam em sua memória. E é natural, também que, dentre esses elementos, encontrem-se os aspectos singulares do lugar que caracterizam a minha terra. Esse mútuo reconhecimento a partir do que é compartilhado é gerador de afinidades, simpatias e confiança. Em seguida, num segundo sentido, reconhecer é dar valor. Damos valor a coisas pessoais e coletivas, e por isso reconhecemos nessas coisas um lugar em nossas vidas, lhes atribuímos uma importância e um papel naquilo que acreditamos e compartilhamos. Quando reconhecemos o que é comum, o que é partilhado por muitos, damos valor àquilo que traduz nossa própria existência, àquilo com o que nos identificamos e que, por outro lado, nos aproxima de outras pessoas, nos faz ser verdadeiramente um coletivo, um grupo ou uma comunidade. Isso se verifica tanto na esfera do trabalho, da família, quanto na dimensão do lugar, seja ele uma vila, cidade ou nação.

A função do reconhecer é essencial para a construção de sociabilidade. Mas fazer sociedade requer o exercício constante de construção do comum. Esse comum que reconhecemos, identificamos e ao qual atri-



Foto: Marcelo Pereira

buímos valor, é ele próprio fruto de uma construção coletiva, podendo ser tanto material quanto simbólico. Assim, estamos sempre lutando pela construção e preservação de espaços públicos, pela construção de áreas de lazer, pela manutenção de ruas limpas e iluminadas, pela preservação dos ambientes naturais etc. Isso significa que estamos lutando pela manutenção do comum, daquilo que é partilhado por todos e que assegura uma mesma qualidade de ser e estar para todos. Mas o comum não se reduz ao espaço físico. Ele também é representado pelos meios de transporte, de comunicação, pelos equipamentos de saúde e de educação, e por tudo que implica um senso comum social sobre o que deve ser partilhado, disposto publicamente, a *respublica* (termo em latim que se refere a uma coisa que não é considerada propriedade privada, ou seja, é mantida por um conjunto de pessoas). Além disso, identificamos como comum os símbolos de um lugar, suas narrativas pitorescas, sua arte e culinária etc.

Ora, esse senso comum social não emerge espontaneamente, e tampouco é fabricado por um agente específico, seja ele político, econômico ou técnico. O senso comum social se constrói com os valores, costumes, hábitos e crenças que transitam num coletivo. Esses elementos, que são da ordem do imaterial, devem ser igualmente cultivados e ampliados, pois eles são a referência que orienta a construção do comum. Num certo sentido, eles também fazem parte dessa construção, já que são de natureza coletiva e alimentam o espírito e a imaginação das pessoas. Assim, as escolas contribuem nesse processo, construindo não apenas conhecimentos, mas valores sociais e políticos. Há também a esfera dos costumes, onde os princípios de cordialidade, reciprocidade, simpatia, confiança, entre outros, são reiterados e disseminados. A religião, igualmente, contribui para a construção de valores comuns, nos quais muitas pessoas se reconhecem. Acrescente-se aqui os valores estéticos, que contribuem na produção da música, das artes plásticas, do artesanato, das festas etc.

Tudo isso para dizer que o que caracteriza a singularidade de um lugar, sua cultura local, está associado ao esforço de construção do comum, pois é nele que nos reconhecemos como pertencendo à gente da minha terra, e é por meio dele que reconhecemos, simultaneamente, os irmãos da minha terra. Mas não seria o caso de se perguntar se esse esforço de construção de zonas de comunidade se restringe ao lugar em que se vive (ou viveu)?

A expansão do comum: os outros lugares do mundo

Sociólogos como Barry Wellman e Mark Granovetter¹, por exemplo, vêm propondo, desde a década de 1980, uma nova forma de leitura das relações sociais. Ela se funda, principalmente, na ideia de que os homens organizam-se em redes sociais, produzindo o que chamam de comunidades pessoais. Qualquer pessoa possui uma comunidade pessoal, por mínima que seja. Essa comunidade não é necessariamente formada por vizinhos, parentes próximos e amigos. Ela seria composta, igualmente, pelos “conhecidos”, colegas casuais, amigos distantes, paren-

1. Barry Wellman & S. D. Berkowitz. *Social Structures: a Network Approach*. New York: Cambridge University Press, 1988.
Mark Granovetter. “The Sociological and Economic Approaches to Labor Market Analysis. A Social Structural View” In: G. Farkas & P. England. *Industries, Firms and Jobs: Sociological and Economic Approaches*. New York: Plenum Press, 1988.



Foto: EV/Imagine, Uta

tes que moram em outra cidade etc. A importância dessa dimensão de nossas redes pessoais é enorme, segundo Granovetter, pois ela representa a possibilidade de nos conectarmos a outras redes sociais, abrindo assim um novo leque de relações e oportunidades. O que esses autores preconizam é a possibilidade de estarmos ligados não apenas a nossa cultura local, com suas redes pessoais e interconexões locais, mas também de podermos incrementar o número de laços sociais que se estendem para além de nosso círculo mais próximo. A ampliação dos laços sociais de alguém é, simultaneamente, a ampliação de suas oportunidades, sejam elas profissionais, econômicas ou afetivas.

Como dissemos anteriormente, nossa cultura local é atravessada pelo global. Sendo assim, muitos elementos que nos permitem reconhecer alguém de uma outra cultura já estão circulando em nosso meio mais próximo. Hoje, as tecnologias e a comunicação desempenham esse papel essencial: tornar próximo o distante. Isso significa que o que é comum entra em expansão, passa a incluir não apenas nossa terra, mas também os outros lugares do mundo e, no limite, o próprio planeta. Não há dúvidas de que quando pensamos sobre a atual crise ambiental planetária, estamos de fato construindo um comum que é o nosso planeta. Cabe lembrar que, anteriormente, o fato de habitarmos a Terra era uma espécie de pressuposto implícito, um dado sobre o qual não se discutia. Nesse caso, a Terra possuía muitos sentidos para cada cultura e cada uma vivia o planeta ao seu modo. O que mudou há pelo menos duas décadas é que estamos construindo uma consciência comum sobre o lugar em que vivemos, ou seja, o planeta de todos. E não há como negar que a tecnologia disponibilizada pelo GoogleEarth², por exemplo, tem colaborado nessa construção de forma decisiva. Com ela, podemos observar cada canto remoto do planeta, mergulhar em qualquer lugar, cidade, deserto, montanhas. Todos podem observar o mesmo planeta! Todos podem visualizar as queimadas, desertificações, redução dos glaciais em toda parte do mesmo mundo.

Igualmente importante é o papel da mídia para a expansão desse comum. Por mais que possamos criticar o viés muitas vezes sensacionalista dos meios de comunicação, é inegável que ela desempenha um papel crucial na percepção dos problemas de outras culturas que estão distantes da nossa. Mas aqui um fato interessante se dá: não há como não perceber a similaridade dos problemas que todos enfrentam por todos os cantos do mundo. Isso permite que cada um, a partir de seu ponto de vista local, possa compreender e mesmo se aproximar da alteridade do mundo por meio de algo que lhe é comum, partilhável.

A cultura digital: todos os lugares num único lugar

Quem já não teve a experiência de consultar a Wikipédia³? A primeira página dessa enciclopédia virtual traz um globo como uma montagem em aberto de diversas línguas. Pode-se ver as dez línguas que já apresentam mais de 250 mil artigos postados. Mas se observarmos nessa mesma página abaixo, veremos uma sucessão de prateleiras onde encontramos todas as línguas do mundo, com o número médio respectivo de

2. <http://earth.google.com/>

3. <http://www.wikipedia.org>

artigos já publicados em cada uma delas. A Wikipédia reúne diversos elementos da cultura digital de nossa época. Senão, vejamos: (a) ela está baseada na web e, portanto, pode ser acessada de qualquer computador no mundo. (b) Ela é uma fonte de informação aberta, acessível a qualquer um, em qualquer língua. (c) Ela é fruto do trabalho coletivo de milhões de usuários espalhados pelo mundo, que com seus conhecimentos colaboram para a construção da maior enciclopédia que a humanidade já criou. (d) Ela é também um espaço de comunicação entre usuários e colaboradores. Enfim, a Wikipédia é um dos ícones da cultura digital. Ao lado do Google, que é atualmente a maior fonte de acesso à informação de que dispomos na web, a Wikipédia é o cenário mais completo de todas as culturas da humanidade, desde seu surgimento. São todas as culturas reunidas num único lugar.

A cultura digital carrega essa marca: aproximar as diferenças. E como toda cultura, a cultura digital, que se apóia na inter-relação entre todas as tecnologias digitais, é antes de tudo uma experiência. Nesse caso, devemos tratar de nos apropriar de suas potencialidades para que possamos dar sentido a essa experiência. Como lembra Pierre Lévy⁴, o ciberespaço é um “produto” tanto quanto um meio. Mesmo aqueles que o criticam, de algum modo ajudam a construí-lo.

Mas qual seria a riqueza fundamental dessa cultura virtual? Qual seria sua singularidade ou, ainda, qual a natureza do comum que se constrói coletivamente na cultura digital? A riqueza dessa cultura se constitui basicamente de idéias. Não é preciso consultar nenhum economista para saber que a idéia é a forma imaterial da riqueza. No fundo, todas as riquezas materiais derivam de alguma idéia e da inteligência de pessoas que trabalham com idéias. Como nos lembra Michel Authier⁵, a criação de idéias é um processo que se reproduz por toda parte, em todas as escalas de pesquisa, concepção, produção, venda, consumo e uso. Mas se a riqueza vem das idéias, as idéias vêm das interações sociais. Hoje, no interior da cultura digital, podemos ver que a riqueza resulta da ampliação e da complexificação do espaço de idéias, que ela é condicionada por uma interconexão, uma interdependência, uma competição e uma comunicação cada vez mais densa entre os seres humanos. Há um aumento geral de proximidade prática e da densidade de interconexão entre um grande número de atores.

É possível constatar esse fato quando acompanhamos a rápida evolução das ferramentas de comunicação disponibilizadas na internet. Poucos sabem que já em 1985 tínhamos comunidades virtuais populosas e ativas. Elas funcionavam de forma precária, mas foram decisivas para a consolidação da futura web como espaço de comunicação coletiva. Hoje, não há como negar que as ferramentas de correio eletrônico tornaram-se essenciais para milhões de pessoas em todo o mundo. Mas junto com a expansão dessas, também tivemos a popularização dos fóruns e chats, dos blogs e das comunidades virtuais que se servem de ferramentas cada vez mais sofisticadas. Essa comunicação intensa entre pessoas das mais diferentes culturas consolida uma nova forma de se fazer sociedade que aproxima o global do local, fazendo transitar os valores locais por espaços globais.

4. Pierre Lévy. *Cyberdemocratie*. Paris: Odile Jacob, 2002.

5. Michel Authier. *Pays de Connaissances*. Paris: Ed Du Rocher, 1998.



Foto: Marcelo Pereira

A navegação no ciberespaço é um verdadeiro exercício de exploração de mundos. Nessa exploração, nos movimentamos da mesma forma que fazemos em nosso mundo próximo: reconhecendo o que nos é familiar, interagindo com o que nos é comum, compartilhando experiências que acreditamos válidas para além de nossa vizinhança presencial. A cultura digital revela-se uma extensão da cultura local. Ela requer o mesmo esforço de construção do comum, demanda os mesmos processos de identificação com o que é singular, de investimento de nossa imaginação, inteligência, valores e crenças num espaço onde concorrem pessoas das mais diversas origens.

Mas seria o caso de se perguntar: o investimento crescente das pessoas na cultura digital não as estaria afastando da necessária implicação com sua cultura local? Ou seja, não estaríamos deixando de construir e partilhar o comum da minha terra quando nos dedicamos demasiadamente à construção da cultura digital? É possível. Mas o problema também pode ser colocado de outra forma: de que maneira enriquecemos nossa cultura local ao construirmos uma cultura digital global? Mais uma vez, o que chamamos cultura digital é somente uma forma de expressar nossa relação com a alteridade, com as diferenças, com outras culturas. O termo digital, aqui, significa apenas a forma de mediação dessa relação, que é dada pelas tecnologias de comunicação. O fato importante é que nenhuma cultura local se desenvolve, evolui ou se sustenta sem se confrontar com a alteridade, sem partilhar com o outro, sem exercitar as formas de reconhecimento das diferenças que chegam de toda parte. Isso deve significar, finalmente, que vivemos em um mundo sob o signo da interdependência, onde reconhecemos que, mesmo nas culturas mais diversas, os problemas são ainda comuns e as soluções podem ser, em algum nível, compartilhadas.

Referências bibliográficas

AUTHIER, Michel. *Pays de Connaissances*. Paris: Ed Du Rocher, 1998.

GRANOVETTER, Mark. "The sociological and Economic Approaches to Labor Market Analysis. A Social Structural View" In: FARKAS, G. & ENGLAND, P. *Industries, Firms and Jobs: Sociological and Economic Approaches*. New York: Plenum Press, 1988.

LÉVY, Pierre. *Cyberdemocratie*. Paris: Odile Jacob, 2002.

WELLMAN, Barry & BERKOWITZ, S. D. *Social structures: a network approach*. New York: Cambridge University Press, 1988.

Rogério da Costa

Filósofo, professor do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Coordenador do Laboratório de Inteligência Coletiva – LinC (www.linc.org.br).

Autor de *A cultura digital*, ed. Publifolha, col. Folha Explica, 2003. 2. ed.